



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Ana Hilda Lima do Vale

**“NÃO É SÓ FUTEBOL”: RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE E IDENTIDADE NA
TORCIDA ESPORÃO DO GALO EM TERESINA-PI**

TERESINA – PI

2019

ANA HILDA LIMA DO VALE

**“NÃO É SÓ FUTEBOL”: RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE E IDENTIDADE NA
TORCIDA ESPORÃO DO GALO EM TERESINA-PI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof.º Dr. Ferdinand Cavalcante Pereira

TERESINA – PI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

V149n Vale, Ana Hilda Lima do.
“Não é só futebol”: relações de sociabilidade e identidade na
torcida Esporão do Galo em Teresina-PI / Ana Hilda Lima do
Vale. – 2019.
117 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade
Federal do Piauí, Teresina, 2019.

“Orientador: Prof. Dr. Ferdinand Cavalcante Pereira”.

1. Torcidas Organizadas. 2. Futebol. 3. Sociabilidade.
4. Identidade. I. Título.

CDD 306

ANA HILDA LIMA DO VALE

**“NÃO É SÓ FUTEBOL”: RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE E IDENTIDADE NA
TORCIDA ESPORÃO DO GALO EM TERESINA-PI**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof.º Dr. Ferdinand Cavalcante Pereira
Universidade Federal do Piauí (PPGS)

Interno: Prof.ª Dr.ª Masilene Rocha Viana
Universidade Federal do Piauí (PPGS)

Externo: Prof.ª Dr.ª Mônica da Silva Araujo
Universidade Federal do Piauí (CPPGANTRO)

Suplente: Prof.º Dr. Francisco Mesquita de Oliveira
Universidade Federal do Piauí (PPGS)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Maria Elizabete e ao meu irmão Francisco Walisson, por todo incentivo e esforço de estarem sempre contribuindo com a minha educação.

Aos meus familiares, pelo encorajamento e assistência.

Ao José Henrique, pelo apoio incondicional e companheirismo.

Aos/as amigos/as que me incentivaram e deram forças ao longo dessa jornada, Kamila Lopes, Jéssica de Oliveira, Otávio Leão, Mardina Dourado, Tiago Maciel, Maria Caroline, Jéssica Dias, Fernando Peixoto e Karla Lorena.

Às amigas Lília Fontinelle e Ianne Macêdo, que me acompanham nessa trajetória acadêmica desde a graduação.

Às mulheres inspiradoras que ingressaram comigo no mestrado, Tayná, Suziane, Yasmin e Érika, elas estiveram ao meu lado compartilhando alegrias, angústias, conquistas, frustrações, livros, artigos e apresentações de trabalhos. Em especial, Vivian (minha gêmea) que se tornou uma grande amiga, sempre solícita e afetuosa.

Aos/as companheiros/as Rossana Marinho, Socorro Moraes, Kleber Costa e Weriquis Sales, pelas trocas de conhecimentos e afetos.

A todos/as os/as colegas da 6ª turma de Mestrado em Sociologia, pelos debates e aprendizados.

Aos professores e professoras do PPGS, pelos ensinamentos compartilhados.

Ao meu orientador Ferdinand Cavalcante, por toda confiança, paciência e contribuições valiosas para a produção deste trabalho.

Às professoras Masilene Viana e Mônica Araujo, pela disponibilidade de examinar e contribuir com este estudo.

Aos/as integrantes da Torcida Esporão do Galo, por me possibilitarem adentrar e investigar o campo das torcidas organizadas de futebol.

“Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.”

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar e compreender as práticas de sociabilidade e construções identitárias de indivíduos filiados a torcidas organizadas de futebol. A pesquisa foi desenvolvida com a colaboração da Torcida Esporão do Galo (TEG), ligada ao River Atlético Clube da cidade de Teresina-PI, considerando a formação e organização do grupo, bem como as ações de pertencimento e alteridades que caracterizam as vivências de seus/suas integrantes no espaço urbano. Assim, parte-se da perspectiva de que as relações de sociabilidade, identificações, pertencimento e conflitos não se limitam apenas ao contexto destinado às práticas do futebol profissional, mas que a identidade dos/as torcedores/as organizados/as perpassa por formações subjetivas e construções sociais de condutas, linguagens, signos e símbolos reproduzidos em diversos âmbitos. Ademais, assumindo compromissos de manutenção do grupo e passando a se constituírem enquanto organização burocrática com divisões de cargos e atividades. Aqui, entende-se que as torcidas organizadas fazem parte de um campo social estruturado e estruturante sinalizado por posições e leis específicas (BOURDIEU, 1989), em que esses grupos buscam reconhecimento e disputam entre si por espaço e prestígio, estabelecendo rivalidades e alianças. Portanto, consideramos que “não é só futebol”, em seu sentido técnico de jogo, mas antes é também a identidade desses sujeitos e o modo como vivenciam e organizam suas relações cotidianas a partir de impulsos de sociabilidades – relacionados à preferências clubísticas – dando forma e sentido às suas interações. Desse modo, trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem interativa e interpretativa, operacionalizada por meio de observação participante, com aplicação de entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental, uso e produção de imagens. Os resultados da investigação revelam que os membros da TEG, ao imprimirem um modo particular de vida a partir da cultura esportiva, (re)criam sua identidade de grupo e profissional para se fazerem reconhecidos/as como tal, frente à possibilidade de eminente perda do lugar no campo em que disputam por reconhecimento social.

Palavras-chave: Torcidas Organizadas. Futebol. Sociabilidade. Identidade.

ABSTRACT

This article aims to investigate and understand the practices of sociability and the identity properties of people affiliated of organized soccer supporters. The research was developed with the collaboration of Torcida Esportivo do Galo (TEG), linked to the River Athletic Club of the city of Teresina-PI, considering the formation and organization of the group, as well as the actions of the group and alterities that characterize the experiences of their members in the urban space. Thus, the perspective of relating to sociability, identifications, belonging and conflict is not limited to the context of soccer practices, but rather that the identity of the fans organizers comes through by subjective formations and social constructions of behaviors, languages, signs and symbols reproduced in different areas. In addition, assuming commitments of maintenance of the group and happening to constitute itself as bureaucratic organizations with divisions of loads and activities. In this present research, firms that stand out as holders of organizational events and structures signaled by specific areas and laws (BOURDIEU, 1989) these groups seek for recognition and dispute among themselves for space and prestige, establishing rivalries and alliances. Therefore, we consider that "it's not just soccer" in the technical meaning of the game, but also is an indicator of the type of sport and the way they experience and organize their daily relationships from impulses of sociability - giving shape and meaning to the their interactions. In this way, it is a qualitative research of an interactive and interpretative approach, operationalized through participatory observation, with the application of semi-structured interviews, documentary research, use and production of images. The results of investigation shows that the members of the TEG, by imprinting a particular way of life from the sports culture, (re) create their identity as a group and professional to become recognized as such, facing the possibility of eminent loss of place in the field in which they compete for social recognition.

Keywords: Organized Twisted. Soccer. Sociability. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Logomarca da torcida.....	41
Imagem 2: Torcida Esporão do Galo chegando às proximidades do estádio.....	47
Imagem 3: Loja da Torcida Esporão do Galo	50
Imagem 4: <i>Banner</i> divulgado no <i>Facebook</i> da TEG.....	52
Imagem 5: A TEG chegando ao estádio para acompanhar o clássico Rivengo	56
Imagem 6: Membros da TEG fazendo o gesto de identificação da torcida (DPA).....	63
Imagem 7: Poder Feminino na arquibancada	70
Imagem 8: Mulheres da TEG divulgando a campanha Outubro Rosa no estádio.....	70
Imagem 9: Representante do Poder Feminino bandeirando na arquibancada.....	73
Imagem 10: Bateria da TEG.....	74
Imagem 11: Caminhada da Torcida Esporão do Galo pelas ruas da cidade até o estádio	81
Imagem 12: Quadros pendurados na sede da TEG	82
Imagem 13: Cortesias das torcidas aliadas.....	83
Imagem 14: Faixa da torcida Cearamor estendida na porta da sede da TEG.....	85
Imagem 15: Bandeirão da Torcida Esporão do Galo	91
Imagem 16: Integrante da TEG representando o grupo	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 DIMENSÕES SOCIOCULTURAIS DO FUTEBOL NO BRASIL.....	23
1.1 Popularização e profissionalização do futebol brasileiro.....	24
1.2 Relações de pertencimento entre torcida e clube.....	28
2 O CAMPO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: (RE) CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS.....	36
2.1 Torcida Esporão do Galo: “disposição, ideal e loucura”.....	38
2.2 A formação burocrática das torcidas organizadas.....	47
2.3 Torcidas organizadas no campo social estruturado e estruturante: marcas de identificações e distinções.....	55
2.4 Mulheres em campo: a representação feminina nas torcidas organizadas.....	65
3 A CIDADE DAS TORCIDAS: O “LUGAR” DAS SOCIABILIDADES IDENTITÁRIAS – AFETOS E CONFLITOS.....	75
3.1 Ressignificando o contexto urbano.....	76
3.2 A sede da torcida: espaço físico e simbólico.....	81
3.3 O estádio: espaço de representação e festa da torcida.....	86
3.4 Torcer e pertencer: a construção de afetos e compromissos na torcida organizada.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES.....	105
ANEXOS.....	112

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central as vinculações entre futebol e sociedade, investindo nos estudos da sociologia e antropologia do esporte, explorando criticamente os processos de formações identitárias de indivíduos associados a torcidas organizadas de futebol, representantes de clubes profissionais masculinos. Analisando, então, suas ações de pertencimento e alteridades que caracterizam as vivências de sociabilidades desses sujeitos, não só durante as competições futebolísticas, mas também em variados contextos sociais. Para tal finalidade, foi preciso compreender a significação do futebol nas relações dos indivíduos que fazem parte dessas organizações, bem como o envolvimento com o clube e as experiências de defesa dos símbolos que os representam. Esse entendimento é necessário para refletirmos sobre os aspectos socioculturais do futebol brasileiro e suas implicações, permitindo-nos reconhecer a relevância que este esporte tem para a cultura local, regional e nacional.

Portanto, apresentamos como o objetivo geral da pesquisa a investigação e compreensão das práticas de sociabilidade e construções da identidade de sujeitos filiados a torcidas organizadas de futebol da cidade de Teresina-PI, com foco nas identificações, autoafirmações e disputas por notoriedade. Objetivando especificamente, (a) identificar suas relações de sociabilidades, investigando as trocas de experiências e aspectos organizacionais em variados contextos de interações e atuações; (b) investigar os sentidos e significados das ações de pertencimentos e conflitos no campo¹ social das torcidas organizadas, analisando e compreendendo os símbolos, signos e performances do grupo que participa da pesquisa.

A torcida com a qual desenvolvemos este estudo é a Torcida Esporão do Galo (TEG), ligada ao time River Atlético Clube da cidade de Teresina-PI, fundada no dia 08 de Julho de 2001. O grupo é formado por homens e mulheres de diferentes faixas etárias e condições socioeconômicas, contando com cerca de 200 (duzentos) membros cadastrados e sendo reconhecida como a torcida organizada do futebol profissional piauiense com maior número de integrantes filiados, tratando-se também da torcida riverina com mais tempo em atividade acompanhando o clube. Fatores estes que influenciaram na escolha deste grupo para a realização do estudo.

¹ A categoria de campo é compreendida neste estudo, nos termos de Bourdieu, como um espaço estruturado e estruturante de posições e leis específicas, ocupado por agentes sociais que disputam entre si. Essas posições conflitantes e ao mesmo tempo consensuais, só podem ser definidas em relação a outras de modo relacional (BOURDIEU, 1989).

O River Atlético Clube foi fundado em 1946 na cidade de Teresina, capital do Piauí. Referindo-se, em tempos atuais, ao maior campeão estadual com 30 títulos conquistados. Seu principal adversário no estado é o Esporte Clube Flamengo, time com o qual fazem o clássico “Rivengo”, evento que provoca intensa rivalidade entre suas torcidas. O River é representado por um galo carijó, mascote do time, e pelas cores tricolores preto, branco e vermelho. Correspondendo a um dos clubes mais populares do Piauí, hoje o time do River conta com um público regular de torcedores/as bastante atuantes, vide a formação de quatro grupos que acompanham sua trajetória diariamente, que são: Torcida Esporão do Galo, Torcida River Amigos, Torcida Galo de Aço e Torcida River Chopp. Regularmente o clube disputa o Campeonato Piauiense e, eventualmente, dependendo de seu rendimento na competição, também disputa a Copa Nordeste, Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro. Contudo, apesar de alguns clubes do futebol piauiense participarem de campeonatos regionais e nacionais, o futebol profissional do estado ainda é pouco valorizado pelos setores públicos e privados, sem investimentos básicos de infraestrutura e com patrocínios escassos. Sendo assim, é também diante desse contexto de fragilidade do futebol piauiense que buscamos compreender as experiências dos/as torcedores/as organizados/as no estado, destacando suas peculiaridades locais.

O interesse para o desenvolvimento desta pesquisa surgiu precisamente na graduação, ainda no período inicial do curso de Ciências Sociais, durante uma participação como ouvinte em um grupo de discussões de trabalhos científicos sobre o estudo das dinâmicas esportivas nas Ciências Sociais, evento que ocorreu no XV Encontro de Ciências Sociais - Norte/Nordeste (CISO) no ano de 2012, sediado na Universidade Federal do Piauí. Durante as apresentações e discussões dos trabalhos tive a oportunidade de compreender o universo do futebol como uma temática ampla e relevante para ser pesquisada cientificamente. Em consequência disso, iniciei pesquisas bibliográficas e de campo a respeito desta temática que (ainda) é pouco explorada no Nordeste, sobretudo no Piauí, e assim, na monografia de graduação realizei um estudo sobre torcidas organizadas do futebol piauiense. Estudo no qual investiguei o contexto histórico do futebol local e da formação das torcidas organizadas no estado, analisando a conjuntura específica em que esses sujeitos interagem e, neste ponto, foi possível perceber o fenômeno das torcidas organizadas no Piauí como resistência, pelo empenho de permanecerem atuantes mesmo diante das dificuldades que o nosso futebol vem enfrentando nos últimos anos. Entretanto, poucos grupos conseguem de fato se manter em atividade diante desse contexto. Decerto, esses sujeitos dedicam-se para assegurar a formação e continuação do grupo como preservação dos sentimentos de pertencimento referentes ao

clube e a torcida, construindo relações de sociabilidades próprias e assumindo suas identidades. Portanto, a presente pesquisa é também uma continuidade mais sistemática dos estudos iniciados durante a graduação, buscando aqui maior imersão no campo e a compreensão das experiências de torcedores/as em variados âmbitos de interações, realizando um olhar de perto e de dentro, assim como propõe Magnani (2002).

Isto posto, também me posiciono como espectadora, desde a infância, das competições futebolísticas do Piauí e das demais regiões do país, acompanhando tanto os jogos televisionados quanto frequentando estádios, esporadicamente. Sendo assim, outro fator importante que contribuiu para o desenvolvimento deste estudo, foi poder constituir um feixe de observações sistemáticas e mais atentas à complexa dinâmica interna das performances e linguagens reproduzidas por torcedores/as organizados/as tanto nas competições futebolísticas quanto fora delas, ou seja, a percepção da internalização heterogênea e reprodução de sociabilidades torcedoras por grupos que acompanham e vivenciam suas predileções por determinado clube de futebol, não só como entretenimento, mas também como estilo de vida, reinventando espaços físicos e simbólicos, construindo outras possibilidades de experiências sociais e culturais entre sujeitos que se sentem acolhidos pela composição do grupo de maneiras singulares. Então, nessa perspectiva, o intento de pesquisar as relações de sociabilidades e identidades torcedoras, no âmbito das torcidas organizadas, é também motivado pelo entendimento da composição cultural brasileira refletida no futebol através de comportamentos, códigos, rituais e símbolos que caracterizam a formação do indivíduo na qualidade de sujeito social.

A produção de uma pesquisa sociológica acerca desta temática apresenta relevância social e científica ao se inserir no campo de estudos da Sociologia do Esporte e nas pesquisas sobre a organização e comportamentos de grupos que integram o espaço urbano, revelando e compreendendo particularidades da sociabilidade e identidade de torcedores/as organizados/as do futebol piauiense, sendo este o lócus de investigação, analisando as experiências desses sujeitos em um contexto peculiar e o modo como criam suas identificações, alianças e rivalidades, construídas a partir da cultura esportiva. Além disso, estes estudos trazem importantes contribuições sociológicas e antropológicas no que concerne a compreensão da formação de sujeitos sociais e culturais que se relacionam por meio de impulsos de sociabilidades (SIMMEL, 2006) dando forma e sentido às suas interações.

As torcidas organizadas de futebol são corporações sociais que se reúnem através de interesses comuns - torcer e acompanhar a trajetória de determinado clube - e estabelecem regras inerentes em torno de projetos que dão sentido às ações de seus membros e determinam

padrões de comportamentos distintivos. O futebol, sobretudo para os/as torcedores/as organizados/as, não se traduz apenas em um momento de lazer, pelo contrário, ele faz parte de um estilo de vida próprio, no qual vários/as torcedores/as constroem carreiras profissionais dentro de uma torcida organizada, chegando a adaptar suas relações de trabalho, pessoais e familiares com as atividades do grupo (TOLEDO, 1996). Desse modo, podemos considerar que “não é só futebol”², em seu sentido técnico de jogo, mas antes é também a identidade desses sujeitos e o modo como vivenciam e organizam suas relações cotidianas. Nesse seguimento, desenvolvemos esta temática partindo da seguinte questão: Como são construídas as relações de sociabilidade e identidade dos sujeitos membros de uma torcida organizada de futebol na cidade de Teresina-PI?

Portanto, partimos da compreensão de que as vivências de sociabilidade, identificações e alteridades não ficam restritas apenas ao espaço destinado às práticas do futebol. A construção da identidade torcedora passa por formações subjetivas – paixão e emoção ligadas a um clube – e por uma construção social e cultural de linguagens e símbolos reproduzidos em diversos espaços. Essa identificação vai além da forma puramente estética, pois os grupos exigem padrões de comportamento, engajamento e fidelidade de seus membros que estão imersos em um campo de competições e autoafirmações entre torcidas, admitindo, de certa forma, práticas violentas. Desse modo, a ação transgressora desses sujeitos está associada a um caráter excêntrico que faz com que se sintam como torcedores/as diferenciados/as, assumindo condutas de dedicação e defesa do grupo.

A TEG ao imprimir um modo particular de vida, este grupo social, (re)cria sua identidade de grupo e profissional para então se fazerem reconhecidos/as como tal, mantendo-se em atividade constante, frente à possibilidade de eminente perda do lugar no campo social em que disputam por reconhecimento.

Tendo em vista o foco deste estudo, passamos agora para a discussão da abordagem metodológica e os procedimentos utilizados na operacionalização da pesquisa, como técnicas e teorias empregadas para a construção e interpretação dos dados.

Bourdieu (1989), alerta para os riscos e desafios que estão presentes no fazer científico dos/as sociólogos/as, expondo de modo crítico como devemos proceder diante dos métodos e técnicas de pesquisa que auxiliam na (re)construção científica de objetos socialmente

² Essa expressão é bastante utilizada entre sujeitos que vivem o contexto futebolístico para além do entretenimento, especialmente os/as que fazem parte dos grupos de torcidas organizadas.

importantes, apreendendo a pesquisa de modo racional sem cair nas armadilhas da evidência³. Para isso, o autor aborda a conexão entre teoria e método, argumentando que as combinações entre o empírico e o teórico dão corpo à construção e análise do objeto de estudo. “É preciso saber converter problemas muito abstratos em operações científicas inteiramente práticas” (BOURDIEU 1989, p.20). Esse trabalho exige uma série de correções e ajustes que vão dando corpo aos objetivos da pesquisa.

Para a produção deste estudo sociológico sobre a construção identitária de sujeitos integrantes da Torcida Esporão do Galo, realizamos uma pesquisa qualitativa de abordagem interativa e interpretativa, considerando as relações entre teoria e prática na construção, sistematização e análise dos dados. Diante dos objetivos deste estudo, desenvolvemos a pesquisa de campo buscando informações coerentes e relacionadas a real conjuntura dos sujeitos e, assim, superando a clássica dicotomia entre pesquisador/a e pesquisados/as, pois a participação em campo proporciona uma visão mais íntima do processo social em uma relação de alteridade, como diz Cicourel (1990).

Tratando-se de um estudo sobre construções e relações de sociabilidade e identidade de sujeitos pertencentes a um grupo articulado, foi preciso (re)conhecer e analisar as experiências partilhadas por esses indivíduos em seus múltiplos espaços de interações e atuações. Portanto, o trabalho exploratório possibilitou, além da aproximação com a realidade do grupo, o próprio (re)direcionamento teórico e a verificação dos pressupostos iniciais e da problemática de pesquisa.

O levantamento bibliográfico em livros e artigos de estudos que abordassem temáticas sobre a Sociologia e Antropologia do Esporte, em especial, relacionados a torcidas organizadas de futebol, bem como a produção de fichas de leituras, foram desenvolvidos ao longo da pesquisa em um processo contínuo de atualizações e revisões. Igualmente, foi realizada a investigação de materiais bibliográficos voltados para conceitos e categorias de sociabilidade, identidade, e conflitos, entendendo que essa atividade é frequente na produção qualitativa, visto que além de ter auxiliado na construção do objeto e do problema de pesquisa, também permitiu a seleção adequada do referencial teórico para a análise dos dados e discussão dos resultados, como lembram Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (2004).

Existem variados métodos e técnicas de construções de dados que podem ser empregadas em uma mesma pesquisa, mas quanto a isso deve-se ter cuidado para não reduzir

³ A sociologia trabalha com objetos que fazem parte da própria realidade social do/a pesquisador/a, portanto, é importante não tratar fatos já conhecidos como uma evidência, antes é preciso apreendê-los cientificamente (BOURDIEU, 1989).

o processo metodológico ao técnico. As informações teóricas e as pressuposições apropriadas à análise que se pretende obter guiam na escolha dessas ferramentas, o que supõem elementos de interpretação e explicação dos fenômenos e fatos. Certamente, o levantamento dos dados por si só não podem ser verdadeiros, os dados precisam estar relacionados com métodos de pesquisa que possam verificá-los (BRUYNE, 1991). Bruyne (1991) faz uma subdivisão analítica da natureza dos dados em três campos: campo doxológico (coleta de informações), campo epistêmico (seleção e transformação dos dados) e campo teórico (redução e reflexão dos fatos). Desse modo é pretendido recolocar o estágio da construção de dados no ambiente frequente e real da pesquisa.

Para a operacionalização e produção deste estudo, três modos de construção de dados foram trabalhados simultaneamente aos processos de revisões bibliográficas, que são: observação participante; entrevistas semiestruturadas; pesquisa de documentos e imagens.

A observação participante tem a vantagem de revelar as atividades cotidianas do grupo estudado, permitindo a comunicação e apuração direta, mais intensa, no mundo social dos sujeitos. No entanto, é necessário estabelecer mediações e estratégias que auxiliem nessa imersão em campo para não perder o objeto e os objetivos da pesquisa. Precisamos “estabelecer um ponto de equilíbrio entre conformidade às regras do grupo e a manutenção de um ponto de observação sobre a realidade que é objeto de investigação” (RANCI, 2005, p. 56).

Sendo assim, nesta pesquisa, a observação participante ocorreu na sede da Torcida Esporão do Galo, em alguns eventos do grupo e nos estádios em dias de jogos do River-PI. Objetivando apreender e registrar as ações e os discursos dos integrantes da TEG em seus espaços de interações e exaltações, buscando fenômenos latentes que podem escapar ao sujeito, mas que não escapam ao olhar atento da observadora, percebendo suas relações e interações cotidianas. De acordo com Becker (1997), o método de observação participante também permite a construção de dados a partir das conversações entabuladas com alguns participantes da situação, descobrindo suas interpretações sobre o acontecimento observado e auxiliando nas anotações de campo.

Portanto, o diário de campo foi construído no andamento da observação participante realizada junto à TEG, desempenhada durante eventos e atividades na sede do grupo que ocorreram no segundo semestre de 2018, bem como durante jogos do River pelo Campeonato Piauiense no período de janeiro e fevereiro de 2019. Dessa maneira, também foram referidas algumas abordagens feitas diretamente aos membros no momento das observações, buscando apresentar significados para situações e práticas que estavam sendo analisadas.

Com base em Magnani (2002), resgatamos na produção deste estudo um olhar de perto e de dentro das experiências da torcida, capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos das perspectivas de organização e experiências do grupo que, para efeito de contraste, são qualificados pelo autor como de fora e de longe.

A análise das relações de grupos exige um estudo de imersão que possa perceber comportamentos específicos, símbolos, linguagens e rituais explicitados nas trocas de experiências entre membros da torcida. Procuramos estabelecer contatos de empatia e alteridade livres de juízo de valores, investindo tanto na observação quanto na comunicação e anotação do que podemos encontrar em campo, mantendo o cuidado para não assumir o lugar dos sujeitos de pesquisa e confundir os papéis no campo. Assim, “o observador é parte do contexto da observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por esse contexto” (CICOUREL, 1990, p.87).

O trabalho em campo tenciona o contato direto com os sujeitos, sendo este um momento de trocas de informações e de construção mútua dos dados. Em tal caso, a utilização das entrevistas combinadas à observação participante oportuniza a compreensão das relações entre os atores sociais e seu contexto. “O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2003, p.65). Assim, o uso de entrevistas também deve ser auxiliado por estratégias provenientes da observação e anotações no diário de campo, para uma melhor compreensão dos fenômenos observados, fornecendo informações pertinentes, adequando a linguagem e a postura, percebendo os sinais verbais e não verbais e, em certos casos, agindo sobre as condições dadas pela situação.

Como relata Kaufman (2013), o método da entrevista compreensiva permite que o/a entrevistador/a esteja envolvida nas questões, rompendo hierarquias e visando o envolvimento do/a entrevistado/a. Assim, a escolha da entrevista semiestruturada pode ser justificada pelo próprio escopo deste estudo, pois, compreender a formação identitária de sujeitos enquanto parte de determinado grupo, exige mecanismos de aproximações para que os/as entrevistados/as respondam sobre temas que possam originar conhecimentos a respeito de seus comportamentos e interações.

Nesse sentido, foram efetivadas um total de 6 (seis) entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres membros da TEG, entre diretores/as e associados/as, todos/as maiores de idade e com participação ativa no grupo. Essa quantidade de entrevistas foi considerada pela qualidade dos discursos e das informações obtidas com sujeitos significativos. Então, a escolha dos/as entrevistado/as deu-se de modo sistêmico, selecionando por idade (todos/as

os/as entrevistados tem entre 21 e 34 anos de idade), gênero, cargos e funções no grupo. Nos diálogos foram abordados temas diversificados (ver apêndice IV, p.110-111) que pudessem contribuir no entendimento das respostas sobre sociabilidade, identificações, pertencimento e os conflitos que perpassam pelo processo de construção da identidade dos/as torcedores/as.

Para a realização desta atividade foi apresentado e aplicado individualmente, para cada sujeito de pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ver apêndice I, p. 105-106), garantindo a segurança e privacidade dos/as entrevistados/as. Desta forma, para manter o anonimato dos sujeitos de pesquisa e para dar melhor fluência à narrativa – dada a importância de cita-los/as ao longo do texto – faço referência a cada um/a deles/as a partir das funções que exercem no grupo: Presidente; Diretor de MP: Associado F; Associada G; Conselheira; Puxador.

O **Presidente** é o principal responsável pela organização geral e manutenção da torcida. Ele foi o sujeito de pesquisa com quem mais teve contato e que fez a ponte de aproximação com os demais membros da TEG. Torce pelo River desde os 9 (nove) anos de idade, por influência de seu pai. Está atuando na torcida desde o ano de 2001, sendo também um dos fundadores do grupo. Atualmente concilia sua função na TEG com o seu emprego em uma empresa privada.

O **Diretor MP** desempenha no grupo a função de produção e preservação dos materiais e patrimônios da TEG e, segundo ele, o interesse para assumir esse cargo foi proveniente de seus estudos sobre torcidas organizadas e o entendimento da importância dada à representatividade do grupo através dos materiais de identificações (faixas, bandeiras), assim como o zelo de seus patrimônios. Torce pelo River desde criança, por influência de seu tio que, por conhecer a diretoria do clube, costumava coloca-lo para entrar no gramado junto com os jogadores antes do início da partida. Ele conheceu a TEG nos estádios e está atuando na torcida há 5 (cinco) anos.

O **Associado F** integra a torcida desde 2006, no passado já foi líder de uma subdivisão do grupo e também assumiu o cargo de diretor financeiro e de vice-presidente por um tempo. Decidiu sair da diretoria por conta do seu emprego, pois, como ele relata, as obrigações que exercia na TEG demandavam um tempo de dedicação que já não conseguia mais dispor. Atualmente atua no grupo como membro geral sem participação direta no gerenciamento da torcida. É torcedor do River desde o ano de 1996 e conheceu o clube através de um programa esportivo da TV local.

A **Associada G** torce pelo River desde os 13 (treze) anos, quando conheceu o clube através da mídia local e logo passou a frequentar os estádios de futebol por conta própria. Está

associada à TEG desde 2015, época em que tinha 17 (dezesete) anos de idade. Atualmente é estudante universitária do curso de Pedagogia da UFPI e, segundo ela, participar da torcida faz com que obtenha um planejamento melhor para se dedicar aos seus compromissos diários, pois aprende com o grupo noções de organização, disciplina e respeito.

A **Conselheira** filiou-se à TEG por convite de alguns integrantes, e diz que seu estímulo para entrar no grupo foi o de tentar mudar a visão de que torcida organizada é baderna e violência, buscando mostrar para outras pessoas como funcionam as atividades e os projetos que são desenvolvidos na Esporão do Galo. O seu contato foi primeiro com a torcida e depois com o clube, ela conta que já acompanhava os jogos do River pela televisão, mas ainda não tinha uma ligação com time e, como ela narra, quando começou a frequentar os estádios com a Esporão do Galo foi então que passou a criar um verdadeiro vínculo afetivo pelo clube e “tomar gosto” pela arquibancada.

O **Puxador** é o sujeito que dá voz a torcida e que comanda todo o grupo nos estádios, indicando as canções e performances que devem ser apresentadas. Torcedor do River desde o ano de 2000, a escolha de torcer pelo time ocorreu por identificação com a história do clube e pela rivalidade com o Flamengo. Filiou-se à TEG em 2010, em suas palavras, “por amor ao futebol e pelo amor de estar me relacionando em grupo”. É estudante do curso de História na Universidade Estadual do Piauí e integrante de um grupo de dança folclórica de Bumba Meu Boi. Possui um vasto conhecimento sobre torcidas organizadas e demonstra bastante empenho e dedicação ao grupo.

As negociações das entrevistas ocorreram sem maiores transtornos, apenas em um caso específico foi preciso desmarcar o encontro por problemas de saúde da torcedora que seria entrevistada, o que me fez entrar em contato com outra coparticipante. No geral, o presidente me passava algumas informações e a partir disso eu iniciava uma aproximação com os sujeitos e, então, explicava de modo sucinto sobre a pesquisa, perguntava a respeito da disponibilidade para uma conversa, explicava o tempo que precisava ser reservado para tal, depois acertava os detalhes do local e horário pelo *Whatsapp*. Antes de iniciar as gravações, apresentava o TCLE e informava sobre os procedimentos éticos da pesquisa.

Conforme descreve Bourdieu (1997), a entrevista pode ser entendida como um exercício espiritual, visando um distanciamento social de si, anulando qualquer relação de superioridade, empenhando-se ao máximo possível em converter nosso pensamento no pensamento do outro. Dessa forma, a entrevista não é uma simples técnica de pesquisa, mas também é uma forma de estabelecer a relação direta entre pesquisador/a e pesquisado/a.

Já na pesquisa de documentos realizamos leituras e investigações de materiais (crônicas esportivas, revistas, jornais, *websites*, redes sociais) que apresentavam informações sobre a formação e formalização da Torcida Esporão do Galo, bem como a análise de regimentos internos e o Estatuto do Torcedor. Essa pesquisa documental auxiliou na investigação dos dados empíricos e na revisão teórica, complementando informações. Nessa etapa, como diz Ciellard (1997), é fundamental que o/a pesquisador/a tenha cuidado com a validade, generalidade e confiabilidade dos documentos. Averiguando a autenticidade dos materiais, examinando se não sofreu nenhum tipo de desvio ou fraude, assim como, inquerindo a respeito da finalidade e os motivos de sua produção.

Também fizemos uso e produção de imagens, ampliando a compreensão dos processos de simbolização dos universos culturais do grupo pesquisado, uma vez que estes sujeitos se relacionam em espaços simbólicos de atuações performáticas e imagéticas. O processo de interpretação e produção das imagens também envolveu a interação entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa, pois, as imagens possuem codificações e linguagens específicas que devem ser contextualizadas no espaço tempo em que são produzidas, como observa Bittencourt (1998). É importante identificar e relacionar o uso das imagens de acordo com os objetivos e o problema de pesquisa, para que não se torne um mero acessório. Também foi essencial garantir a autorização do grupo para uso e o consentimento das imagens produzidas.

Dessa maneira, vale ressaltar que a pesquisa qualitativa fornece demasiada quantidade de dados que precisam ser organizados e reduzidos (APPOLINARIO, 1996). Para a sistematização e interpretação dos dados construídos nesta pesquisa, trabalhamos com métodos que permitiram apreender os sentidos e significados das experiências partilhadas na torcida, sempre atenta as relações entre os campos doxológico, epistêmico e teórico. Assim, foi preciso certificar-me da qualidade das informações construídas junto aos sujeitos de pesquisa, bem como os materiais textuais, verificando sistematicamente sua disposição no tempo e espaço, objetivando a validade interna, externa e confiabilidade⁴ em uma abordagem qualitativa, compreendendo o fenômeno em seu sentido complexo, sem criar generalizações.

A análise dos dados ocorre desde o momento de sua construção em campo, onde o/a pesquisador/a reflete sobre suas observações e impressões, tal como descreve Appolinário (1996). E para a organização e interpretação dos dados, produzimos mapas de associação de ideias, com base em Spink e Lima (2000), sistematizando os processos de análise das práticas

⁴ Validade interna estabelece o vínculo causa-efeito. Validade externa se refere ao grau de generalização dos resultados obtidos na pesquisa relacionando a estudos semelhantes. Confiabilidade é a reprodutibilidade da pesquisa com resultados parecidos, visando estabilidade, coerência, exatidão e valor de previsão. (LAPÉRIÈRE, 2008).

discursivas e narrativas, organizando os conteúdos a partir de categorias teóricas relacionadas aos objetivos da pesquisa, seguindo a sequência de escuta e transcrição das falas, identificando em quadros comparativos, os padrões e relações entre as informações, objetivando descobrir seus significados. Lembrando que os mapas não são técnicas fechadas, e o próprio processo de análise pode levar a redefinição de categorias (2000, p.107). Para a análise dos processos documentais e discursivos sobre a formação e construção histórica do grupo (que aparecem de modo explícito ou implícito na fala dos sujeitos) foi efetuado o uso de linhas narrativas que auxiliaram na compreensão dos processos históricos e produção de sentidos (SPINK; LIMA, 2000). À vista disso, na fase de transcrição e sistematização das práticas discursivas também foi necessário perceber e verificar frases recorrentes, contradições e contradições recorrentes, dado que essas ferramentas sinalizam categorias nativas e auxiliam na construção do modelo teórico (KAUFMAN, 2013).

Além disso, na produção da pesquisa qualitativa é preciso perceber a coerência entre as observações empíricas, os discursos dos sujeitos e a interpretação dos dados. Nesse caso, Lapérière (2008) indica a confrontação sistemática das interpretações com o conjunto de observações empíricas, passando por etapas de: codificação precisa, consistente e exaustiva; pela triangulação das observações e perspectivas, tanto da pesquisadora quanto dos sujeitos de pesquisa; reformulação da categoria de análise e pressupostos até a saturação, parcimônia e adaptabilidade da teoria ou das descrições obtidas; enfim, a verificação do alcance explicativo da teoria (2008, p.431).

Para fortalecer o processo de codificação e sistematização dos dados, foi utilizado o *Software* de análise qualitativa *ATLAS.ti*, que facilita a organização e categorização de dados construídos a partir de entrevistas semiestruturadas, ou mesmo de outros tipos de dados em formatos de áudios e imagens. O uso deste programa foi realizado de forma crítica em conjunto a análises teóricas, empíricas e de interpretações comparativas, assim, evidenciando a importância da codificação e sistematização dos dados na pesquisa qualitativa, mas sem reduzir essa etapa aos procedimentos técnicos e automáticos.

Em relação aos comprometimentos éticos, este estudo foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (em 14 de maio de 2018 - CAAE 86612718.2.0000.5214) visando confirmar a veracidade do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando a participação voluntária dos sujeitos de pesquisa, garantindo também o respeito aos direitos individuais e coletivos. Assim, tratando-se de uma pesquisa de campo exploratória é necessário que tenhamos cuidado com a divulgação de nomes e imagens que possam ferir o código de ética na pesquisa social, bem como,

assumindo compromissos éticos com os próprios sujeitos, sem exercer pressões para obter informações, ou manipular os dados. Um dos princípios éticos essenciais é o retorno dos resultados às pessoas diretamente envolvidas, pois, como lembra Jaccoud (2008), o campo não é um simples espaço de produção de dados, mas também um lugar de trocas.

Em síntese, este texto encontra-se organizado do seguinte modo, primeiro foi apresentada uma introdução com a problematização do objeto de estudo, os objetivos da pesquisa e justificativa da temática. Assim como, discutindo a abordagem metodológica e os procedimentos para a realização deste estudo. Posteriormente desenvolvemos o capítulo de discussão teórica sobre as dimensões sociais, culturais e políticas do futebol brasileiro, dividido em dois tópicos, o primeiro passando pelos processos e impactos da popularização e profissionalização desse esporte no país, e o segundo abordando as causas e consequências das relações de afetividade e pertencimento entre torcida e o clube. Em outro capítulo, dividido em quatro tópicos, debatemos a formação e estruturação dos grupos de torcidas organizadas de futebol no Brasil, tal como, analisando as relações de sociabilidades e identidade na Torcida Esporão do Galo – apresentando prontamente informações empíricas do campo de pesquisa – discorrendo sobre suas identificações, autoafirmações e disputas por notoriedade, apresentando suas experiências no campo social e, nesse seguimento, discutindo sobre o lugar das mulheres nas torcidas organizadas, em especial na TEG. Em seguida, apresentamos um capítulo sobre as atuações dos/as torcedores/as organizados/as da Esporão do Galo, suas interações variadas que se inserem no contexto urbano, analisando as configurações com que esses sujeitos ocupam a cidade, fazendo uso e ressignificação de certos espaços como a sede da torcida, estádios de futebol, pedaços e trajetos. Ademais, discutindo a relação entre o ato de torcer e pertencer enquanto construção de relações afetivas e compromissos na torcida organizada. Por fim, estão descritas as considerações finais e as referências utilizadas no desenvolvimento deste estudo.

1 DIMENSÕES SOCIOCULTURAIS DO FUTEBOL NO BRASIL

O futebol enquanto modalidade esportiva de grande destaque em vários países passou a fazer parte do interesse de pesquisadores/as das Ciências Sociais que buscam explorar e compreender o impacto desse fenômeno em diversos setores da sociedade, encontrando-se presente em nossas relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Dunning (1999) reforça que o esporte enquanto objeto de investigação social pode ser pesquisado de modo relativamente autônomo devido a sua dimensão coletiva e individual, tratando-se de um produto da ação humana capaz de influenciar ou ser influenciado por outros âmbitos sociais. A atenção das massas direcionada à mídia esportiva, os altos investimentos de dinheiro público e privado, a movimentação comercial e de *marketing*, o número de pessoas que regularmente praticam ou acompanham alguma modalidade esportiva - seja por vínculos empregatícios ou não -, até mesmo as metáforas esportivas utilizadas com frequência em variados círculos sociais, são fatores que confirmam a importância do esporte, especialmente do futebol, na sociedade moderna.

Para analisar a relação entre futebol e sociedade no Brasil, inicialmente, é preciso reconhecer que as identificações culturais e o imaginário social brasileiro estão representados através das práticas e paixões futebolísticas que transcendem os espaços esportivos, passando a fazer parte das relações cotidianas de várias pessoas, proporcionando noções de pertencimento local, regional e nacional. Podemos identificar essa expressiva influência do futebol no Brasil durante as realizações de megaeventos esportivos, como por exemplo, nos Jogos Olímpicos ou na Copa do Mundo FIFA (Federação Internacional de Futebol), nos quais as competições de futebolísticas tem especial atenção das massas, mobilizando materialmente e simbolicamente uma parte considerável da nação, deixando evidente seu impacto e representação cultural entre públicos de todas as regiões, classes sociais, gênero, etnias e gerações. Logo, o futebol brasileiro tem um alcance democrático e essas relações não devem ser reduzidas a interesses recreativos ou mercadológicos do meio esportivo, existem também significações identitárias que evidenciam interculturalidades⁵, considerando diferenças, negociações e conflitos no contexto global.

Nesse sentido, Roberto DaMatta, (1982) compreende que futebol no Brasil é um dos agentes fundantes da nossa identidade, universalizando regras e condutas que são reiteradamente representadas e dramatizadas em vários segmentos sociais. Assim, o esporte

⁵ Categoria, aqui, referida nas definições de Canclini (2009), enquanto confrontações e relações de trocas entre grupos que evidenciam suas diferenças culturais e territoriais.

aparece como ferramenta de socialização e identificação que não deve ser analisado de modo individualizado a partir de seus conceitos técnicos e em oposição à realidade social. O autor defende que a sociedade se expressa através do esporte do mesmo modo que nas produções laborais ou políticas, portanto trata-se de um importante tema para ser pesquisado nas Ciências Sociais. “O Futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando, portanto, descobrir-se” (DAMATTA, 1982, p.21).

Estudar sociologicamente as representações e significações do futebol na sociedade brasileira nos permite compreender parte relevante das nossas identificações sociais. Em tal caso, quando se analisa historicamente a popularização e profissionalização do futebol no Brasil, é possível perceber seus influxos culturais e políticos. Portanto, referir-se a essa modalidade esportiva apenas como entretenimento, capaz de ludibriar as massas em relação a acontecimentos políticos, é ignorar a complexidade de acontecimentos histórico-culturais que demonstram o envolvimento desse esporte nas mais variadas relações sociais, compreendendo também sua utilização política e de mercado. Como retrata Nelson Rodrigues (1993), no espetáculo futebolístico o pior cego é o que só vê a bola.

1.1 Popularização e profissionalização do futebol brasileiro

A origem e popularização do futebol no Brasil estão associadas às disputas de classes pela dominação e controle dessa modalidade esportiva no início do século XX, período em que a elite possuía substancial interesse na continuidade do amadorismo das competições futebolísticas para que assim pudessem excluir dos campeonatos as agremiações e sujeitos de baixa renda que não tinham condições de custear seus equipamentos e manter a formação popular dos clubes (CALDAS, 1990). O futebol monitorado pela elite dificultava a presença de jogadores vindos das comunidades pobres e excluía a participação de jogadores negros.

Apesar de todos os obstáculos e discriminações por parte da elite brasileira, a estima pelo futebol conseguiu ultrapassar essa divisão de classes e se expandiu para bairros menos abastados. Prontamente, sujeitos residentes de comunidades populares praticavam o esporte nos campos de várzea⁶ e inauguravam novas formas de brincar com a bola, o que mais tarde passou a ser reconhecido como “futebol-arte” cheio de efeitos, gingados e dribles,

⁶ Os campos de várzea são espaços destinados à prática do futebol recreativo de bairros, geralmente esses campos não possuem uma estrutura adequada de jogo. Mas, apesar de ser uma prática que não exige as regras rígidas do futebol profissional, nesses campos surgiram os chamados clubes de várzea que muitas vezes são palco de revelações de grandes craques do futebol do país.

identificando um estilo de jogo próprio do futebol brasileiro e construindo uma identidade através do esporte (DAOLIO, 2005). As várzeas se tornaram os principais espaços de interação desses sujeitos que se reuniam para jogar e, além disso, movimentando expectadores que acompanhavam com entusiasmo as partidas. Da mesma forma, algumas fábricas incentivavam a prática do futebol entre operários, objetivando a integração de seus funcionários (SOUZA, 2008). Em tal caso, diante do bom desempenho das práticas futebolísticas entre os operários, estes sujeitos passaram a ser observados pelos dirigentes esportivos e, assim, aos poucos foram adentrando nos clubes de futebol e participando dos campeonatos amadores, ainda que com participações mínimas e privilegiadas.

O privilégio de ser escolhido criaria uma nova categoria de operário [...], “operário-jogador”. Eles formariam a “elite operária do futebol” e teriam algumas regalias por isso: passariam a fazer um trabalho mais leve, para que sua energia se concentrasse também no futebol. Nos dias de treinos poderiam deixar o serviço mais cedo. Quase sempre os operários jogadores eram mais rapidamente promovidos. Em suma, eles eram discretamente protegidos pela diretoria da empresa (CALDAS, 1994, p. 43).

Já em meados de 1930, com a crescente popularização do futebol no país, os campeonatos amadores recebiam números cada vez maiores de torcedores/as que se tornavam bastante ativos/as durante os jogos, pressionando seus times por vitórias e exigindo a presença de bons jogadores. Diante disso, buscando resultados satisfatórios, as diretorias dos clubes foram forçadas a aceitarem atletas vindos de diversos lugares e níveis sociais, incluindo desportistas negros⁷. Assim, essa formação popular dá início a movimentos de reivindicações pela profissionalização do futebol brasileiro. Visto que, embora os campeonatos fossem amadores, as competições e rivalidades acirradas exigiam dos jogadores dedicação e empenho profissional, logo, era preciso um retorno financeiro para que os clubes, sobretudo os de formações populares, pudessem alcançar os resultados esperados pelas torcidas que pagavam para assistir aos jogos (CALDAS, 1990).

Em meio a esses acontecimentos, os dirigentes esportivos instituíram a profissionalização do futebol no Brasil, criando possibilidades de renda fixa para atletas de menor poder aquisitivo. Nesse segmento, a conjuntura de popularização e profissionalização do futebol brasileiro evidenciam aspectos importantes para o desenvolvimento cultural e econômico do país.

⁷ O clube carioca Vasco da Gama, no ano de 1923, foi o primeiro time brasileiro a aceitar jogadores negros em sua equipe, o que resultou no bom desempenho do clube na primeira divisão do campeonato regional, e serviu de inspiração para que, aos poucos, outros clubes também admitissem a participação de jogadores negros (MAGÁLHAES, 2010, p.20).

É indispensável se levar em conta que o futebol era um esporte de elite que, por sua própria origem de participação coletiva, tendia mesmo a se popularizar. Agora, é evidente que essa popularização tem toda uma história onde estão implícitos os valores de classe social e isto implica, em última instância, na existência de um valor cultural. De um lado, a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer; do outro, a classe proletária que por determinação histórica da própria origem do futebol, começa a absorver um valor cultural, até então alheio ao seu universo lúdico (CALDAS, 1990, p.59).

O futebol consolidou-se amplamente na realidade brasileira, permitindo que várias pessoas pudessem desenvolver e apresentar seus desempenhos e habilidades esportivas de modo promissor, mas principalmente, oportunizando que sujeitos periféricos tivessem chances de ascender socialmente por meio do trabalho e desenvolvimento de suas potencialidades (SANTOS, 2013). É possível destacar que um dos sonhos mais comuns entre jovens que se encontram em condições sociais desprivilegiadas é o de ser jogador profissional de futebol. Essa concepção é usualmente reproduzida indicando o esporte como o “caminho mais fácil” para se conseguir estabilidade, especialmente entre as classes populares, possibilitando construir uma carreira de prestígio e reconhecimento coletivo, idealizando jogar em grandes clubes e, principalmente, na Seleção Brasileira.

Em nível nacional o povo brasileiro sonha vencer a Copa do Mundo como se esse acontecimento fosse tornar o país mais próspero. Vencer o mundial, conquistar a vitória nos gramados, torna-se, para muitas pessoas, uma demonstração coletiva de força, ainda que momentânea, mas que representa unicidade nacional para aqueles que enxergam no futebol forte identificação cultural e o reflexo de nossas experiências sociais (SANTOS, 2013).

Esse interesse manifestado em dimensão nacional também está associado ao fortalecimento da identidade cultural brasileira através do futebol. Nesse sentido, entende-se que a Seleção Brasileira de futebol pode promover um “bem comum” a partir do seu desempenho nas disputas com as seleções de outros países, se caracterizando enquanto aparente superação das adversidades socioeconômicas e culturais do Brasil e, desse modo, durante essas competições esportivas é conferida, simbolicamente, ascensão ao país vencedor. Sendo que a legitimação dessa superação simbólica e a representação de unicidade social e cultural advêm do próprio mercado esportivo e dos suportes de campanhas publicitárias, principalmente nos períodos de Copa do Mundo, diante da popularidade do futebol brasileiro (GUEDES, 1998). Bem como descreve Simoni Lahud Guedes ao discutir a apropriação simbólica da relação entre a Seleção Brasileira e o povo brasileiro enquanto noções que se tornam frequentes nos discursos e descrições das crônicas esportivas, construindo a

representação metonímica da Seleção Brasileira como o “povo” e, assim, reproduzindo a ideia de união e força nacional através do futebol.

Entretanto, os usos políticos do futebol brasileiro revelam que o esporte apresenta características de instrumento ideológico e controle social do Estado. Usos estes que podem ser evidenciados durante acontecimentos que se processam desde a transição do futebol amador para o profissional, período em que o governo de Getúlio Vargas iniciava a construção do “Estado Novo” por meio da consolidação de políticas desenvolvimentistas, e para isso, utilizando como estratégia governamental a massificação da cultura brasileira através do futebol, incentivando e inserindo o esporte no âmbito empresarial (PIMENTA, 1997). Como resultado, até hoje o comércio futebolístico mobiliza grandes empresas que investem e lucram com a marca de clubes e jogadores que se destacam no cenário nacional e internacional.

Essas relações entre política e futebol fazem parte dos processos de formação da identidade nacional brasileira, já que a acelerada e constante popularização dessa modalidade esportiva abriu caminhos para que governantes, especialmente durante os domínios da ditadura militar, estabelecessem medidas de acesso popular ao esporte, movimentando milhões e até bilhões de reais, construindo e reformando praças poliesportivas e estádios de futebol financiados com dinheiro público, objetivando a noção ilusória de unidade social (MAGALHÃES, 2010). Já em tempos mais recentes, no ano de 2014, também ano de eleições presidenciais, o Brasil foi país sede da Copa do Mundo FIFA e para a realização desse megaevento foram construídos e reformados doze estádios em várias regiões do país, dentre essas obras também constavam estádios privados financiados pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Portanto, esses altos investimentos dos setores públicos e privados descortinam a instrumentalização política e econômica do futebol.

Por seu forte caráter mobilizador e por ser parte da cultura e da identidade nacional do brasileiro, o futebol não escapou de ser objeto de interesse de governos políticos. Claro que esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Ao contrário, ele é bastante comum em diversas partes do mundo. Diferentemente do que é natural se pensar, não são somente regimes autoritários que utilizam o esporte a seu favor; existem também casos de governos democraticamente eleitos que não perderam a oportunidade de se beneficiar da imagem futebolística (MAGALHÃES, 2010, p. 51).

Logo, em cada sociedade o esporte tem valor diferenciado que depende da formação cultural dos sujeitos. No Brasil, com tamanha notoriedade dos espetáculos futebolísticos, estes também passam a ser incorporados como mercadorias da indústria cultural, ganhando maior

atenção de setores públicos e privados que vendem o futebol como espetáculo na cultura de massas (SOUZA, 2008). Nesse segmento, algumas manifestações culturais populares vão sendo aprimoradas e concebidas nos moldes da organização liberal, mercadológica e midiática, tornando-se produtos de entretenimento e lazer para o consumo imediato.

Waldenyr Caldas (1994) ao analisar os processos sociopolíticos do futebol, entende que não é o esporte em si, nem enquanto produto cultural consagrado nacionalmente, que aliena e desvia a sociedade de problemas sociais prioritários, mas que isso decorre de usos ideológicos do Estado através da força popular do futebol brasileiro.

A rigor, todo fenômeno social de grande ressonância popular (no Brasil, o carnaval e o futebol), possui, sem dúvida, importância política e social incontestável. Esses elementos, porém, não nos autorizam atribuir automaticamente um caráter reificador embutido nessas manifestações. Transforma-los em “ópio do povo”, em algo alienante, corresponde a ter uma visão unilateral e maniqueísta dos processos sociais (CALDAS, 1994, p.46).

Desse modo, não devemos questionar as práticas e competições futebolísticas enquanto tal, lembrando que o esporte é também importante elemento socializador, mas sim os/as governantes, empresários/as, dirigentes esportivos (cartolas) e a própria CBF (Confederação Brasileira de Futebol) que fazem uso do esporte com finalidades políticas e partidárias de modo corrupto, para manutenção de poderes e desigualdades, compreendendo que enquanto atividade lúdica de potencial alcance das massas, o futebol brasileiro apresenta atributos que podem contribuir no fortalecimento do domínio de poucos sobre muitos, propiciando um falso espaço de liberdade e nivelamento social (PIMENTA, 1997).

No entanto, é preciso destacar que, não obstante, existem significações afetivas e formações subjetivas relacionadas ao universo conspícuo do futebol brasileiro, pois a escolha de tornar-se um/a atleta profissional, ou de torcer/atuar por determinado clube, são escolhas que não se limitam a influências de mercado, mídia e relações políticas, mas que também perpassam por tradições familiares, conquistas e prestígios que marcam, com efeito, a trajetória dos clubes e conseqüentemente marcam a identidade de sujeitos que vivenciam o futebol para além das quatro linhas do campo.

1.2 Relações de pertencimento entre torcida e clube

No Brasil, historicamente, os primeiros indícios de identificações dos/as torcedores/as com os clubes são registrados a partir de 1942, período em que o futebol brasileiro alcança

maior notoriedade no decorrer dos processos de transição da fase amadora para a profissional. Essa época ficou marcada pela forte presença de torcedores/as uniformizados/as prestigiando ativamente as competições futebolísticas e acompanhando invariavelmente um clube específico, apresentando apoios performáticos durante as partidas com a apresentação de bandas musicais conhecidas como charangas, e criando distâncias simbólicas entre torcedores/as de outros clubes (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997). Essas relações desvelam a formação de identidades torcedoras que sinalizam ligações afetivas e efetivas entre os indivíduos e seus respectivos clubes de futebol, ao ponto em que tal aderência configura-se em manifestações de “estilo de vida clubístico” (DAMO, 2006). Nesse ponto, o âmbito futebolístico na percepção das torcidas é composto por uma tríade relação de dependência entre patrimônio do clube, jogadores e torcedores/as, existindo relações de comprometimento e fidelidade.

Para entender essas relações de pertencimento das torcidas com os clubes, previamente, é preciso destacar que existem algumas diferenças entre os/as torcedores/as que acompanham seus times em campeonatos de futebol regionais e locais e o público que acompanha aos jogos de competições continentais e mundiais da Seleção Brasileira. A primeira diferença que podemos ressaltar é que em nível global e nacional torcer pela seleção representa no imaginário social um ato de unificação do povo brasileiro, identificando contextos mais amplos de patriotismos, expressando-se de modo nacionalista. Todavia, as manifestações de torcidas por clubes, representantes de determinadas regiões do país, expressam identificações peculiares associadas a escolhas afetivas, familiares, territoriais, ou até mesmo influências midiáticas e mercadológicas que revelam algumas singularidades nesse ato de torcer por times específicos, construindo um estilo de representação clubística. E uma segunda diferença está na própria dinâmica de posicionamentos das torcidas que participam desses dois cenários, pois diferentemente do caráter unificador associado à torcida brasileira que ocorrem em épocas intercaladas e prevalecem durante os jogos da seleção, as relações entre os/as torcedores/as dos diferentes e diversos clubes brasileiros ocorrem regularmente e de modo conflitante, bem como simbolizando particularidades culturais que atravessam o âmbito futebolístico. Certamente essas relações particularizadas também se apresentam nas formas de torcer pela seleção brasileira, porém elas são expostas de modo mais evidente através dos/as torcedores/as que acompanham as disputas dos clubes regionais e demonstram maiores complexidades em suas interações.

Nesse sentido, Canclini (2005) nos desperta para pensarmos sobre a interculturalidade nas relações comunitárias contemporâneas, argumentando que as diferenças culturais não

devem ser analisadas somente em sentidos de oposições, mas também de interações. “É preciso analisar a complexidade que assumem as formas de interação e de recusa, de apreço, discriminação ou hostilidade em relação aos outros, nestas situações de confrontações assíduas” (2005, p.44). Em ambos os casos citados acima, de torcer pela Seleção Brasileira ou por determinados clubes de futebol, mesmo com suas divergências, é possível considerar as relações de interculturalidades que fazem parte dessas ações esportivas, pois existem interações entre o que é próprio e o que é alheio durante as competições nas quatro linhas do campo, assim como nas arquibancadas e fora delas entre jogadores e torcedores/as. A seleção é representante de uma nação que compete com outras nações e estabelecem relações de diferenciações culturais e defesa de seus patrimônios. Como também acontece com os clubes brasileiros que representam especificidades territoriais dos seus locais de origem, configurando espaços de identificações e atuações.

De acordo com Giulianotti (2010), estudioso das dimensões sociais e históricas do esporte, todos os atores sociais que participam das experiências futebolísticas interagem em um amplo sistema social, promovendo formas mais profundas de identidade compartilhada em conjunturas locais e nacionais. O autor afirma que:

Todos os clubes são denominados simbolicamente de acordo com um local particular e, assim, tem o tipo de laço afetivo com uma localidade específica [...]. Os jogadores também podem ser fortes torcedores do clube, morar perto do campo de futebol e compartilhar um orgulho chauvinista com a comunidade. Esses clubes são cada vez mais anacrônicos no mundo moderno do futebol de lealdades de torcedores em constante mutação, jogadores profissionais móveis e deslocamentos dos campos de jogo para áreas nos subúrbios. Todavia, conservam uma identidade localista incansável, ondas em que os modernizadores de futebol não podem mergulhar totalmente (2010, p.31).

Os clubes de futebol, no sentido formal, “são instituições político-administrativas, cuja finalidade principal é gerir uma equipe de futebol que deverá representá-los em confrontos contra as representações de outras instituições” (DAMO, 2006, p.76). Contudo, os clubes também apresentam dimensões simbólicas que são reproduzidas tanto no momento das partidas quanto posteriormente. Nesse caso, como explica Damo, a identificação dos/as torcedores/as com a formação dos times (jogadores e dirigentes) acontece porque eles constituem a representação dos clubes, e não o inverso. Por esse motivo, as torcidas falam mal e apontam falhas do time, mas preservam a imagem e história do clube como forma de defender também sua identidade. “O time pode mudar de uma temporada a outra, mas o clube permanece protegido por suas tradições, mitologias, epopéias e assim por diante” (2006,

p.77). Torcer significa pertencer, e pertencer a um clube é assumir o compromisso de fidelidade a ele.

A admiração e paixão pelos clubes são características indissociáveis do espetáculo futebolístico e, de certo modo, é esse sentimento de afeição que faz com que as partidas ganhem proporções maiores de exaltação e passem a se correlacionarem com outros segmentos sociais. É essa participação engajada dos/as torcedores/as que dão sentido, gosto e interesse as competições, se envolvendo com as ações do jogo, vibrando e se emocionando quando o time ganha, ou chorando e se exaltando quando o time perde. Quem torce por um clube e acompanha sua trajetória não compreende o futebol somente como uma prática esportiva, mas também como algo sagrado que faz parte de suas vivências em uma concepção incontestável.

Damo (2006) entende que a efusão de sentimentos e as devoções aos componentes esportivos podem ser traduzidas a partir de um “totemismo moderno”, em que os sistemas de representação se expressam pela escolha de um totem como símbolo associado à união de determinados grupos, desenvolvendo elos subjetivos de parentesco. Nesse sentido, os clubes são o totem de união dos/as torcedores/as que (re)produzem comportamentos, linguagens, rituais e performances de ligação com o clube, fazendo com que se sintam comprometidos com o time e constituindo-se enquanto parte dele, revelando a construção de laços afetivos. Assim, o fato de que o/a torcedor/a dificilmente seja capaz de romper com os vínculos clubísticos faz com que o sistema de pertencimentos tenha relativa estabilidade.

O clube é uma entidade sagrada: por representar a coletividade; por ser o elo temporal entre passado, presente e futuro; por espelhar-se nos pertencimentos extrafutebolísticos e, sobretudo, por ser uma projeção, no indivíduo, dos afetos familiares. O clubismo sela a unidade da parentela, solidária no êxito e no fracasso. Uma característica notável do pertencimento ao clubismo é o fato de ele fazer com que os torcedores se sintam comprometidos com seus clubes, por vezes à revelia da performance do time (DAMO, 2006, p.78).

Os/as torcedores/as acompanham seus clubes expressando lealdade e estabelecendo padrões de comportamentos que fazem com que eles/as se sintam parte essencial da formação do time, seguindo rituais supersticiosos de devoção e adoração. Visto que a construção cultural brasileira é carregada de credices, superstições, mitos etc., o futebol também apresenta essas características (DAOLIO, 2005). Dessa maneira é reforçada a importância da significação do relacionamento entre torcedor/a e clube refletido na própria dinâmica intercultural brasileira como formação identitária. E os elos desse envolvimento demarcam

fronteiras de pertencimentos e alteridades. Nesse meio, confirma-se que as disputas e rivalidades entre os clubes também evidenciam aspectos regionais e locais que caracterizam a identificação de seus/suas torcedores/as que extrapolam o tempo e o espaço do torcer. Jocimar Daolio (2005) compreende que o futebol não é somente um produto mercadológico, pois é preciso perceber essas afeições entre torcida e clube como dimensão fundamental deste esporte, considerando a construção de sociabilidades por sujeitos que o estimam. Pois o clube que o/a torcedor/a acompanha não foi escolhido de maneira aleatória, essa escolha tem sentidos e significados, “ela está vinculada à família, ao local de moradia, ao grupo de amigos, aos ídolos, a história, enfim, aos símbolos que resgatam uma posição contrária à fluidez das relações impostas pela modernidade” (2005, p. 49).

No entanto, existem eixos centrais de concentração dos investimentos de mercado e midiáticos entre campeonatos do Sul e Sudeste que valorizam clubes dessas regiões em detrimento de outros, isso faz com que apenas alguns times ganhem maior visibilidade no cenário esportivo nacional e internacional. São corporações políticas e de mercado, já discutidas anteriormente, que vendem o futebol como produto da indústria cultural, transformando as paixões futebolísticas em relações de consumo e disputas de poder. Assim como retrata Bourdieu (2004) ao afirmar que para compreender a estrutura e o sistema de organização do esporte, qualquer que seja ele, antes é preciso reconhecer a posição que essa modalidade ocupa no espaço dos esportes.

Esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele (BOURDIEU, 2004, p.210).

No Nordeste, especialmente no Piauí, em meio a essas relações de consumo é comum a presença de torcedores/as que até se identificam com algum clube de sua região, mas que também torcem e acompanham clubes de fora, principalmente dos estados de São Paulo ou Rio de Janeiro (Corinthians, Flamengo, São Paulo, Vasco, Palmeiras etc.), e estes sujeitos são denominados de “torcedores mistos”, ou seja, eles/as torcem para dois, ou mais times de futebol, sendo que um deles é de seu estado e o outro “de fora” (VASCONCELOS, 2011). Entendemos que isso acontece devido ao fato de que estes clubes do Sul e Sudeste, além de receberem maiores investimentos, também são televisionados e vendidos como os grandes clubes do futebol brasileiro, portanto, a mídia e o comércio esportivo direcionam atrativos e

favoritismos nas escolhas dos/as torcedores/as. E tendo em consideração a conjuntura histórica dos desenvolvimentos regionais, ressalta-se que esses eventos podem ser percebidos enquanto reflexos da própria construção da região Nordeste que passou por processos tardios de urbanização e industrialização em relação às demais regiões mencionadas. “O futebol nordestino também nasce em uma região periférica da economia nacional, o que significa uma menor quantidade de recursos para investimentos nos esportes” (VASCONCELOS, 2011, p.33).

Quando observamos os arranjos e estruturas dos clubes que disputam os campeonatos nacionais, podemos perceber as desigualdades e diferenças regionais em suas composições. A título de exemplo, no ano de 2018 dos 20 (vinte) clubes que disputaram o Campeonato Brasileiro na Série A, somente quatro clubes representavam a região Nordeste e dos quais dois deles foram rebaixados para a Série B⁸. Portanto, são explícitas as diferenças de investimentos e planejamentos efetuados por clubes da região Sudeste quando comparados com o Nordeste do país. Compreendemos que estas ordenações são centralidades operadas através de critérios econômicos da indústria esportiva que se traduzem na organização hierárquica dos campeonatos de futebol e na manutenção dos times.

Nesse sentido, a valorização dos clubes do Sudeste e Sul por parte dos setores públicos e privados, financiadores das competições esportivas, faz com que os times de outras regiões raramente consigam subsídios para conquistarem títulos em campeonatos de níveis nacionais e internacionais, sendo que nenhum clube nordestino chegou sequer a ganhar algum título internacional. Diante disso, estes acontecimentos podem influenciar na construção social do gosto (BOURDIEU, 2007) dos/as torcedores/as a partir da ordenação de capitais culturais e dos eixos centrais do futebol brasileiro, que são transmitidos com afluência para todas as regiões fazendo com que sujeitos que residem fora desses eixos também acompanhem e se identifiquem com clubes de outras regiões, e por vezes até desconsiderando os clubes locais.

Em contrapartida, existem torcedores/as que reivindicam a valorização do esporte local, como por exemplo, torcidas do Nordeste que criam movimentos de resistência para a valorização do futebol na região, conflitando com os/as torcedores/as mistos e com sujeitos que torcem por um clube de outra região, ainda, do mesmo modo que se empenham por reconhecimento da identidade local através do esporte, atribuindo um caráter simbólico de regionalismo. Entre essas torcidas são comuns os discursos: “Sou nordestino e tenho time pra

⁸ No Campeonato Brasileiro de 2018 disputaram: quatro clubes de São Paulo; quatro do Rio de Janeiro; três de Minas Gerais; dois do Rio Grande do Sul; dois do Paraná; dois da Bahia; um de Santa Catarina; um do Ceará; um de Pernambuco. Praticamente em todos os anos, times do RJ e de SP representam quase que 50% do total de Clubes disputando na Série A. (Fonte: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/brasileiro-serie-a/>).

torcer” ou “Eu escolhi o meu time e a mídia escolheu o seu” (VASCONCELOS, 2011, p.70). De tal modo, expressando um posicionamento oposto aos investimentos midiáticos e do enaltecimento de determinados clubes que compõe uma “elite clubística”, isto é, agremiações que dispõe de maior poder aquisitivo e que se mantém de forma constante nas disputas, propagando maior visibilidade no futebol nacional e internacional.

Nos estádios do Piauí os/as torcedores/as do River cantam – como afirmação da identidade regional – a seguinte música:

Sou tricolor, oh, oh, oh...
Nordestino com orgulho
E tenho time pra torcer
Sou riverino de coração
Apoio o galo até morrer

Eu vou para o estádio
Ver o River no gramado
E canto alto para apoiar
O maior time do meu estado.

Alguns torcedores/as que acompanham o futebol piauiense buscam incentivar o esporte profissional do estado demonstrando para outros/as sujeitos que é preciso valorizar aquilo que faz parte e representa a cultura local, pois, nesse sentido, torcer por um time do Piauí é ter a possibilidade de vivenciar a paixão clubística e as relações de interculturalidade que atravessam o futebol para além de uma construção midiático-mercadológica. Assim como ocorre quando torcedores/as do River cantam nos estádios a música descrita acima, no sentido de se reconhecerem não só como parte de um clube, mas também como parte de um território regional, externando uma relação que é estável e característica de sua identidade social. Sendo assim, por certo, o futebol se apresenta também como um jogo de representação das demarcações culturais e do pertencimento local.

Desta forma, existem variados modos de torcer e se relacionar com os clubes, movimentando-se por construções regionais, afetivas, simbólicas e materiais. As relações entre torcedor/a e clube, independente da motivação de escolha, apresentam características de pertencimento, admiração e investimentos por parte das torcidas que conhecem e defendem a história e tradição do clube, expandindo esse envolvimento para outros âmbitos sociais e constituindo uma identidade.

Enfim, o futebol brasileiro é socialmente reproduzido e dramatizado por sujeitos de distintas condições socioeconômicas, políticas e culturais, relacionando-se a experiências cotidianas nas mais variadas conjunturas sociais, sendo facilmente interpretado na qualidade

de legado cultural, revelando várias formas de torcer, despertando fascínios e paixões em sujeitos que crescem aprendendo a acompanhar essa modalidade esportiva, assim como participando de fato das suas demandas de consumo e relações de poder. É habitual observar que algumas pessoas, desde a infância, se identificam como torcedores/as de determinados times, fazendo uso dessa informação como uma construção identitária que tende a permanecer ao longo dos anos. Quando assumem preferências pelas cores, por símbolos e marcas de cada clube, os/as torcedores/as passam a referendar condutas relacionadas ao futebol em variados contextos, como por exemplo, na escola, trabalho, espaços privados e públicos. Essas relações estão presentes tanto no imaginário social, que se expressa por ideologias, símbolos, alegorias, rituais e mitos, quanto nas vivências cotidianamente materializadas (CARVALHO, 1998).

Diante disso, grupos articulados surgem e manifestam-se a partir da composição de torcedores/as padronizados que se identificam na qualidade de torcidas organizadas, diferenciando-se das torcidas comuns. No final dos anos de 1960 e início de 1970 as torcidas organizadas passaram a ser reconhecidas como forças independentes em relação aos clubes, apresentando-se enquanto agremiações burocratizadas sem fins lucrativos (TORO, 2004). Essas formações ocorrem de modo gradativo e na medida em que grupos de torcedores/as ativos passam a se envolver de modo mais intenso com o clube, passam também a se organizar de maneira formal fora dos estádios, recriando novos espaços de socialização e expandindo suas relações. Assim, as experiências e subjetividades partilhadas como estilo de vida clubístico sinalizam ligações de familiaridade e pertencimento entre a torcida e o clube em que, dessa forma, esse envolvimento faz com que alguns sujeitos constituam ou filiem-se a torcidas organizadas de futebol.

2 O CAMPO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: (RE) CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS

As torcidas organizadas de futebol são percebidas enquanto agremiações formadas por torcedores/as que se reúnem através de interesses comuns, para acompanharem ativamente a trajetória de determinados clubes, estabelecendo diretrizes em torno de projetos que dão sentido às ações de seus membros e determinam padrões de sociabilidades intrínsecas (TOLEDO, 1996). Neste estudo, entendemos que estes sujeitos estão inseridos em um campo de competições entre grupos (BOURDIEU, 1989), buscando reconhecimento e identificações específicas que possam diferenciá-los simbolicamente de outras torcidas classificadas como rivais, manifestando suas particularidades locais, tal como (re)construindo experiências para além da relação clube e torcida.

Em uma perspectiva histórica, o modo segmentado e padronizado de torcer surgiu com a introdução do futebol profissional no Brasil e sua crescente popularização na década de 1940, quando se intensificou a manifestação das charangas nos estádios e prontamente surgiram as primeiras torcidas uniformizadas. A composição e renovação das torcidas acompanham os processos de urbanização e transformações das cidades, assim como os acontecimentos políticos, visto que as torcidas organizadas, em suas composições burocratizadas, emergiram no Brasil a partir dos anos de 1960 e ganharam força na década de 1970, época em que o país passava por transformações urbanas e momentos de tensões políticas advindas da ditadura militar.

O movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivida no país. E que, portanto, juntamente com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação popular diante da ausência de partidos e representações legais (TOLEDO, 1996, p.28).

Destarte, a formação dos grupos de torcidas organizadas no Brasil faz parte de um conjunto de relações que dialogam com as mudanças que passaram tanto o futebol profissional como a sociedade brasileira em termos culturais e políticos. Guilhon (2017) argumenta que as torcidas viveram um processo de “descarnavalização” e deram lugar a uma crescente “militarização” com estruturação formal e hierárquica, mas que ao longo de seus percursos esses grupos vão passando por vários processos de transições, acirrando rivalidades, demarcando e defendendo seus lugares, confrontando agremiações de torcidas dos outros clubes, e ainda, protestando contra gestões e dirigentes que venham a prejudicar seus clubes e o andamento das competições futebolísticas.

Nos tempos atuais com a modernização do futebol, construção de estádios elitizados, assentos individuais, árbitros de vídeo etc., emergem outros elementos que também diversificam as formas de torcer, no entanto, as torcidas organizadas fazem duras críticas a esse “futebol moderno”, por considerarem importante a exaltação e festa nos estádios, em oposição a um modo de torcer mais contido que reflete a imagem do/a torcedor/a sentado/a e aplaudindo o time sem muito envolvimento coletivo com o jogo, o que, segundo os/as torcedores/as organizados/as, não condiz com o estilo brasileiro de torcer. Essas questões também remetem aos processos de renovações do esporte no Brasil, muitas vezes trazendo um modelo de outros países. Todavia, as mudanças não são sucedidas apenas nos estádios, mas também são transformações do contexto social, econômico e político que implicam diretamente no comportamento dos sujeitos que acompanham/vivem diretamente a conjuntura do futebol brasileiro.

Então, mesmo que torcidas organizadas renovem em alguns aspectos suas formas de torcer e se posicionarem em determinados espaços e situações, ainda assim, não deixam de considerar e declarar suas histórias, tradições e as concepções políticas que perpassam por suas trajetórias. Tal como ocorreu no período eleitoral de 2018 quando algumas torcidas organizadas, como por exemplo, a Gaviões da Fiel representante do Corinthians e a Torcida Jovem do Santos, se mostraram contra a candidatura de Jair Bolsonaro (PSL – Partido Social Liberal) à Presidência da República, alegando que essas instituições não podiam corroborar com um representante da ditadura militar, já que as mesmas emergiram e se afirmaram, enquanto grupos corporativos, em um contexto histórico de luta contra a repressão e opressão. Assim, pode-se ratificar que as torcidas organizadas de futebol vivenciam variados âmbitos de atuações que se movimentam da festa nos estádios aos enfoques sociais e políticos, demonstrando a extensão desses grupos.

Para integrantes de torcidas organizadas, o futebol é apreendido como entretenimento, mas, sobretudo, como drama, visibilidade social e política, e que através e em virtude dele constituem uma dada organização material e simbólica de grande significação para a existência enquanto grupos (TOLEDO, 1996, p.162).

Além disso, é importante destacar algumas diferenças entre o/a torcedor/a organizado/a e torcedor/a comum, pois o fato de um sujeito gostar de futebol, ou mesmo ser fanático por algum clube, não o/a caracteriza como torcedor/a organizado/a. Para legitimar a participação de torcedores/as enquanto membros de torcidas organizadas é preciso que, além da filiação ao grupo, os sujeitos vivenciem e passem a aceitar uma série de regras,

comportamentos, valores, investimentos simbólicos e temporais que transcendem as relações da torcida comum.

Nesse sentido, o/a torcedor/a organizado/a comparece ao estádio acompanhado dos demais membros da torcida, todos/as uniformizados/as de modo padronizado com camisas, bonés, faixas e bandeiras que representam o grupo. E ao chegarem à arquibancada a torcida canta durante todo o jogo, fazendo performances de apoio ao clube e cobrando desempenho da equipe de modo mais intenso. Estes grupos promovem encontros de socializações, motivações ou protestos, reunindo-se convencionalmente dentro e fora dos estádios, constituindo uma estrutura administrativa. Já os/as torcedores/as comuns, apoiam o time sem participar de rituais formalmente programados, ou utilizar símbolos de identificação de um grupo específico. Sua formação torcedora é relacionada diretamente ao clube de futebol, e eventualmente voltada para momentos de lazer, frequentando os estádios e acompanhando o clube sem uma obrigatoriedade corporativa (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997).

Assim, reiteramos que as torcidas organizadas constroem formas de sociabilidades que vão além da relação entre torcedor/a e clube dentro dos espaços destinados às competições de futebol. A partir do momento em que suas relações começam a se estruturar objetivamente e a fazerem parte da rotina dessas pessoas, o ato de torcer pelo clube e o envolvimento com o grupo podem ser considerados como atributos de construção da identidade desses sujeitos. Nesse ponto, passamos agora a analisar e compreender as experiências torcedoras na Torcida Esporão do Galo.

2.1 Torcida Esporão do Galo: “disposição, ideal e loucura”

A Torcida Esporão do Galo, ligada ao River Atlético Clube da cidade de Teresina-PI, foi fundada na data de 08 de julho de 2001 em um momento de ascensão do River após a conquista do título de campeão piauiense, desse modo, o amplo envolvimento dos/as torcedores/as entre si e o aproveitamento do clube na competição implicou diretamente na formação da torcida. Sendo constituída por homens e mulheres (embora a maioria dos torcedores ativos sejam do sexo masculino) de diferentes faixas etárias e condições socioeconômicas.

De acordo com o atual presidente da TEG, que também é um dos fundadores do grupo, o principal objetivo para a formação da torcida foi o de transformar o modo de torcer e apoiar o clube, criando algo diferenciado no estado, já que na época de sua fundação não existia nenhuma torcida organizada em atividade representando o River. O intuito da TEG é o

de aproximar e reunir torcedores/as riverinos que se reconhecem nas diretrizes do grupo e que estão dispostos/as a acompanhar integralmente a trajetória do time profissional masculino, independente da fase e do rendimento nos campeonatos, defendendo seus patrimônios e tradições.

A gente fez acontecer várias coisas com o nosso apoio. Porque até então era só aquela galera que ia para o estádio torcer individualmente. Mas hoje não, hoje a gente tem uma estrutura e bota o time pra frente. Nenhum time se faz sem torcida, e as organizadas é quem estão lá pra cobrar e apoiar. [...] E no geral, a gente foi chamando o pessoal que torcia pro River e queria participar de torcida organizada, mas antes da Esporão do Galo não tinha nenhuma torcida no Piauí assim como a gente fez, com sede e com divisões de tarefas. (PRESIDENTE)

Na fala do presidente é possível perceber que os sujeitos que fazem parte de torcida organizada se sentem como torcedores/as diferenciados/as que estão mais próximos do clube, cobrando e apoiando constantemente. No entanto, ainda que existam elementos unificadores em relação ao estilo de vida clubístico, a filiação e permanência na torcida podem ocorrer por diferentes motivos, como por exemplo, o pertencimento a um grupo, motivações familiares, ciclos de amizades, realizações pessoais, apoio mais direto ao clube etc. Enfim, são várias motivações que podem levar esses sujeitos a participarem dessas instituições. E conforme alguns relatos, entendemos que cada pessoa dispõe de seus estímulos para se associarem e se reconhecerem como parte da torcida:

O que me fez entrar na TEG foi o time mesmo, porque eu já ia para os jogos do River e sempre via a Esporão lá na arquibancada, fazendo a festa que sempre fez... Eu tinha muita vontade de conhecer. Tinha alguns amigos meus que já faziam parte, e foi um amigo que me convidou para participar de um jogo com a torcida, daí, fui e gostei. Passando pouco tempo depois disso ele até se afastou, mas eu continuei, tanto que estou aqui até hoje. (ASSOCIADA G)

Por coincidência, quando passei a ir ao estádio sozinho foi em 2001, exatamente no ano em que foi fundada a torcida, então eu vi a torcida surgir e crescer, eu sempre ficava ali próximo, mas não era filiado. Depois chegou um determinado momento em que me deu aquela vontade de me filiar, até porque eu já estava participando e vi que esse era o jeito de torcer que mais se enquadrava no meu estilo de ser torcedor, porque existem vários estilos de torcer, você vai ao estádio e tem aquela pessoa que gosta de ficar sentada com o seu rádio e tal. Eu me identifiquei mais com aquela parte da festa, de cantar, de bandeirar, colocar uma faixa no estádio e agitar. A partir disso, no ano de 2006 que passei a me filiar oficialmente na TEG. (ASSOCIADO F)

A forma de torcer, manifestada na TEG, sinaliza para seus/suas integrantes uma aproximação mais intensa com o clube, percebida enquanto aspecto de influência individual e

coletiva na escolha de fazer e seguir fazendo parte da torcida organizada. Assim, a identificação com a festa nos estádios e a própria interação entre ciclos de amizades que são constituídos no grupo, também são elementos que contribuem para a associação e continuidade dos sujeitos na torcida. Bem como o envolvimento com as atividades da TEG e o interesse na sua estruturação e composição:

Antes de tudo, antes de me cadastrar na Esporão, eu passei dois anos acompanhando por fora, ia para o estádio com eles, comprei minha camisa e tudo, mas eu ia por fora. Eu queria ver mais como funcionava o esquema todo, não cheguei a entrar de cabeça como as pessoas fazem. E me lembro de que no dia em que conheci a Esporão do Galo foi na Copa Piauí, em um Rivengo, nesse dia eu não assisti ao jogo, te juro, fiquei só olhando a torcida cantar, e cantaram os 90 minutos, o tempo inteiro. De lá pra cá eu não sei mais o que é ir para o estádio apaisano, não sei o que é ir para o estádio e ficar sentado tomando uma cerveja. Mas é como te falei, passei dois anos correndo por fora, mas daí chegou num ponto em que falei: “é cara, eu gosto disso aqui e vou fazer até onde eu conseguir”. E estou aí até hoje, é uma coisa que eu gosto e faço de graça mesmo, de coração aberto, nunca me vi parando e me afastando da torcida sem motivo, não cheguei nisso não. (DIRETOR MP)

Eu conheci que existia a Esporão do Galo, e ouvi esse nome pela primeira vez, através de um colega do colégio no ensino fundamental, se não me engano a gente fazia o 6º (sexto) ano. Aí na aula de informática que a gente tinha um tempo livre, acho que era de meia hora no final da aula, a gente ia pro *Flogão* (uma antiga rede social de fotos) da TEG e olhava as fotos deles. Eu me lembro que uma vez na aula, a gente criança ainda, eu disse que ia mandar uma mensagem no *Flogão* da Esporão do Galo e o meu amigo ficou me chamando de maluco, perguntando o que eu ia escrever e tudo mais. Lembro até hoje que coloquei lá que admirava muito a torcida e queria ser um Esporão do Galo, que os super-heróis pra mim era cada um da torcida, e aí mandei, mas nunca tive uma resposta também. Mas daí fui atrás e depois de certo tempo entrei de fato na Esporão... E até hoje isso tudo é muito significativo. Estou na TEG desde 2010, fazem 8 anos, mas eu comecei a entender de torcida bem antes de entrar, por isso que eu tenho tanta maturidade pra torcida organizada. Fui um jovem que entrei na torcida por conta própria e consegui desenvolver a ideia raiz de verdadeira torcida organizada, eu passei a ser reconhecido e respeitado por conta disso, porque antes de entrar pesquisei muito e li muito sobre como era uma torcida organizada. (PUXADOR)

Portanto, na TEG os/as sujeitos filiam-se ao grupo por diferentes predileções e intenções, existindo também componentes comuns entre a maioria dos/as associados/as, sendo que o principal ponto de unicidade do grupo é a ligação que esses indivíduos têm com a torcida e o clube. Essa ligação pode depender, dentre outros fatores, da construção identitária desses sujeitos através da cultura esportiva, que nesse caso pode ser considerada como uma identidade simbólica do campo futebolístico, pois torcer por determinado clube e fazer parte

de uma torcida organizada são características marcantes de identificação individual e coletiva, que, de certa forma, são compartilhadas através de condutas, diálogos, e disposições.

Observamos que nas torcidas organizadas as formas de torcer são também identificadas pelo discurso assíduo de proteção e lealdade ao time, com frases de efeito que costumam expor um elo supostamente mais significativo e que os/as diferenciam dos/as torcedores/as comuns, como por exemplo, a expressão compartilhada por integrantes da TEG quando o clube está passando por momentos de baixo rendimento nas competições: “Quando todos desacreditam, nós acreditamos. Quando todos se calam, nós cantamos”. Essa frase indica uma fidelidade e confiança do grupo em relação ao clube, mantendo-se comprometidos/as com suas convicções de apoiar o time em qualquer situação. E isto se afirma de tal maneira que a própria denominação de “Torcida Esporão do Galo” traduz essa união e proteção da torcida em relação ao clube, pois o nome do grupo faz referência ao mascote do River (o galo carijó) retratando o esporão como a parte mais forte do galo, sendo este o meio que o animal utiliza para se defender quando é atacado, tal como a TEG se apresenta enquanto a arma mais forte do River e, portanto, representando a valentia e defesa do clube. Dessa maneira, na TEG as pessoas buscam proteção entre si para, então, mostrarem a disposição coletiva de apoio ao River, identificando a torcida (o esporão) como a maior representação de força do clube (o galo) nos jogos (disputas).

Também pode-se destacar que mesmo com a fragilidade do futebol no estado, a TEG consegue se manter operante em suas atividades e compromissos em relação ao River, sustentando seu ímpeto de esporão do galo, assim como indica a etimologia de seu nome, reformulando-se e criando estratégias para cumprirem com seus objetivos e evitando que o grupo se disperse por completo.



Imagem 1: Logomarca da torcida representada por um homem forte com cabeça de galo, sinalizando o gesto de identificação da TEG que simula o esporão do galo com as mãos e dedos.

Nesse segmento, a Esporão do Galo acompanha em sua trajetória um contexto futebolístico peculiar de desvalorização do esporte no estado, visto que a situação do futebol piauiense é instável e com baixos investimentos dos setores públicos e privados, sendo que os clubes profissionais atuam em condições precárias de jogos, com estádios sem manutenção, vestiários inadequados e gramados esburacados. Do mesmo modo, as torcidas frequentam estádios sem banheiros e com parte das arquibancadas interditadas. Também vale ressaltar que a própria organização dos campeonatos estaduais é inconstante, pois atualmente alguns clubes ficam sem agenda de jogos já no primeiro semestre do ano, como foi o caso do River em 2018 que a partir do mês de maio, ao encerrar o Campeonato Piauiense, ficou sem atividades o restante do ano por não conseguirem o acesso para a Série D do Campeonato Brasileiro, bem como a FFP (Federação de Futebol Piauiense) não realizou a Copa Piauí de 2018, que geralmente acontece no segundo semestre do ano entre os clubes do estado que não disputam o campeonato nacional. Logo, essas condições contribuem para que ocorra o afastamento do público piauiense, deixando de acompanhar o futebol local, e do qual boa parte desse público prefere seguir os times de fora que mantém uma agenda completa de jogos e estão em constante visibilidade na mídia nacional e internacional.

Diante desse cenário a torcida precisa manter atividades paralelas ao clube para continuar ativa durante todo o ano, mantendo seus/suas integrantes próximos tanto do grupo quanto do clube. No trecho a seguir, na fala de um dos integrantes da TEG, pode-se ter essa percepção:

Isso é um desafio pra gente, porque por muito tempo ficávamos sem divisão e os nossos clubes aqui geralmente não tem calendário o ano todo, isso por vários problemas, e daí para você conseguir manter a torcida é complicado. Porque o carro chefe da nossa organização é o River, é preciso ver o time jogando e isso aí é uma paixão. Então, eu penso que toda paixão se você não conseguir ver e alimentar, uma hora ela esfria, seja ela qual for, porque se você tem um relacionamento e começa a se afastar, então ele pode esfriar e acabar. Como o River fica parado uma boa parte do ano, porque geralmente ele para de jogar em abril ou maio e passa o resto do ano parado, daí a gente costuma fazer eventos na sede, ou uma manhã de sol no Centro de Treinamento (CT) do River, um campeonato de futsal... Isso é para manter todo mundo unido e não perder o foco, porque se deixar a TEG sem atividades vai esfriar. A participação do River em campeonatos geralmente só retorna em janeiro, então se a gente for esperar voltar todo mundo da torcida depois de ter passado um bom tempo sem se ver... É muito difícil. Eu penso que a pessoa que gosta de futebol, ela vai querer acompanhar o futebol de outros lugares, de São Paulo, Rio de Janeiro ou de onde for. (ASSOCIADO F)

Nesse segmento, no ano de 2015 quando o River conseguiu o acesso para a Série C do Campeonato Brasileiro, vários/as torcedores/as se filiaram a TEG, visto que o time vivia uma fase de ascensão e, nesse mesmo período, alguns integrantes faziam campanhas nas redes sociais para alcançarem a marca de 500 (quinhentos) sócios cadastrados. Entretanto, em 2017, na conjuntura de má atuação do clube nos campeonatos, a torcida perdeu alguns integrantes e hoje em dia possui cerca de 200 (duzentos) torcedores/as cadastrados. De fato, é notável que na medida em que o clube ganha espaço no cenário futebolístico local e nacional, as torcidas organizadas também conseguem alcançar maior visibilidade, passando a receber mais integrantes e desenvolvendo novos projetos de coordenação, buscando integralizar os/as novos/as associados/as ao andamento e estruturação do grupo. Porém, quando o time se encontra em fases de baixo rendimento os dirigentes da torcida reivindicam de seus membros mais comprometimento e resistência para continuarem participando dos jogos e assumindo o papel de torcedor/a organizado/a. Essas cobranças são continuamente associadas ao passado de conquistas, dificuldades e superações do clube, bem como a lembrança de emoções e experiências vivenciadas por torcedores/as que iniciaram a formação do grupo, ou que são respeitados/as por suas ações mais atuantes. Nessa lógica, lembra o que se refere Kathryn Woodward (2000) ao dizer que a identidade é legitimada por referências a um suposto passado glorioso e autêntico que é reivindicado como parte histórica de uma comunidade cultural, sendo lembrado em momentos de crise para reforçar a “autenticidade” do grupo. Tal como afirma o puxador da Esporão do Galo ao relatar sobre a trajetória do grupo e sua consolidação:

Você ser e querer participar de uma torcida organizada depois que o time teve uma ascensão é fácil. O time já cogitou não participar de um campeonato e a gente da TEG foi pra porta do CT do River protestar, chamar a imprensa e dizer que isso não podia acontecer. Digo isso porque são 17 (dezesete) anos de torcida, não são 17 (dezesete) dias, tem que respeitar isso e caracterizar como uma força para o clube e não como uma disputa de egos. A Esporão do Galo para o River é um ponto crucial pelas pessoas que estão lá dentro, por mim, pelo presidente e pelo ex-presidente que hoje é coordenador de base do clube. (PUXADOR)

Nota-se, nesse ponto, que embora o grupo tenha o foco de somar mais associados/as para a instituição, entende-se que a prioridade é a qualidade no empenho desses sujeitos durante a realização das atividades da torcida, assim como a aproximação direta com o clube, dado que um dos integrantes da torcida hoje faz parte da coordenação de base do River. Em outros termos, a participação em torcida organizada requer fidelidade e compromisso, então não basta dizer que é sócio, usar a camisa e frequentar os estádios junto com o grupo, mas

também é preciso ser atuante nas atividades de manutenção e organização da instituição para que possam alcançar efeitos positivos. A união e o empenho dos/as integrantes são o que define a força da torcida.

Quando um sujeito se torna sócio/a de uma torcida organizada de certa forma está incorporando os objetivos e princípios do grupo e colocando-os acima de seus objetivos estritamente pessoais - principalmente no momento da socialização grupal. Como diz Olson (1999), mesmo que os impulsos para a formação e manutenção de grupos sociais sejam ocasionados por meio de interesses individuais, à racionalização para a obtenção dos resultados esperados é substancialmente coletiva. Portanto, quanto mais o grupo precisar garantir sua coesão, mais ele impedirá manifestações puramente individuais que não correspondam de maneira clara aos objetivos da coletividade.

Na Torcida Esporão do Galo a composição do grupo é mantida por “ideologias torcedoras” que são partilhadas durante os encontros de seus membros para formalizarem agendas de compromissos e atuações da torcida. O termo ideologia é utilizado por grupos de torcidas organizadas, em geral, para determinarem padrões de comportamentos, regras e valores específicos. Em tal caso, quando perguntei aos integrantes da TEG a respeito da ideologia do grupo não obtive discursos prontos ou algo bem definido, mas foram anunciadas um conjunto de informações que apontam para o entendimento da ideologia do grupo. Em termos gerais, todos/as expuseram uma linha de raciocínio bem semelhante ao explicarem que a Esporão do Galo segue a ideologia de “torcida pista”⁹, ou seja, que apoia e acompanha o time mais diretamente, com participação intensa nos estádios, que tem sede e materiais próprios de identificação, demarca seus espaços de atuação, cria alianças e rivalidades com outras torcidas, faz caravanas para acompanhar o clube em jogos fora da cidade e busca conquistar a dedicação de seus membros para viver e defender o grupo intensamente.

Ademais, é importante evidenciar algumas respostas sobre a ideologia da TEG que se apresentaram carregadas de emoções e subjetividades, indicando apego à formação do grupo. Como essas duas falas adiante:

A ideologia é um estilo de vida, é a forma como a gente vive. Muita gente não entende, mas pra entender a pessoa tem que amar muito o time e tem que estar disposto a fazer tudo o que a gente faz, e não é só amar o time, tem

⁹ Existem diferentes ideologias nas composições das torcidas e, entre elas, as mais comuns são: A Torcida Pista, que se organiza de modo mais complexo fora dos estádios e criam alianças e rivalidades com outras torcidas que seguem essa ideologia; A Torcida Chopp, que seus/suas integrantes se reúnem com mais frequência em dias de jogos do clube e possuem uma formação menos conflitiva em relação às rivalidades entre torcidas organizadas; Torcida de Amigos, esses grupos são mais seletivos quanto aos seus/suas integrantes e geralmente são compostos por familiares e amigos que se agrupam para acompanhar e defender um clube.

que amar a torcida também. Porque nos somos uma família, somos nós que nos sustentamos, que estamos juntos nos momentos bons e ruins, tem momentos em que parece que todo mundo some, mas a torcida tá ali. Pra manter tudo isso, fora as críticas e os preconceitos, realmente tem que amar muito essa forma de viver. Tem que seguir tudo o que a gente fala, tudo o que é imposto, mas não é nem uma imposição, é mesmo um estilo de vida que foi repassado desde as primeiras torcidas até hoje, e a gente vive isso porque a gente gosta, porque a gente ama. Então é uma coisa muito forte a ideologia na nossa vida, nós somos o que somos e não é todo mundo que entende. Nós vivemos dessa forma porque optamos por isso e seguimos essa ideologia fortemente. (ASSOCIADA G)

Posso dizer que tem uma frase nossa que ela representa muito pra vida pessoal de cada um que faz parte da torcida, quem faz parte tem sempre essa frase como um direcionamento muito forte que é: “O guerreiro da Esporão mesmo depois de caído, se levanta e vai pra cima do lado mais numeroso do inimigo”. Essa frase foi escrita na nossa primeira carteirinha. O que essa frase representa na vida pessoal de uma pessoa é que você pode ter várias quedas, que você pode passar por várias tempestades e várias dificuldades, mas você sempre vai se levantar e partir para o lado daquilo que esteja querendo te derrubar. Essa frase pra nós esclarece e explica a nossa ideologia, porque nesses dezessete anos já passamos por muitas coisas, muitas dificuldades, muitas pessoas carregaram esse fardo nas costas, porque você ser de torcida organizada na parte de liderança que precisa tirar do seu bolso para manter, precisa tirar da sua casa para manter a torcida, é um fardo muito grande, é uma dificuldade, além de precisar se manter e manter a sua própria família. Então essa frase retrata muito do que a Esporão é até hoje, enquanto a Esporão do Galo tiver esse espírito, dessa frase, a torcida nunca vai acabar. (PUXADOR)

Perante o exposto, fica manifesto que torcida organizada é muito mais que uma agremiação destinada a acompanhar práticas futebolísticas, além disso, ela é um ponto de apoio e de referencia afetiva em que seus/suas integrantes criam relações de pertencimento singulares, descobrindo na torcida uma construção de suas referencias identitárias, por vezes estando dispostos a sacrificarem bens materiais e familiares para seguirem e manterem esse estilo de vida, mesmo diante de dificuldades. A ideologia torcedora da TEG representa os investimentos pessoais, afetivos e racionais de seus/suas integrantes, movimentando-se entre condições de comprometimento e fidelidade.

Nesse segmento, a TEG apresenta-se com o lema “disposição, ideal e loucura”, que representa as experiências vivenciadas por seus membros. A “disposição” é refletida no cotidiano desses/as torcedores/as pela dedicação ao grupo e a visibilidade que eles/as propagam, utilizando símbolos de identificação da torcida, defendendo seus patrimônios e demarcando seus espaços de pertencimento. O “ideal” do grupo é compartilhado e incorporado a partir de normas e valores que são reforçadas antes, durante e depois dos jogos do River, nos momentos de paixão e emoção que expressam às subjetividades dos/as

torcedores/as, mas que também englobam a racionalização da organização do grupo em se manterem unidos e dedicados para apoiarem o clube. Logo, esses ideais são igualmente revigorados pelo comprometimento com a manutenção do grupo, exigindo participação frequente nas reuniões e nos eventos que promovem. A “loucura” defendida pelos membros da Esporão do Galo se expressa no comportamento transgressor desses sujeitos, seus discursos, músicas, gritos e sinais, provocando outros clubes e torcidas, assim como a conduta de estarem se empenhando por algo considerado “fora da normalidade” e a devoção excessiva pelo River.

Disposição, ideal e loucura é o nosso lema porque é isso o que a gente faz todo dia, a disposição de manter isso aqui, de tá trabalhando pelo grupo, de participar de todos os jogos, de viver a torcida mesmo. Isso é também o nosso ideal, da nossa ideologia. Ainda tem muito preconceito em relação à torcida organizada, mas isso não afasta a gente do nosso ideal de continuar com a nossa torcida e apoiando o River, é por isso que somos os guerreiros da Esporão. E assim... a loucura é porque tem que ser meio doido pra ser da TEG (risos), tem que ser louco pra chegar lá no estádio e ficar no meio do sol cantando 90 minutos sem parar, isso tudo aqui é a nossa loucura, mas de um jeito bom. (PRESIDENTE)

Os membros da TEG seguem o lema do grupo como uma lição que deve ser praticada diariamente e, nesse cenário, para ser um “guerreiro da esporão”¹⁰ é preciso ter a disposição, o ideal e a loucura que caracterizam seus investimentos na construção da identidade torcedora.

Como já mencionamos anteriormente, as adesões e permanências na torcida dependem de várias motivações, porém, existem aqueles/as integrantes que são bem mais empenhados em nutrir práticas que são consideradas consagradas para unir e motivar o grupo. Neste caso, podemos destacar a representação do puxador da torcida que é uma das figuras mais respeitadas na TEG, por mostrar empenho, animação e conhecimento sobre a praxe de ser torcedor organizado. E segundo ele, a voz da torcida é o que mantém ela viva, pois a construção de toda a representatividade do grupo passa primeiro pela voz, no modo como se comunicam, repassam suas mensagens de apoio ao time, mostram a força do grupo e avocam reconhecimento e respeito diante de situações de preconceito e opressão.

Toda torcida canta, não existe torcida calada, mesmo que exista repressão e que alguém oprima a torcida, não vai ter como calar a voz de uma multidão. Para as torcidas organizadas que viveram a época da ditadura militar isso fortaleceu bastante, porque muitos que estavam nas ruas iam para os estádios, muitos que estavam lutando contra a ditadura iam para os estádios e protestavam pedindo diretas já. As torcidas no Brasil tiveram voz e força, a

¹⁰ Expressão utilizada na TEG em referência aos seus/suas integrantes, especialmente aqueles/as que são mais ativos/as no grupo.

ideia de resistir contra a opressão foi aí nessa fase. Então a voz representa tudo aquilo que a gente constrói até chegar no estádio, porque se a gente não tiver voz não adianta ter um uniforme bonito, ter uma sede bonita, ter material bonito, ter a melhor bateria, se a gente não tem voz não consegue ser uma torcida organizada. [...] Tem pessoas que vão ali por vários motivos e aí é onde entra a questão das ideologias fora das organizadas, um modo de viver e pensar que tenho fora da torcida. Isso é uma dificuldade porque a gente tenta fazer com que as pessoas ao passarem da porta do estádio e vestirem a nossa camisa mudem. E é muito difícil porque é um trabalho que requer paciência e que você nem pode ser ríspido demais e questionar demais, porque a gente precisa entender também a vida individual de cada um, o que cada um faz e como cada um vive. Então para mim a torcida pode perder tudo, mas se ela tiver a voz, então vai continuar sendo a Esperão do Galo. (PUXADOR)

Nessa perspectiva, a voz do grupo é também um importante sistema simbólico de representação da torcida, no qual, citando Woodward (2000), “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos” (p.17). Falar, cantar, gritar, entre outros usos da voz, representa o que a torcida é, mas também o que ela pode ser diante de um contexto de se afirmar perante o outro.



Imagem 2: Torcida Esperão do Galo chegando às proximidades do estádio, usando camisas pretas (cor padrão do grupo) e cantando impulsionados/as pelo puxador da torcida que se destaca dos demais. **Fonte:** Arquivo da TEG

2.2 A formação burocrática das torcidas organizadas

As torcidas organizadas são grupos de formações burocráticas que se estruturam em moldes empresariais, sem fins lucrativos, onde cada membro possui funções específicas

dentro de uma divisão hierárquica com presidente, vice-presidente, puxador de torcida, diretores/as etc. Essas atribuições também ganham espaço nas atividades cotidianas dos indivíduos pertencentes a esses grupos, já que as deliberações de manutenção da torcida não ocorrem somente em períodos de competições futebolísticas, e alguns membros chegam a conciliar as funções na torcida com suas demais obrigações sociais, sejam elas profissionais, familiares ou políticas (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997). Como já sabemos, a filiação em torcidas estabelece uma série de condutas e compromissos que devem ser praticados e respeitados, sendo capazes de definir a maneira como estes sujeitos agem no cotidiano.

De acordo com Pimenta (1997) os elementos que podem caracterizar os grupos de torcidas organizadas são as relações de pertencimento, estruturação burocrática, movimentações financeiras para subsidiar as despesas do grupo, padronização de vestimentas (identidade visual) e a independência em relação ao clube – mesmo que sua organização ocorra em função deste. Enfatizamos ainda que esses grupos também interagem em um campo específico de competições (BOURDIEU, 1996), em que suas condutas são igualmente orientadas pela identificação e distinção de outros grupos e atividades próprias de subsistência, criando assim certa autonomia.

Entendemos que as torcidas organizadas de futebol manifestam-se a partir de relações comunitárias ligadas a sentimentos subjetivos de pertencimento clubístico, passando para uma relação associativa e ajustando seus interesses racionalmente motivados. A relação associativa, de acordo com a definição de Weber (1992), enquanto caso típico, pode se apoiar especialmente (porém, não unicamente) em um acordo que seja orientado de “maneira racional referente a valores, pela crença no compromisso próprio; e de maneira racional referente a fins pela expectativa da lealdade da outra parte” (WEBER, 1992, p. 25).

Sobre uma organização formal de grupos sociais é interessante frisar que:

Com o decorrer do tempo, os membros dos grupos desenvolvem uma subcultura própria, cujo componente institucional consiste em um conjunto de normas, crenças e valores, ou seja, criam uma ideologia com o fim de manter uma coesão grupal para que as metas tornadas coletivas sejam alcançadas (BERNARDES, 1995, p. 122).

Desse modo, torcer por determinado clube de futebol e filiar-se a uma torcida organizada implica em assumir relações sociais de consentimento mútuo, na qual os participantes orientam suas condutas objetivando determinados fins como dever, ou mesmo pela noção de lealdade enquanto representante de um grupo (WEBER, 1992). Se por um lado a participação em torcida organizada sugere certa satisfação pessoal, por outro lado a

elaboração e os compromissos em suas relações implicam em uma série de dispêndios e adesões a projetos coletivos, com a realização de tarefas que visam organizar e manter o grupo (TOLEDO, 1996).

Os membros fundadores da Torcida Esporão do Galo reconhecem que sua formação surgiu da necessidade de constituírem na cidade de Teresina uma organização formal nos padrões de torcidas organizadas conhecidas nacionalmente, assumindo as influências de outros grupos organizados que possuem maior visibilidade nacional e internacional – os *Ultras* e *Barra-bravas*¹¹, assim como disse o Presidente da TEG: “devemos manter a uniformização e padronização das organizadas, o apoio incondicional dos *barras* e a força dos *ultras*, com isso vamos fazer nossa torcida cada vez maior e mais forte!”. Logo, instituindo uma estruturação burocrática, organizando cargos e funções inerentes, levando o nome da torcida por diferentes estádios e cidades, promovendo reconhecimento, mostrando comprometimento com a formação do clube e tornando-se parte performática e dinâmica durante os jogos.

Para se filiar a TEG os/as torcedores/as preenchem e assinam a ficha de cadastro (ver anexo IV, p. 115) com informações pessoais e declaração de responsabilidade (no caso de menores de idade essa declaração deve ser assinada por seus/suas responsáveis), anexando duas fotos 3x4, cópias de documento de identificação (RG ou CNH) e CPF, bem como efetuando o pagamento de uma taxa no valor de R\$ 15,00 (quinze reais). Anualmente esse cadastro precisa ser renovado e as fichas são registradas pela diretoria para que possam ter um controle de seus membros e de suas obrigações com o grupo.

As cópias de todos os dados cadastrados são repassadas para a Federação de Futebol do Piauí (FFP), seguindo a Lei nº 12.299, de 27/07/2010, incluída no Estatuto de Defesa do Torcedor Lei nº 10.671, de 15/05/2003, Capítulo I, disposições gerais:

Art. 2º-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade.

Parágrafo único. A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações:

- I – nome completo;
- II – fotografia;
- III – filiação;
- IV – número do registro civil;

¹¹ Os *Ultras* são torcedores europeus que apoiam intensamente seus clubes, sendo muitas vezes associados aos ingleses *hooligans*; Os *Barra-bravas* são torcedores da América Latina, mais populares na Argentina, conhecidos por incentivarem e defenderem suas equipes incansavelmente.

- V – número do CPF;
- VI – data de nascimento;
- VII – estado civil;
- VIII – profissão;
- IX – endereço completo; e
- X – escolaridade.

Para manter o cadastro de filiação na TEG os/as integrantes pagam uma mensalidade no valor de R\$ 10 (dez reais), onde esse dinheiro é transferido para o presidente, ou um dos/as diretores/as responsáveis pela movimentação financeira da torcida, e sendo utilizado para pagar as despesas com o aluguel da sede, conta de energia, conta de água, alimentação, organização de eventos e manutenção dos materiais. A outra fonte de renda do grupo é a venda de produtos da TEG e do River (camisas, copos, chaveiros, bonés, bolsas etc) na loja da torcida, que fica localizada dentro da sede, transformando essas atividades em um verdadeiro comércio especializado e reconhecido.

No meio de torcidas organizadas tem aquelas pessoas que trabalham somente com confecção e venda de materiais, mas também a gente tem muito contato dentro e fora do estado que ajuda nessa parte. Então é assim, a gente pega o dinheiro que consegue levantar com as mensalidades e vendas da loja e usamos o valor arrecadado tanto pra manter o patrimônio da torcida quanto pra mandar fazer novos materiais de venda. (ASSOCIADO F)



Imagem 3: Loja da Torcida Esporão do Galo. **Fonte:** Arquivo pessoal

Mensalmente é feito um balanço da entrada e saída do capital financeiro na instituição, esse balanço é repassado para toda a diretoria que avalia junto com o presidente a situação do grupo. Os membros gerais podem solicitar informações sobre essas movimentações, mas, por via de regra, eles/as não possuem o mesmo controle de gastos que a diretoria e o presidente

têm. No entanto, se a torcida estiver com algum débito e necessite quitar com urgência, então o presidente divulga a situação para os/as demais associados/as e pede uma contribuição facultativa.

Cada diretoria tem a responsabilidade de agir em tarefas que são divididas, mas também de cobrar os membros gerais para pagarem o valor da mensalidade, porque tem uns sócios que são obrigados a gente lembrar e cobrar, como em todo lugar acontece. Tem também aquele pessoal que ajuda mais com doação e que dá um valor maior pra manutenção da sede e dos materiais que usamos. Quando a torcida tá dispersa porque o time não está em atividade e a gente tem que ficar indo atrás pra cobrar as coisas, mas tem os que estão sempre aqui fortalecendo (PRESIDENTE).

Portanto, existem divisões de tarefas e posições na composição e gerenciamento da TEG, sendo que alguns de seus/suas associados/as são profissionais que atuam de modo distinto no setor administrativo da torcida, bem como existem diferentes modos de atuações e auxílios por parte dos membros gerais. Para a manutenção do grupo a diretoria geral estabelece normas de comportamentos e valores que devem ser seguidos por todos/as os/as integrantes, como relações de compromissos éticos visando não prejudicar a torcida, participação frequente nas atividades que são desempenhadas, o pagamento das mensalidades dentro do prazo acordado e ajuda na organização de eventos. Então, são essas relações que mantem esses sujeitos em contato constante.

Qualquer ação considerada fora dos padrões de ideologia da torcida e dos comprometimentos éticos de valorização do grupo torna-se passível de punição, em que, dependendo da infração cometida por algum/a dos/as integrantes, são repassadas tarefas como penalidades, ou se for algo considerado grave (furto, agressão física), assim como o não cumprimento das penalidades, pode ocorrer o desligamento do grupo. As punições são acertadas pela diretoria e divulgadas nas redes sociais da torcida em um *banner* com o nome do/a integrante punido/a e as tarefas que devem ser cumpridas dentro de um determinado prazo. E de acordo com o diretor de material e patrimônio: “Esse foi um modelo que a gente adotou para evitar confusões, porque estava acontecendo de muito integrante “se rebelar” e ir contra a ideologia da torcida, agir de má fé, mentir em nome da torcida e fazer com que de certa forma atingisse todo o grupo”.

As tarefas e punições repassadas para os/as associados/as faz com que sejam reproduzidas normas e aceitações das práticas instituídas pela diretoria do grupo. Diante disso, compreendemos que a estruturação da torcida se processa a partir da validação de um conselho de autoridade legítima, em virtude de seu reconhecimento por todos, ou de uma

maioria dos envolvidos na organização do grupo. Aqui, fazemos uso do termo de autoridade legítima por legalidade, que para Weber (2002) é entendido como a crença de que as regras e os decretos são formalmente corretos e atribuídos por um procedimento costumeiro.



Imagem 4: Banner divulgado no Facebook da TEG com a punição de uma integrante (o nome e apelido da integrante foram apagados para garantir seu anonimato, em concordância com um dos requisitos do comitê de ética e pesquisa).

Diante disso, a organização da TEG é instituída por normas e regras disciplinares que visam seguir de modo adequado com o andamento das atividades programadas, buscando anular qualquer ação que não condiz com a disciplina vigente. Como ressalta Pimenta (1997), no momento em que as torcidas passam a se constituírem como empresas, diferenciando suas funções e ampliando suas tarefas, elas adquirem maior autonomia em relação aos clubes e ampliam seus espaços.

Então, para o melhor entendimento de como ocorrem os processos de seleção dos/as integrantes que constituem a diretoria do grupo, vejamos o seguinte relato da Conselheira:

O presidente vê a questão do perfil, da qualidade, comunicação e desenvolvimento. Porque assim, quando entrei na diretoria acho que quebrei algo dentro da torcida, porque muitos diziam que pra você ser um diretor tinha que ter tantos anos de torcida. Mas na verdade não precisa disso, porque muitas pessoas tem trajetória, mas não tem capacidade de liderar, então a liderança é algo que independe da trajetória que você tem ou não dentro da torcida. Quando entrei não quis ser uma líder, tive propostas, mas achei melhor não, também para não afrontar quem já estava. O meu perfil é

de ajudar as pessoas, então disse para o presidente: “você me tem como sua mão e o que precisar estarei aqui, mas deixa o pessoal andar e o que estiver dando errado, a gente vai tentar consertar”. Então assim, a diretoria é escolhida por questão de capacidade, proatividade, criatividade e comunicação, porque não adianta você estar ali e não ter uma comunicação com ninguém, você não é só, a diretoria é um grupo e você tem que fazer tudo em grupo, porque só no individual não pode ser. Nossa diretoria é composta por 11 (onze) pessoas, hoje ela está menor porque alguns integrantes se desligaram por conta de uns problemas, mas geralmente a gente também procura mudar a diretoria de uma forma que possa sempre melhorar, mas normalmente são 11 (onze) membros. A gente tem o diretor de material e patrimônio, diretor de bateria, a líder do poder feminino, o conselho, nosso presidente, o puxador e os líderes das rinhas. Quando o presidente me deixou na responsabilidade de assumir uma função na diretoria, eu fazia toda a parte financeira da loja, entrada e saída de material, recebia pagamentos de mensalidades de associados e ajudava o presidente, e para muitos eu era a pessoa que tomava conta da loja, mas o meu envolvimento era mais diretamente com o presidente, porque ele confia muito em mim e quando você passa a mexer na parte financeira tem que ter um controle de muitas coisas que acontecem. (CONSELHEIRA)

Nesse segmento, a organização dessas agremiações está pautada em uma ordem de atuação hierárquica e de legitimação dos poderes do conselho administrativo (diretoria da torcida). Os cargos e funções na TEG são divididos do seguinte modo: O Presidente, responsável por todo o grupo e o funcionamento geral da instituição; A Conselheira, que acompanha e avalia as decisões do presidente, assim como o andamento da movimentação financeira na torcida; O Puxador (a voz da TEG) que comanda toda a torcida no estádio e também fora dele, repassando seus conhecimentos sobre torcida organizada e motivando o grupo, sendo ele também um dos responsáveis pela composição das músicas; Diretor de Material e Patrimônio, responsável pela produção e manutenção das faixas, bandeiras e dos itens utilizados nos estádios (papel picado, balões, mosaicos etc.); Líderes das Rinhas Sul, Sudeste, Norte, Leste e Centro, encarregados de reunir e repassar tarefas para cada uma das subdivisões do grupo, sendo diferenciadas por zonas da cidade; Líder do Poder Feminino, responsável pela organização da subdivisão feminina; Líder de Bateria, responsável pela manutenção dos instrumentos musicais e por reunir e orientar os/as integrantes que participam das atividades de percussão musical.

Em relação à loja, atualmente não existe um/a responsável direto por ela, então essa função fica a cargo de toda a diretoria e de alguns membros gerais que passam mais tempo na sede da torcida e ajudam nesse ofício.

No início de cada ano é realizada uma reunião geral, aberta para todos/as os/as associado/as, cumprindo a avaliação de desempenho anual do grupo, em que os/as diretores

podem ser substituídos, ou não, para o melhor andamento da instituição, renovando seus quadros de atividades e buscando fortalecer a ideologia da torcida. Nos dezessete anos de TEG, o grupo contou com a liderança de três presidentes, sendo que o primeiro foi o idealizador e fundador da torcida e os demais foram escolhidos por suas atuações e representações frente à diretoria, ocorrendo que o segundo presidente da TEG saiu do grupo para assumir o cargo de diretor de base do River e, assim, o terceiro a assumir essa função foi indicado pela maioria dos/as integrantes por sua trajetória e seu conhecimento sobre os procedimentos de administração da torcida.

As eleições para a escolha do/a presidente da TEG não ocorrem em períodos obrigatoriamente estabelecidos e, efetivamente, até os tempos atuais, a mudança dos representantes do grupo sobrevieram mediante renúncia dos presidentes anteriores. Em tal caso, os novos representantes são escolhidos durante uma reunião geral com todos/as os/as integrantes do grupo em que o (até então) presidente anuncia os nomes dos/as candidatos/as que foram selecionados anteriormente em uma reunião restrita entre os/as diretores/as, e a partir da apresentação dos/as presidenciáveis, os membros gerais votam de acordo com seus interesses, considerando a representação, qualificação e eficiência para gerir o grupo.

Nesse sentido, existem lutas sociais de competições controladas (WEBER, 2002) dentro desses grupos, como por exemplo, nas escolhas de renovação para a função de presidente e demais cargos da diretoria, que levam a seleção dos membros a um grau mais elevado de qualidades necessárias para que correspondam às funções da torcida, em virtude da manutenção de um *status* e tradição. Sendo assim, geralmente são selecionados os sujeitos que estão mais próximos das relações com o conselho administrativo (PIMENTA, 1997). Então, nota-se que a composição do conselho administrativo da TEG apresenta uma rotatividade entre seus representantes, estando limitada a participação de integrantes mais antigos, ou que já conhecem as políticas deliberativas do grupo e mostram competência e capacidade para atuarem em determinadas funções. Como descreve Weber (2002), qualquer tipo de autoridade tem capacidade de influenciar de modo diverso as oportunidades para a seleção social. Portanto, passamos a entender que esse tipo de articulação das torcidas em grupos burocráticos permite estabelecer ações e relações diversas, não só de afinidades movidas por interesses coletivos, mas também de processos dinâmicos de racionalização das funções e condutas do grupo.

2.3 Torcidas organizadas no campo social estruturado e estruturante: marcas de identificações e distinções

O campo social é apresentado por Bourdieu (1989; 1996; 2007) como um espaço de convergências e divergências em que os agentes ou grupos, atuantes em cada campo, estão distribuídos em função dos seus níveis específicos de capital cultural, capital econômico e capital simbólico. Assim, o campo social é também um espaço de estratégias marcadas por diferenças e dominações.

Neste ponto, abordamos o campo social das torcidas organizadas como um lugar físico e simbólico em que seus agentes adquirem capitais específicos de disputa e negociações entre si, constituindo-se em um espaço estruturado por eixos de identificação e comunicação, com condutas, linguagens, códigos e regras próprias. Mas que ao mesmo tempo este é também um espaço estruturante, permitindo definições relacionais das posições de seus agentes a partir dos jogos de discordâncias e defesas de seus capitais simbólicos (patrimônios do clube e torcida, símbolos, signos e ideologia do grupo). Essas relações particulares de cada campo geram um *habitus* que abrange a unidade social e estilo de vida dos agentes em seus espaços de atuações, gerando também princípios de diferenciações, conforme explica Bourdieu.

As formas de sociabilidades (re)produzidas por membros de torcidas organizadas são refletidas em seus espaços de interações e atuações como comportamentos padrões que caracterizam as particularidades desses grupos, sendo que estes contextos são marcados por disputas materiais e simbólicas que visam à construção de um *status* em relação a outras torcidas que competem entre si. Desse modo, passamos agora a analisar a formação da sociabilidade e identidade nas torcidas organizadas em um campo social de pertencimento, autoafirmação e alteridades.

Para os/as integrantes da TEG o primeiro elo com o grupo é torcer pelo River, pois o gosto por um determinado clube já evidencia aproximações e distanciamentos simbólicos entre agentes que convivem no campo social futebolístico, em particular no campo das torcidas organizadas. Neste caso, ser riverino é ser rival do Flamengo, do mesmo modo, é defender as cores tricolores (preto, branco e vermelho) em oposição às cores rubro-negras (vermelho e preto). Ser da Torcida Esporão do Galo é ser identificado como um grupo de torcedores/as riverinos que usam vestimentas no padrão preto, com uma camisa que mistura o *design* do uniforme do clube e os símbolos representativos da torcida, apresentando um galo forte e valente como o seu principal símbolo de identificação e se comunicando através de linguagens próprias, como por exemplo, os gestos com as mãos, metáforas de guerra e as

músicas do grupo. Igualmente, a distinção em relação ao grupo rival é característica marcante da TEG, e, neste caso, um dito comum na torcida é: "Não tem arrego, torcida Esporão desde 2001 caçador de rubro-negro!". Essa fala faz referência ao conflito de rivalidade que existe entre a TEG e a Torcida Império Rubro-Negro, ligada ao Flamengo-PI.

As torcidas lidam com significações de rivalidades entre grupos que são reproduzidas a partir das oposições clubísticas, não só como uma escolha de torcer por determinado time, mas também enquanto investimentos contínuos, se inserindo em uma rede de afetos e desafetos, assumindo os atributos de identificação do seu clube e a defesa das tradições que se transpõe de modo mais intenso entre as torcidas organizadas. Se o conflito e as disputas existem, é porque esses sujeitos se relacionam em um campo de competições marcado pela própria tradição de rivalidade clubística.



Imagem 5: A TEG chegando ao estádio para acompanhar o clássico Rivengo. O grupo carrega um caixão com as cores do rival simbolizando o seu enterro. **Fonte:** Arquivo da TEG. **Foto:** Vianey Moura

Toledo (1996) compreende que a sociabilidade torcedora é constituída a partir de um jogo de diferenças sinalizado pelas competições esportivas. Desse modo, a sociabilidade das torcidas organizadas revela negociações, conflitos e a própria busca pela imposição de uma suposta superioridade diante de outros grupos. Assim, essas corporações aparecem num primeiro momento com características singulares motivadas por ações afetivas ou tradicionais, e posteriormente se estruturam em uma formação burocrática que tem como principal objetivo manter os/as torcedores/as mais próximos/as do clube, cobrando e incentivando bons desempenhos, e ao mesmo tempo expandindo essas relações e criando interdependência com valores éticos e estéticos determinados, buscando finalidades

específicas para a manutenção do grupo e o avanço das posições nos campos de disputas em que interatuam. Logo, essa união desloca-se também para as relações cotidianas e passam a fazer parte do estilo de vida desses sujeitos.

Segundo George Simmel (2006), a sociabilidade aparece como forma autônoma e lúcida de sociação, ou seja, “a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade na qual esses interesses se realizam e formam a base da sociedade humana” (2006, p.60). Estas são práticas e relações dos indivíduos entre si que ocorrem em espaços concretos e resultam de necessidades e interesses sociais específicos, formando uma unidade social que muitas vezes transforma-se na satisfação de estar socializando. Como sabemos as torcidas organizadas inauguram sociabilidades próprias motivadas por impulsos de sociações entre sujeitos que partilham dos mesmos interesses, sendo regidas por regras particulares de pertencimento e oposição, correspondendo a comportamentos característicos e traduzidos em dimensões políticas de convenções, hierarquias, prestígio e poder. Portanto, a sociabilidade torcedora evidencia convergências e conflitos.

O conflito social é sociologicamente compreendido como elemento integrante das interações sociais. Simmel (1983) admite que o conflito também seja uma forma de sociação exercida por vários indivíduos e estando destinado a resolver dualismos divergentes que podem promover unidades sociais, abrangendo aspectos positivos e negativos, separados conceitualmente, mas não empiricamente. O conflito pode se configurar em relações construtivas entre partes que divergem, sendo capaz de formar um novo quadro social de defesa de determinados grupos em relação a outros, mantendo unidades culturais entre identificações e oposições, ou seja, (re)criando arranjos interacionais de antagonismo.

Se o conflito é causado por um objeto, pela vontade de ter ou controlar alguma coisa, pela raiva ou por vingança, tal objeto ou estado de coisas desejado cria condições que sujeitam a luta a normas ou restrições aplicáveis a ambas as partes rivais. Mais ainda, desde que a luta se concentre num propósito fora dela mesma, é modificada pelo fato de que, em princípio, todo fim pode ser alcançado por mais de um meio. O desejo de possuir ou subjugar ou mesmo de aniquilar o inimigo, pode ser satisfeito por meio de outras combinações e eventos além da luta (SIMMEL, 1983, p.133).

Os esportes, especialmente o futebol por promover momentos de exaltações, podem exagerar as competições e incentivar os conflitos dentro e fora de seus espaços de desempenho, sobretudo em relação às torcidas (MURAD 2012). É possível afirmar que a lógica interna do futebol pode auxiliar na compreensão das práticas de violência em torno

desse esporte. As disputas e discordâncias fazem parte da dinâmica do jogo e essas ações são incorporadas pelas torcidas que duelam entre si, reproduzindo as competições travadas nas quatro linhas do campo. Os conflitos proporcionados pela situação do jogo são conduzidos para outros espaços sociais, em que os/as torcedores, principalmente aqueles que fazem parte de torcidas organizadas, manifestam condutas transgressoras como meio de impor respeito e dominação diante de seus rivais, fazendo disso um aspecto de reação do grupo e praticando, arbitrariamente, uso de violência para impor tais condições. Compreendemos que existem também outras possibilidades de conflitos no campo das torcidas, como por exemplo, a disposição dos grupos em atividades de manutenção e sustentação de seus objetivos, ou suas reações performáticas tanto nas arquibancadas quanto fora delas, confrontando equipes rivais em disputas de autoafirmação. Entretanto, é essencial ressaltar que a violência, seja física ou simbólica, é uma realidade entre as torcidas organizadas e são nas influências que a sociedade exerce no futebol, e seus desdobramentos, que também vamos encontrar explicações para a compreensão deste acontecimento acerca dessa modalidade esportiva.

A sociabilidade do conflito nas torcidas organizadas é fomentada pela disposição ao enfrentamento físico. As provocações aos adversários também fazem parte do estilo de vida nas torcidas, sendo que estas ações identificam um pertencimento ao grupo, tornando-se um tipo de ritual a ser cumprido.

Nos discursos dos/as integrantes da Esporão do Galo, quando o assunto é sobre confrontos entre torcidas, fica nítido que eles/as buscam evidenciar a questão do respeito aos grupos rivais e, não obstante, ao mesmo tempo em que assumem existir esse respeito em relação aos outros, aparece também uma questão considerada ainda maior que seria o respeito pela honra e *status* da TEG diante do conflito. Ademais, a noção de respeitar o rival pode ser interpretada na torcida como a condição de não ser o primeiro grupo a atacar (mas que pode revidar um ataque), ou não fazer uso de armas durante um confronto. Como exemplo, cito estas duas falas abaixo:

Aqui na TEG a gente sempre tenta respeitar as pessoas. Tem aquela ideia de que futebol não se discute, mas o que estão fazendo com o futebol atual de colocar árbitro de vídeo é uma sacanagem, porque o bom do futebol é a discussão, é você discutir com alguém, bater boca, mas sem afetar o pessoal, o familiar e a saúde da pessoa. É saudável você sabendo discutir, sabendo brincar e tudo, é saudável. Agora questão de agressão assim, já parte para o outro lado. Aqui, tem “neguim” aqui que é porradeiro, mas a gente sempre tenta segurar. Tem “neguim” aqui que se falar uma coisa se pega, rum... Mas a gente sempre tenta respeitar os outros. Só que se a gente for recebido com sete pedras na mão, a gente vai com oito, a gente é assim, e o bonde aqui é fechadão mesmo. A gente mostra as caras, mas sempre tenta ser o respeito

máximo, para onde você chegar ser respeitado. É respeitando que você é respeitado. (DIRETOR MP)

A gente não mexe com arma, não tem o envolvimento de nada disso, a não ser o uso das mãos se for pra acontecer uma briga, porque a TEG é contra armas, armas aqui dentro da torcida a gente não aceita, nunca brigamos com arma. Então, vou dar um exemplo, a gente esteve no estádio que teve o jogo do River e Parnaíba, chegando lá só uma linha que dividia nossa torcida da rival, aí tem isso de que começam a afrontar a gente e a pessoa não fica calada. O que o presidente e nós diretores falamos, é: “gente calma, não dá atenção e vamos cantar”. Assim a gente foca no time... mas se alguém chegar, mexer, puxar, tomar uma camisa... aí é diferente, ou a gente vai falar com a liderança deles, ou tentar amenizar. E a polícia sempre fica na retaguarda. Então a gente sempre tenta fazer com que aquilo ali não se estenda, mas se eles fizerem de forma diferente vão ser respondidos no mesmo nível, só que o respeito existe, a gente não chega afrontando porque é rival, a gente entra de cabeça erguida, não baixa a cabeça, mas também tem o respeito. E se for pra gente ir pra brigar, a gente vai pra briga. (CONSELHEIRA)

Os membros de associações de torcedores/as estão inseridos em um contexto urbano marcado por violências simbólicas e físicas que atravessam a constituição do grupo. É preciso considerar que o uso de violências são instrumentos de autoafirmação e legitimação de posições nos campos de competições em que esses sujeitos se relacionam. “Podemos dizer que a violência é sempre uma possibilidade humana, além de uma possibilidade social. Sua manifestação dependeria somente de algum estímulo externo” (MURAD, 2012, p.100). Decerto, não são todos/as os/as integrantes de torcidas organizadas que se arrogam de uma “índole violenta”, todavia, a construção identitária do grupo passa pela generalização da imagem e reputação que atores externos reconhecem e associam à identidade desses sujeitos, pois a construção da identidade é moldada e ajustada pela interação com os outros (GOFFMAN, 2004).

As informações sociais são referidas por Ervign Goffman (2004) como aspectos identificadores que podem ser compreendidos como símbolos de prestígio caracterizando atributos sociais da identidade dos indivíduos, ou podem ser lidos como símbolos de estigma que descaracterizam os atributos e apontam aspectos que são socialmente percebidos como negativos. Nos grupos de torcidas organizadas, comumente, os símbolos de estigma são convertidos em símbolos de prestígio, pois, quanto mais seus membros passam uma imagem transgressora e exorbitante, mais informações positivas esses grupos conseguem transmitir aos demais sujeitos que vivenciam as mesmas experiências. Entretanto, em outros campos sociais essas ações “desviantes” são estigmatizadas.

Nesse sentido, os/as integrantes da TEG afirmam que o grupo é frequentemente associado a vandalismo e baderna, sendo que essa ideia é reforçada por alguns portais de notícias do Piauí que, segundo os sujeitos de pesquisa, só procuram o grupo para relatar situações que são vistas como negativas na sociedade e, assim, construindo o que, com base em Goffman, refere-se à biografia manipulada da identidade social do grupo criada pelo olhar do outro. “Pode-se acrescentar que todas as vezes que um indivíduo entra numa organização ou numa comunidade, ocorre mudança marcada na estrutura do conhecimento sobre ele - sua distribuição e seu caráter - e, portanto, mudança nas contingências do controle de informação” (GOFFMAN, 2004, p.60). Essa generalização que caracteriza as torcidas organizadas enquanto grupos violentos e perigosos faz com que alguns torcedores/as comuns, assim como outros sujeitos fora do campo social futebolístico, se afastem e criem aversão das torcidas organizadas. Por esse ângulo, os membros da TEG não negam que de fato existem confrontos entre grupos rivais, mas que de modo geral a torcida não pode ser resumida a isso, e, conforme relatam, mesmo que ocorram brigas generalizadas entre grupos distintos, existem limites e estratégias que sinalizam até que ponto esses sujeitos estão seguindo a ideologia do grupo, no caso da TEG de “torcida pista”, visto que para eles/as algumas ações transgressoras podem agregar prestígio no campo das torcidas organizadas. Dessarte, quando perguntei sobre as estratégias do grupo para diminuir atos de violência na Esporão do Galo, o puxador da torcida respondeu:

Tem que ter uma chamada dos membros para conter os excessos, mas como aqui é um documentário verdadeiro a gente tem que ser sincero. Por exemplo, se um cara chegar lá na torcida rival e tomar a faixa deles e trazer pra nós, querendo ou não, ele não vai receber uma bronca, vou ser sincero. Vou cantar a música que o cara puxou a faixa do rival, vou cantar isso pra provocar, sou sincero. Agora o cara chegar, tá lá o torcedor comum, tá lá uma criança, tá lá um idoso, tá o cara que não faz parte de nada e nem entende o que é subdivisão de torcida, que tá indo pro estádio agora, aí vai lá alguém da torcida organizada e comete um delito contra essas pessoas, ou uma falta de respeito e agressão, isso aí é punido e é punido grave. Porque a gente tem que saber quem é de torcida e quem não é, saiba diferenciar. [...] Esse lance de agressão e querer atrapalhar o andamento de outras pessoas que não tem nada a ver com o nosso grupo e nossa ideologia, a gente não faz isso. Agora assim, se tá lá o carinha, aquele carinha lá da torcida do Flamengo que sabe tudo, que já fez e aconteceu, que agente já conhece ele, então se o cara chega e dá um tapa nele, ou se ele procurar confusão, aí de certa forma já é muito difícil. Eu posso brigar com as caras que fazem isso, mas também tenho que entender que os caras já passaram por atentados por conta daquele rapaz, ele não é um inocente, o problema é acontecer com algum inocente. **Se você está no meio da torcida organizada, se você vai para um jogo que de certa forma tem um perigo, tem a torcida adversária e se você tá no meio cantando música incitando a violência, fazendo alvoroço, você sabe o que está se passando ali. Então você sabe**

as possíveis consequências. [...] Cara, quem quer brigar, briga! Mas não fere inocente! Se tem dez caras aqui que dizem, “eu gosto de brigar”, então briga. Não depredando o patrimônio público, não ferindo um inocente e, de certa forma, não trazendo uma morte, um homicídio... Porque pra mim é covardia você matar o outro só porque é da torcida rival, mesmo tendo o meu lado de rivalidade, de provocar e até mesmo querer brigar em certo momento, mas eu acho covardia você matar. Porque assim, o mais legal é você tirar sarro no outro dia com o cara que apanhou. Então pra que tu vai matar ele? Tu vai queimar tua torcida, vai ser preso, a família do cara vai chorar, ele tem pai, tem mãe, tem irmão, assim como o cara que fez o delito. Então pra mim o que falta é só essa mentalidade, porque aí a torcida ia ter o que ela quer, que é futebol e porrada. Briga quem pode e quem quer brigar, mas não que interfira na vida de outras pessoas e nem que traga um homicídio, que saiba parar, brigar, mas parar e não brigar até matar alguém, não precisa disso, essa é a minha opinião. Mas sempre tem os radicais, e o núcleo da maioria das organizadas do país é um núcleo que os caras cresceram assim, então pra você mudar o pensamento do cara que cresceu assim é muito difícil. E assim, quem tá vindo de uma nova geração é quem tem que trazer essa mentalidade, só que **as dificuldades sociais que o todo oferece para a população são o que faz o cara chegar violento na torcida, o que faz o cara na torcida ser um revoltado, o cara querer matar o outro.** (PUXADOR) (grifo nosso)

A partir dessa fala, analisamos que as torcidas organizadas se relacionam em um contexto conflituoso de desestruturação urbana. Em tal caso, como observou Pedrazzini (2006), a violência pode chegar a atingir “formas de relações extremas” enquanto possibilidade de superar as contradições e desigualdades da metrópole. Nesse sentido, esses sujeitos estão imersos na violência “total” dos contrastes da urbanização, estimulados a agirem de modo igualmente violento. As práticas de violência nas torcidas organizadas não estão separadas da realidade social. Neste caso, como já foi discutido, a própria dinâmica futebolística pode contribuir para exagerar os momentos de exaltação dos indivíduos que integram esse campo de disputas.

Entendemos que o comportamento contraventor dos membros de torcidas organizadas faz parte dos mecanismos de negociações do grupo em um campo social de competições marcado por dominações simbólicas de representação e que envolve excitações, transgressões e violências. Não se trata, portanto, de uma disputa tão somente arbitrária e destituída de sentido, mas, certamente, de uma disputa intensa marcada por experiências afetivas, conflituosas e de pertencimentos que constituem a base das identificações torcedoras.

Os símbolos, rituais e linguagens evidenciam as diferenças em relação aos outros e são sinalizados como patrimônio da torcida, defendido diante de qualquer ato que possa representar ameaça e depreciação à posição que o grupo ocupa na estrutura do seu campo. Como lembra Woodward (2000), as identidades são adquiridas por meio dos sistemas

simbólicos de representação que classificam os grupos e suas interações, estando vinculada também a condições sociais e materiais. “O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades” (2000, p. 14).

À vista dessas discussões, podemos analisar essas relações de disputas e autoafirmações a partir dos capitais simbólicos, tomando com base os conceitos teóricos de Bourdieu (1989; 1996), e aqui, entendendo que existem competições entre torcidas organizadas no intuito de adquirirem capitais simbólicos (patrimônios, símbolos, signos, rituais, comprometimentos) que concedam reconhecimento para estes grupos, sendo igualmente defendidos e negociados como marcas de preponderância e poder, caracterizados enquanto investimentos que garantem a dominação de determinados grupos em espaços destinados ao conflito e demonstrações de superioridade.

Durante os duelos entre torcidas organizadas existem rituais que designam a dominação de um grupo em relação a outro, revelando as posições de agentes “dominados” e “dominantes”. Esses rituais são frequentes quando o time da casa está perdendo, ou perde a partida para o time rival e, assim, a torcida ligada ao clube com o mando de campo da partida busca manter sua superioridade se apoderando de algum capital simbólico (faixas ou camisas) que representa o patrimônio do grupo oponente para, então, reverenciar o seu prestígio. Esses rituais são denominados de “tomada”, comuns em clássicos de rivalidades acirradas, no qual essas tomadas também podem ocorrer em situações de afrontamento, como por exemplo, quando algum/a torcedor/a uniformizado de TEG se aproxima da torcida rival, e por consequência, independente da motivação dessa aproximação, esse ato é interpretado como um desafio para tentar diminuir o *status* do grupo oposto, indicando que um sujeito vestido com o uniforme da TEG atravessou o território rival sem sofrer consequências e, diante disso, essas atitudes podem gerar confrontos generalizados.

Igualmente, essas práticas de rivalidades também são manifestadas por meio de canções que sinalizam o confronto entre os grupos. Neste cenário, para ironizar e provocar os/as adversários/as, a Esporão do Galo canta nos estádios uma música que faz referência ao ritual de “tomada” e demarca uma posição de dominação. Nessas ocasiões pode-se ouvir:

Sou da Esporão do Galo
O bonde da maldição
Toma faixa e bandeira
Pra fazer pano de chão
Pois na TEG tá ligado
Os maluco faz assim

Sou da Esporão do Galo
A maior do Piauí.

Oba, Oba, Oba...
Com a gente ninguém se mete
A maior da capital
Eu sou do bonde da TEG.

Por outro lado, diante desse contexto de rivalidades, existem também alianças que são formadas entre torcidas organizadas de todo o Brasil, visando fortalecimento e autoafirmação conjunta. Nesse caso, existem quatro tipos de alianças que são identificadas entre as torcidas organizadas brasileiras, que são: União Dedos Para o Alto (DPA), União Punhos Cerrados (UPC), União Punhos Colados e União Punhos Cruzados. Cada uma dessas alianças corresponde à coligação entre torcidas de diferentes estados que assumem ideologias semelhantes e criam códigos de identificações e oposições em relação a outros grupos. A Torcida Esporão do Galo se identifica com a aliança DPA (ver apêndice II, tabela 1, p.107), por isso o seu gesto de identificação é sinalizado com as mãos e os dedos para o alto, evidenciado para os demais sujeitos que conhecem esses códigos de qual união das torcidas eles/as fazem parte.



Imagem 6: Membros da TEG fazendo o gesto de identificação da torcida (DPA). **Fonte:** Arquivo da TEG

Além das alianças em nível nacional, existem também as alianças regionais, como por exemplo, a Torcida Organizada Cearamor, representante do time Ceará Sporting Club – CE, e a Torcida Jovem Fanático, representante do clube Náutico Capibaribe – PE, são grupos aliados da TEG no Nordeste, bem como outras torcidas do Norte e Nordeste que se coligam compartilhando conhecimentos e trocando abrigos nas sedes durante as caravanas para

acompanharem os jogos de seus clubes fora do estado. A união regional dessas torcidas é identificada como grupo do “Lado B” (ver apêndice III, tabela 2, p.108-109) que compartilham regras de convivências similares e assumem as mesmas rivalidades. Conseqüentemente, conflitando com as torcidas do “Lado A”, no qual se encontram os grupos representantes dos times Esporte Clube Flamengo, Fortaleza Esporte Clube e Sport Club do Recife. Esse antagonismo entre as torcidas vem da própria rivalidade entre os clubes de futebol, que se intensificam na contraposição das torcidas organizadas. Assim, nas relações de alianças dificilmente existem cruzamentos de grupos rivais, pois antes é preciso avaliar quem faz parte de cada lado para então firmarem a união. A TEG escolhe suas aliadas já pensando na rivalidade com o Flamengo, de modo que não existam possibilidades de ocorrer qualquer ligação entre o grupo tricolor e o rubro-negro. Neste caso, Woodward afirma que a identidade é marcada em relação à diferença, construindo sistemas classificatórios que podem definir quem é incluído e excluído de determinados grupos:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença (WOODWARD, 2000, p.39).

Essas relações de alianças e oposições entre torcidas organizadas indicam a formação de recursos, negociações e conflitos nas posições e diferenciações de seus agentes no campo social estruturado e estruturante, considerando defesas e disputas dos capitais simbólicos entre grupos aliados e rivais. Para os/as integrantes da Esporão do Galo a união entre torcidas regionais se torna ainda mais intensa pelo fato desses sujeitos viverem situações parecidas no contexto futebolístico local, juntas buscam reconhecimento de suas atuações em nível nacional.

Quando a gente fundou a TEG já tinha essa divisão de Lado B e Lado A, é uma coisa bem antiga. A gente escolhe o lado que quer ficar e aqui escolhemos o Lado B por uma questão de rivalidade com o outro lado, mas também de afinidade com essas torcidas. E quando tem caravana de viagem, a gente se hospeda na sede deles e eles também ficam aqui na nossa. Do mesmo jeito nos eventos... Que eles vêm pros nossos eventos e a gente vai para os eventos deles. Eles também compram os materiais aqui da loja e a gente compra os deles. É uma parceria mesmo. (PRESIDENTE)

Decerto, as relações de proximidades e distanciamentos entre grupos que buscam manter o *status* no campo social, geram o que, com base em Bourdieu (1996), pode-se

entender como um *habitus* de conhecimento adquirido e disposição incorporada do/a torcedor/a organizado/a, enquanto princípio unificador que ressignifica interesses e comportamentos em estilo de vida, portanto, estruturando suas formações subjetivas. Simultaneamente sendo agente diferenciado e diferenciador, pois, o mesmo objeto (ou capital simbólico) pode variar suas significações entre diferentes classes e grupos sociais, correspondendo a signos distintivos demandados em cada campo, assim, permitindo o conhecimento das regras e leis que estão em jogo.

O *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), e que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p.162).

Deste modo, as análises a partir dos conceitos de Pierre Bourdieu fornecem um modelo de investigação do objeto de pesquisa, compreendendo a construção e organização da identidade torcedora como relacional e constituindo-se através das experiências subjetivas e objetivas que são simultaneamente partilhadas e negociadas pela construção das identificações e diferenças no campo das torcidas organizadas.

2.4 Mulheres em campo: a representação feminina nas torcidas organizadas

Cada vez mais as mulheres estão ocupando os estádios e mostrando que o lugar delas também é nas arquibancadas, assumindo seus gostos e lutando contra o machismo no futebol. É importante ressaltar que durante as fases iniciais de popularização e profissionalização do futebol no Brasil, as mulheres compareciam em grande número nas competições futebolísticas, sendo as principais expectadoras desses eventos, acompanhando seus pais, maridos e filhos, identificando suas preferências por determinados clubes com o uso de fitas e lenços que representavam as cores das agremiações, sendo reconhecidas como as primeiras torcedoras dinâmicas do futebol brasileiro (TOLEDO, 1996). Porém, com o avanço do profissionalismo nas práticas futebolísticas, houve acirramento nas disputas e a extensão de euforias, virilidades e rivalidades clubísticas, tornando o público masculino predominante nas arquibancadas. Assim, o futebol tornou-se um esporte culturalmente voltado para homens e com espaços marcados por reproduções de discursos e práticas machistas.

Se considerarmos a noção de dominação masculina, baseada em Bourdieu (2012), enquanto produção material e simbólica de legitimação da virilidade masculina no futebol, somada às lutas femininas por reconhecimento de seus espaços no campo esportivo, percebemos que, de fato, as mulheres ocupam posições de “dominadas” no lócus futebolístico. Além disso, é preciso reconhecer que a própria violência simbólica, legitimada pela dominação masculina, se desenvolve enquanto consequência da aceitação e reprodução dos questionamentos sobre a objetificação e controle do corpo e gosto social feminino nos espaços futebolísticos, promovendo instabilidade e insegurança por parte das mulheres que acompanham e praticam o futebol (SALVINE; SOUZA; JÚNIOR, 2012).

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2012, p.17).

No campo futebolístico as mulheres são rotuladas e estereotipadas a partir de um imaginário social que naturaliza e internaliza a masculinização do esporte, em que as mulheres são enquadradas em características depreciativas para anular ou neutralizar suas feminilidades, bem como testando e desconsiderando seus conhecimentos sobre o esporte. Sthalberg (2009) identifica três características básicas relacionadas às mulheres que gostam de futebol: a masculinizada, a maria-chuteira e a torcedora modinha. A primeira característica estereotipada faz referência a mulheres que praticam e acompanham o futebol em razão deste esporte ser precipitadamente percebido enquanto prática e espaço de masculinidades, então, nessa visão, as mulheres que se interessam pelo futebol são rotuladas como semelhantes aos homens, sendo chamadas de “macho-fêmea” ou “maloqueiras”; O segundo estereótipo, denominado de “maria-chuteira”, refere-se a mulheres que se dizem interessadas por futebol, mas que esse interesse seria tão somente um pretexto para se aproximarem e se relacionarem com os jogadores, estando realmente motivadas pela beleza, dinheiro ou popularidade dos atletas; Já o rótulo de “torcedora modinha” está relacionado à visão de que as mulheres não entendem nada de futebol e querem apenas chamar atenção ao assumirem um suposto *status* de torcedora quando algum clube de futebol tem ascensão.

Em tal caso, as mulheres que se identificam com o campo futebolístico são subjugadas pela dominação masculina e mesmo que elas busquem esquivar-se dos estereótipos e rótulos que lhes são atribuídos pelos homens, muitas vezes as mesmas acabam reproduzindo esses

discursos ao se restringirem a determinadas atitudes para não se enquadrarem nos adjetivos proferidos pelos “controladores” do campo.

A visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito (BOURDIEU, 2012, p.44).

Em contrapartida, atualmente as mulheres têm questionado e se posicionado efetivamente a respeito de suas ações nos espaços futebolísticos, criando grupos de apoios femininos para reivindicarem seus direitos de ocuparem as arquibancadas e acompanharem as competições de futebol sem sofrerem importunações e ultrajes. Sendo que esses movimentos no cenário futebolístico são também uma representação do empoderamento feminino sociocultural e político que segue ganhando força na sociedade, evidenciando que gradativamente as mulheres tornam-se mais conscientes de seus direitos, lutando por igualdades e equidades em variados contextos.

Recentemente, em março de 2018, o *Sport* Clube Corinthians Paulista lançou uma linha de camisetas oficiais em apoio às jogadoras e torcedoras do clube com a frase “Respeita as Mina”. Nesse caso, é notória a mudança que ocorre no cenário futebolístico em relação ao espaço (simbólico, físico e político) no qual estão ocupando as mulheres que praticam e acompanham essa modalidade esportiva, exigindo respeito e reconhecimento. O que também gera certa atenção do mercado esportivo e das produções de *marketing* voltadas para a atuação e participação enérgica das mulheres nesse campo. Como diz Kessler (2016), o futebol em sua totalidade é um elemento criado, mas que também é criador, contendo diversos elementos que permitem sua reformulação e recriação, transformando-se de acordo com as mudanças socioculturais.

Dos grupos que frequentam os estádios de futebol no Brasil, destacam-se as torcidas organizadas pela capacidade de construção de uma associação coesa e que se insere de modo mais intenso na dinâmica do jogo, sendo que estes grupos são também reprodutores de um padrão normativo masculinizado. Em geral as torcidas organizadas são formadas por homens e mulheres, ainda que em sua maioria seja composta por homens. Porém, nos últimos anos, tem aumentado a participação de mulheres nesses grupos que buscam cada vez mais valorizar e ressaltar a presença feminina nas torcidas organizadas. Em tal caso, na Torcida Esporão do Galo as mulheres filiadas ao grupo fazem parte de uma subdivisão nomeada de “Poder Feminino”, na qual assumem responsabilidades próprias e são lideradas por uma diretora

responsável pela organização e manutenção de suas atividades. Sendo assim, elas desempenham funções variadas no grupo, embora ainda estejam em pouca quantidade, visto que o Poder Feminino é composto por cerca de 50 (cinquenta) integrantes, das quais apenas 3 (três) ocupam cargos de destaque: a líder do Poder Feminino, a integrante da bateria e a conselheira da torcida. E em alguns eventos (nos estádios, festas comemorativas e ações sociais beneficentes da torcida) as mulheres assumem a linha de frente e representam a união e disposição feminina na TEG. Neste ponto, vejamos as seguintes falas:

O Poder Feminino foi fundado junto com a torcida, **as meninas para não ficarem dispersas na bancada se juntam e ficam unidas enquanto mulheres que usam a voz na bancada para colocar a tona as lutas que nós defendemos por igualdade de gênero e por respeito, porque o mundo do futebol tem muito desrespeito em relação às mulheres, muito preconceito, e nós usamos a nossa voz para lutar contra isso.** O poder feminino é muito visto no estado, então aonde a gente chega todo mundo para, todo mundo fala, todo mundo olha e diz: “olha, elas estão ali porque elas podem estar ali, elas fazem o que elas querem”. Isso porque até um tempo atrás ainda tinha muito uma coisa de que mulher está lá pra enfeitar a bancada... não mais! Mulher não está lá pra enfeitar bancada não, mulher está lá porque ela gosta do time e quer torcer pelo time. **Para mudar essa ideia de mulher como enfeite de bancada a gente faz eventos, ações sociais e projetos dentro da torcida sempre procurando nos destacar, que é pra gente ter o respeito mesmo.** Hoje em dia o poder feminino é muito respeitado, mas nem sempre foi assim e muitos homens ainda ficam com piadas. Aqui na torcida os meninos respeitam muito, eles apoiam e dizem que a gente tá aqui pra somar, então na nossa torcida não tem esse preconceito, mas fora com certeza tem, porque a gente é de uma torcida grande no estado e muitos falam coisas boas, mas tem outros que falam coisas ruins, até porque associar mulheres a coisas ruins é muito fácil. Então a gente tenta mudar essa visão mostrando que nós somos capazes. O Poder Feminino tem uma líder e a gente tem um grupo no *whatsapp* para discutir algumas campanhas, como a campanha de outubro rosa, de conscientização da importância do nosso grupo na torcida, campanhas de violência contra a mulher, então tudo o que for para conscientizar e melhorar a gente faz. (ASSOCIADA G) (grifo nosso)

O Poder Feminino é uma forma em que nós podemos ter liberdade pra ir ao estádio, porque você sabe que hoje em dia ainda somos criticadas por frequentar um estádio de futebol, então assim, nós sofremos muito *bullying*, porque às vezes no estádio tem uma pessoa que diz “ah, mulher não pode ir para estádio”, ou a gente faz um comentário via *facebook* e sempre tem uma pessoa que diz “a sua opinião não conta”. Então é a questão da união, quanto mais união existir é melhor. **Nós mulheres hoje em dia estudamos torcidas, a gente estuda os nossos aliados e pesquisamos sites que falam sobre torcidas, então a gente tem que ter um conhecimento pra ter aquela união e fazer com que o poder feminino seja um diferencial. Lugar de mulher é onde ela quiser, eu penso dessa forma.** Também faço parte de grupos de aliadas fora do estado onde a gente consegue ter uma comunicação e defender esse lado, **o poder feminino é a união das mulheres da torcida.** Agora mesmo estamos com grandes projetos para o

próximo ano, onde vamos tentar destacar o poder feminino em relação à torcida, porque a gente sempre quer o diferencial e ver a mulher na bancada, ver o poder feminino na linha de frente. Geralmente a gente fica nas primeiras fileiras do estádio e tem o bandeiraço do poder feminino também, inclusive, hoje em dia nós temos uma integrante nossa na bateria, temos também na diretoria, porque antigamente a mulher não podia estar na diretoria, mas a mulher ela tem uma visão de organização melhor. Então é questão de união e comunicação, o poder feminino é isso. Tem uma liberdade de comunicação entre o presidente e a gente, nós temos total liberdade para dar ideias que são avaliadas para saber onde podemos chegar e o que podemos fazer, essa liberdade da gente ele nunca tirou, como presidente ele não tem esse negócio de bloquear o poder feminino. Mas de modo geral, em torcidas no geral, acontece das mulheres serem testadas, de dizerem: “ah, se você diz que vai fazer, então faça”. E muitas vezes a mulher consegue se sair bem melhor que os homens, tipo em organização de festa e de participar de jogos de guerra, como a gente chama os jogos com rivais, e muitos dizem que a mulher não pode porque quando chegar lá elas vão correr, mas não, e a gente já foi na caminhada e veio pedra e tudo, mas nós estávamos ali na linha de frente, não tem isso de correr, lógico que a defesa de correr e se afastar vai existir, isso é fato, mas torcida quando tá ali no teu sangue, quando você ama mesmo a torcida e faz por amor, pode vim o que for que você vai sempre estar ali na contenção para dar força ao que você quer. (CONSELHEIRA) (grifo nosso)

As integrantes da TEG descrevem suas atuações no grupo como combinação de forças para o enfrentamento diário dos preconceitos que existem em relação às mulheres que gostam de futebol e frequentam os estádios. Ademais, nas duas falas acima, percebemos que existem diversos investimentos e atuações dessas mulheres para provarem suas posições no grupo e se destacarem, fazendo campanhas nos estádios, organizando eventos e buscando conhecimentos sobre a composição da torcida organizada, se afirmando também diante do conflito com grupos rivais. Todavia, mesmo que elas reconheçam em seus discursos a existência de liberdade e igualdade no grupo, fica claro que ainda são os homens quem decidem quais as posições e espaços que elas devem ocupar.

Dessa maneira, apesar do crescimento na participação de mulheres em torcidas organizadas, ainda assim, prevalecem nessas agremiações manifestações de masculinidades que são reproduzidas enquanto práticas frequentes e modelos de organização do grupo (GUILHON, 2017). Nesse meio, raramente encontramos mulheres exercendo funções de comando, assumindo cargos na diretoria geral ou na presidência, logo, seus âmbitos de atuação nas torcidas ainda são limitados.



Imagem 7: Poder Feminino na arquibancada. **Fonte:** Arquivo da TEG



Imagem 8: Mulheres da TEG divulgando a campanha Outubro Rosa no estádio. **Fonte:** Arquivo da TEG

Existem ainda contradições recorrentes quanto ao lugar que as mulheres ocupam nas torcidas organizadas, pois ao mesmo tempo em que elas ganham destaque em algumas atividades do grupo, em outros contextos ainda são subjugadas a uma representação de masculinidade. A estruturação das torcidas funciona como um mercado de bens simbólicos dominado pela visão masculina, ou seja, por um olhar sinalizado por categorias de percepção e análise de cunho masculino (BOURDIEU, 2012). Em tal caso, ser feminina é essencialmente evitar todas as práticas que podem funcionar como sinais de virilidade que representam o grupo, e, sobretudo, quando dizem que uma mulher é muito feminina, esse é mais um modo sutil de lhe negar qualquer direito ao poder. Além disso, os confrontos entre grupos rivais ainda seguem marcados por entonações de metáforas pejorativas em relação à representação de feminilidades, como por exemplo, quando dizem que um grupo rival é formado por “mulherzinhas” ou “bichas”, para assim negarem a “índole máscula” que revela aparente condição de prestígio nas condutas do grupo. Na Esporão do Galo uma das

provocações proferidas aos grupos rivais é afirmar que “até mesmo” o Poder Feminino é maior que todo o grupo adversário, assim, referindo-se como escárnio ao fato de que as mulheres da TEG se apresentam em maior número que os homens da torcida rival, indicando que esse acontecimento ainda é algo distante do que é percebido como normalidade nas torcidas organizadas. Inclusive, as próprias mulheres do grupo reproduzem essas provocações.

Por outro lado, o Poder Feminino é representado com o lema “beleza e atitude”, expressão que é constantemente compartilhada entre as mulheres do grupo. Quando perguntei a uma das integrantes sobre o significado desse lema, a resposta foi: “beleza e atitude representa uma mulher bem resolvida que não tem medo de encarar ninguém, nem de encarar o preconceito de ninguém, que mostra o que pensa e o que quer, e que está disposta a sempre se superar”. Em minhas observações percebi que de fato as mulheres da TEG são bastante atuantes no grupo e se empenham para desconstruir a imagem de mulher como pano de fundo da torcida e, mesmo com as adversidades, certamente elas são mulheres de atitude. No entanto, fiquei me questionando sobre a significação da “beleza” citada no lema, e, em um primeiro momento, confesso que entendi essa beleza como algo relacionado tão somente à aparência física e vaidade, referente a um padrão de beleza e feminilidade. Decerto, não se pode negar que existe uma correlação do lema com a reprodução de padrões de beleza e feminilidades entre essas mulheres, visto que a própria logomarca de representação do Poder Feminino também manifesta elementos que reforçam um “ideal feminino” na figura de uma mulher com cabelos compridos, maquiada e de uniforme mais ajustado (ver anexo V, p.116). Entretanto, ao conhecer a composição do grupo de perto e de dentro, entendi que essa beleza está também intrinsecamente relacionada com as atitudes de empatia e sororidade, mesmo que não utilizem tais termos, anunciadas em suas ações e seus discursos e, assim, descortinando a beleza e atitude que podem ser reconhecidas e representadas nas relações de acolhimento, força e solidariedade que elas compartilham entre si.

Nesse segmento, há um movimento de mulheres denominado “Mulheres de Arquibancada: resistência e empoderamento” que seguem organizando em nível nacional encontros para reunirem diversas torcedoras filiadas a torcidas organizadas de futebol, nos quais promovem debates sobre a desconstrução diária do machismo nos espaços esportivos e a construção de empatias entre as mulheres. O grupo busca atender uma demanda nacional de participação feminina nas atividades futebolísticas, visando à organização anual desse evento em todas as regiões do Brasil, discutindo planos de ações estratégicas para incentivar e exigir participações mais atuantes de mulheres nos estádios e nas torcidas organizadas. O primeiro encontro nacional do grupo ocorreu em 2017 na cidade de São Paulo. Já o segundo encontro,

realizado em 2018, aconteceu na cidade de Fortaleza¹². Durante as duas edições já realizadas algumas representantes do Poder Feminino da TEG participaram do evento e repassaram os debates e aprendizagens para as demais integrantes do grupo. As campanhas de divulgação desses encontros são marcadas e compartilhadas nas redes sociais (*facebook* e *instagram* - @mulherdearquibancada), utilizando a *hashtag* “#DeixaElaTorcer”, onde também partilham constantes mensagens de apoio e motivações para continuarem lutando por seus direitos. No entanto, essa expressão “deixa ela torcer” indica uma permissividade que não está relacionada unicamente a vontade do próprio movimento em si, ou seja, ainda é preciso que sujeitos fora desse campo de empoderamento feminino também reconheçam as reivindicações dessas torcedoras para que as mudanças realmente aconteçam.

Na fala de uma das integrantes do Poder Feminino sobre o evento Mulheres de Arquibancada, pode-se perceber que, de algum modo, para as mulheres de torcidas organizadas é necessário que os homens respeitem seus espaços e compreendam seus esforços no campo futebolístico:

Foram duas integrantes da TEG para Fortaleza participar do Mulheres de Arquibancada e elas voltaram com bastante conhecimento. [...] Quando acontece esse tipo de evento, sempre vão representantes nossas, daí elas buscam conhecimento e repassam para as outras. Esse tipo de evento é muito produtivo, apesar de que por mais que as mulheres, não só do Poder Feminino, mas todas as mulheres de arquibancada promovam isso sempre, essa ainda é uma discussão que deve acontecer todo dia, porque apesar da gente fazer tudo isso, ainda sentimos que existe bastante preconceito e é por isso que a gente não para, porque se parar é pior. A pessoa estar lá no meio disso tudo, sendo mulher, não é fácil, é preconceito no estádio, na família, no grupo de amigos... E a torcida está aqui pra dar um suporte e mostrar que a gente pode. A conscientização na torcida começa também nos homens, porque eles falam: “olha, vocês podem!”. E se eles dizem que a gente pode quem é uma pessoa de fora para dizer que a gente não pode? A gente sempre procura aprender e buscar conhecimento participando desses eventos para conscientizar não só as mulheres, mas também os homens da torcida, porque eles também se interessam por isso. (ASSOCIADA G)

Nesse sentido, percebemos que mesmo com as reivindicações e posicionamentos das mulheres no campo das torcidas, assumindo seus lugares na arquibancada e buscando desconstruir preconceitos, não obstante, existe uma divisão de gênero na ocupação de determinados espaços em que os homens continuam responsáveis pela organização e

¹² A edição de 2018 ocorreu dia 11 de agosto, na Assembleia Legislativa do Ceará. Todo o debate foi compartilhado ao vivo no *Facebook* – ferramenta por onde acompanhei todos os debates do encontro – contando também com a interação de torcedoras *online*.

administração do grupo. Essas características são um reflexo típico da cultura futebolística que evidencia a forte presença de normas e identidades masculinas.

Do mesmo modo, nota-se que o próprio nome “mulheres de arquibancada” e não “mulheres na arquibancada” reivindica um espaço que, de fato, já pertence a elas, sendo que esse movimento é de visibilidade, reconhecimento e respeito a um lugar que já está apoderado, mas que permanece com invisibilidade. E algumas das propostas do grupo são: a obrigatoriedade da presença de policiamento feminino em todos os estádios; melhoria na infraestrutura de estádios mais antigos para atenderem suas necessidades, como por exemplo, construindo banheiros femininos com fraldários e rampas de acessibilidade (visto que alguns estádios antigos sequer têm banheiros femininos); campanhas públicas de incentivo à presença de mulheres nos estádios, garantindo respeito e segurança para evitar a evasão feminina; participação e atuação em cargos de diretorias nas torcidas organizadas, assim como na composição da bateria e das bandeiradas durante os jogos.

Na Esporão do Galo algumas mulheres já atuam em funções que antes eram destinadas apenas aos homens do grupo, como por exemplo, na agitação de bandeiras na arquibancada (bandeirada), tocar instrumentos da bateria e exercer o cargo de confiança ao lado do presidente, como é o caso da conselheira da torcida e da líder do Poder Feminino. Essas mudanças indicam que, mesmo que seja aos poucos, as mulheres estão conseguindo mudar a estrutura do grupo e ocupar novos espaços, desmontando os “papéis tradicionais” que são referidos a elas.



Imagem 9: Representante do Poder Feminino bandeirando na arquibancada. **Fonte:** Arquivo da TEG



Imagem 10: Bateria da TEG constituída por cinco homens e uma mulher. Fonte: arquivo da TEG

Afinal, com o passar do tempo, as mulheres estão ocupando diferentes espaços nas mais variadas conjunturas sociais, entre elas, e especificamente, no âmbito futebolístico. Com isso, os caminhos entre assumirem um “papel atribuído de gênero” ou um “*habitus* de feminilidade” (BOURDIEU, 2012) foram questionados, ou, dito de outra forma, as dicotomias binárias de gênero entre convenções sociais de virilidade para homens e convenções sociais de fragilidade para mulheres passam a ter suas fronteiras declinadas. Porém, ainda assim existem reproduções de machismos e heranças de dominação do patriarcado que confrontam a expansão da real autonomia das mulheres nos variados contextos em que atuam, permanecendo classificadas mediante avaliações e aprovações masculinas, uma realidade que revela a estrutura do campo social de disputas e relações de poderes entre as construções de gênero, como descreve Bourdieu.

3 A CIDADE DAS TORCIDAS: O “LUGAR” DAS SOCIABILIDADES IDENTITÁRIAS – AFETOS E CONFLITOS

Com a popularização e profissionalização do futebol brasileiro este passou a ser agente transformador, sobretudo dos espaços urbanos, estreando novas formas de trabalho, entretenimento e lazer, gestadas a partir de suas práticas e da excitação dos/as torcedores/as, recriando comportamentos e linguagens que vieram a transcender o ambiente esportivo (TOLEDO, 1996). Desse modo, conforme as cidades modificam suas relações econômicas, políticas e culturais, as experiências no contexto futebolístico também se transformam em aspectos organizacionais e relacionais. Segundo DaMatta (1982) o futebol brasileiro é uma máquina de socialização e um sistema complexo de comunicação e valores, contendo riquezas simbólicas que representam a sociedade.

Sendo assim, as torcidas organizadas emergem nesse cenário de transformações urbanas modificando as interações e aproximações entre os/as torcedores/as e os clubes de futebol profissional, (re)produzindo estilos próprios de acompanhar e torcer por seus times, apresentando-se como formações populares burocratizadas e seguindo as relações entre futebol e sociedade em seus aspectos mais complexos, tal como suas transições sociais, políticas e culturais. Os/as torcedores/as organizados/as se expressam no meio urbano englobando diversidades e interculturalidades, reinventando sociabilidades específicas e ressignificando seus espaços de interações e (re)criações de atividades.

Para Robert Ezra Park, as cidades possuem uma organização tanto moral quanto física, em que as duas interagem mutuamente de modos característicos moldando e modificando uma a outra.

A cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições, de sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem: é um produto da natureza e particularmente da natureza humana (PARK, 1979, p. 26).

Nessa perspectiva, as cidades são arenas culturais compostas por atores e organizações plurais produtoras de redes complexas de comunicações e significados. Carrano (2003) também compreende que a construção dos espaços físicos não se exprime apenas como dados, mas também a partir das relações sociais concebidas historicamente e culturalmente pela sociedade. “A cidade deve ser vista como uma organização plural e multifacetada. Ela é um

conjunto múltiplo de ação coletiva, elaborada em muitas dimensões, plena de significados, construtora de identidades e identificações” (CARRANO, 2003, p.24).

Assim, diante destas discussões, neste capítulo buscamos apresentar e analisar os usos, atuações e ressignificações identitárias da Torcida Esporão do Galo em suas relações de (re)construção social e cultural na cidade das torcidas.

3.1 Ressignificando o contexto urbano

A condição de torcedor/a organizado/a possibilita experiências que vão além das relações cotidianas de trabalho e tempo livre, esses sujeitos são produtores culturais que viabilizam novas formas de utilização dos espaços públicos e privados, revelando diferentes representações e apropriações das práticas urbanas. As redes de relações constituídas por estes grupos produzem adesões e permanências nas quais os seus membros se reconhecem enquanto sujeitos ativos e fortalecem suas relações sociais diariamente. As caminhadas na cidade, a sede da torcida, os estádios, as subdivisões do grupo e suas relações de pertencimento são elementos que caracterizam a cidade das torcidas e a reinvenção do contexto urbano.

Magnani entende que para analisar a organização e o desenvolvimento das cidades é preciso destacar alguns agentes culturais e sociais (moradores, visitantes, trabalhadores, funcionários, setores organizados, segmentos excluídos, “desviantes” etc.) que muitas vezes são ocultados das produções dos espaços urbanos, mas que estes sujeitos também são importantes produtores de relações espaciais plurais que transformam o contexto urbano, diferenciando-se das relações de mercado:

A incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além do olhar “competente” que decide o que é certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo. (2002, p.15)

Portanto, compreendemos que as torcidas organizadas produzem diferentes modos de uso e ocupação das cidades, isto é, elas produzem relações de sociabilidades próprias que estão inseridas na conjuntura urbana. E para analisar tais ações, neste ponto, tomamos como base de conhecimento as categorias de “pedaço”, “mancha” e “trajeto”, visto que, assim como indica Magnani (1992, 2002), essas categorias auxiliam na compreensão sobre construções e práticas de sociabilidade no espaço urbano, com o propósito de discutir as significações materiais e simbólicas entre os agentes em seus locais de atuação e interação. Nesse caso, com

base em Magnani, o “pedaço” é entendido como ponto de referência que distingue determinados grupos no espaço em que passam a frequentar enquanto pertencentes a uma rede definida de relações. Deste modo, no pedaço são desenvolvidos códigos e costumes que identificam aqueles que pertencem ou não a este lugar que é tanto físico quanto social; As “Manchas” são áreas contíguas que marcam seus limites e desempenham atividades inter-relacionadas, determinando sua identificação espacial através de equipamentos específicos que competem entre si ou se complementam, como por exemplo, bairros e ruas de pontos comerciais (bares, farmácias, padarias, boates etc.); Já o “trajeto” refere-se ao fluxo no espaço urbano, atravessando pedaços e manchas. Esse trajeto não é realizado de modo aleatório, ele segue uma lógica de compatibilidades complementares ou alternativas. “A ideia de trajeto permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das manchas como a abertura dessas manchas e pedaços em direção a outros pontos do espaço urbano e, por consequência, a outras lógicas” (MAGNANI, 1992, p.199).

Nesse segmento, a TEG é constituída por subdivisões que representam algumas zonas da cidade, sendo esta uma maneira de produzirem certa dominação simbólica do grupo nos espaços que frequentam e atuam. As zonas são divididas e nomeadas por “rinhas”, designando disputas de espaço em relação aos grupos rivais (referindo-se à briga de galo), e essas subdivisões são intituladas como: Rinha Centro, Rinha Norte, Rinha Leste, Rinha Sul e Rinha Sudeste. Cada rinha tem um/a diretor/a responsável por sua organização e que facilita o diálogo com os membros da diretoria geral, assim como possuem símbolos e músicas características que indicam suas regiões de comando na cidade. Essa fragmentação viabiliza as diferenças territoriais de seus membros ao mesmo passo em que resgatam a unificação do grupo em toda cidade. Diante disso, entendemos que as rinhas são os pedaços da torcida, onde cada zona assinala a região de pertencimento dos/as integrantes da TEG. Vejamos a fala de um dos membros da Rinha Sul:

Ah! A rinha sul pra mim é o bicho! Até porque quando eu entrei na Esporão vi muitos conhecidos que eu não sabia que eram da torcida, gente do meu bairro, gente que estudava comigo e que no jogo eu vi. Esse foi um dos motivos que até me fez ficar mesmo na torcida. Porque também se eu não tivesse nenhum conhecido, qual era a graça de ir sozinho, né? Aí eu vi meus conhecidos e foi aquela coisa toda, eles disseram: “no próximo jogo vem com a gente”, e daí eu fui com eles. E a rinha sul pra mim é o bicho porque quando entrei na torcida eu vi que a rinha sul é o bonde mesmo, todo mundo aqui fala isso. E pra mim a rinha sul é “foda”, porque ela já fez coisas pela TEG que as outras rinhas ainda não fizeram. Tá entendendo? E eu já cheguei a participar de várias coisas com a rinha sul, além de ser a zona que eu moro, o bairro que eu moro, sigo defendendo essa bandeira aí também da rinha sul. Mas a Esporão engloba todas as rinhas e todas as zonas. (DIRETOR MP)

As rinhas são categorias êmicas de identificação da torcida e cada uma delas produz seus próprios códigos de relações e pertencimentos, definindo o todo que é a Torcida Esporão do Galo. Nesse sentido, fazer parte da Rinha Sul é possuir os atributos que indicam que aquele sujeito está dentro do “pedaço” físico e simbólico da zona sul, ou melhor, é ser morador de algum bairro dessa região que possibilita estabelecer representações e aproximações sociais com outros/as integrantes da mesma zona, constituindo atividades coletivas que se destacam na formação do grupo. Desse modo, a TEG ocupa variados pedaços físicos e simbólicos na cidade. “Pertencer a um pedaço significa dispor de uma referência concreta, visível e estável. Pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade” (MAGNANI, 1992, p. 193).

Para manter o contato entre as rinhas a diretoria geral repassa tarefas que devem ser cumpridas por cada uma delas, como por exemplo, arrecadação de dinheiro através da distribuição de rifas com o objetivo de realizar algum evento do grupo, e que, em tal caso, os/as integrantes das rinhas atuam em seus pedaços de modo mais amplo, para conseguirem atingir as metas que são estabelecidas. Essas atividades revelam o esforço e dedicação de cada subgrupo em relação à torcida, o que faz com que as rinhas empreendam um diferencial para demonstrarem suas contribuições e o envolvimento com a TEG. Nesse sentido, existem concorrências moderadas entre as subdivisões do grupo, tencionando o destaque de suas equipes na realização das tarefas, afirmando um comprometimento a mais e atribuindo características de diferenciações. Portanto, cada rinha se revela de forma própria: a Rinha Norte se apresenta como o “bonde dos terroristas”, referindo-se aos seus membros como aqueles/as que estão dispostos a defender a TEG em qualquer situação (inclusive em possíveis confrontos físicos com grupos rivais), fazendo menção a um grupo extremista; A Rinha Sudeste usa o lema “união e lealdade”, expressando a organização e comprometimento de seus membros; A Rinha Leste se identifica com a “loucura” do lema TEG, se auto-afirmando como “os loucos” que enfrentam qualquer condição para estarem atuando na torcida; A Rinha Sul é reconhecida como a formação mais dinâmica e engenhosa no desempenho das funções coletivas, possuindo o maior número de integrantes e sendo anunciada com a máxima: “um por todos e todos na mesma luta”.

Observamos, ainda, que diante dessas representações existe certa peculiaridade com relação à Rinha Centro (RC1) em virtude dessa subdivisão se constituir na zona onde está localizada a sede da TEG, correspondendo ao pedaço de identificação conjunta do grupo. Nesse caso, os membros da Rinha Centro estão mais presentes nas ações de manutenção da

sede e da loja da torcida. Além disso, essa foi a primeira rinha instituída no grupo, sendo identificada como a “velha guarda” em alusão aos/as primeiros/as integrantes da TEG.

A rinha centro tem um papel importantíssimo porque foi daqui que saíram os principais integrantes que formaram o primeiro núcleo da torcida, que foi dando forma, caras e cores pra TEG. A nossa torcida com a rinha centro sempre teve uma boa quantidade de integrantes, mas com o tempo varia muito e vai passando de geração para geração. A rinha centro, na minha opinião, ela se torna a mais importante porque é a região que fica a nossa sede, então é o pessoal que está responsável diretamente em ficar sempre próximo e fortalecendo. (PUXADOR)

Por outro lado, a sede ser localizada no centro da cidade indica uma disposição espacial que facilita o contato com as demais zonas da cidade, o que permite uma aproximação favorável com todas as rinhas. Ademais, por este ser também o ponto comercial da loja, a posição central indica uma relação entre outros pontos característicos dessa região, como estádios, bares, restaurantes, prédios empresariais etc. Sendo assim, o lugar da sede é o pedaço da torcida que está estrategicamente situado no âmbito das “manchas”. Segundo Magnani (2002), as manchas encontram-se agrupadas em torno de um ou mais estabelecimentos, apresentando uma inserção mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferecem e as práticas que proporcionam são resultados de uma multiplicidade de relações entre equipamentos específicos, edificações complementares e estratégias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-as, assim, em pontos de referência físico, visível e público para um maior número de usuários.

Sendo assim, a TEG se apropria do espaço urbano através de variadas experiências e relações de pertencimento, manifestando redes de contatos nos pedaços da cidade por meio das rinhas, estabelecendo ligações contínuas entre o ponto de referência da sede, suas subdivisões e a comunidade em geral, bem como, permanecendo inter-relacionada com outros pontos que formam as manchas no centro da cidade e, assim, possibilitando o acesso tanto dos membros da torcida quanto de compradores/as que frequentam a loja do grupo.

Outra característica considerada como marca registrada das torcidas organizadas no cenário urbano, são as caminhadas pela cidade em dias de jogos. Em tal caso, a Torcida Esporão do Galo, em dias de jogos do River, organiza caminhadas pelas ruas da cidade de Teresina percorrendo trajetos comuns entre pedaços e manchas até chegarem aos estádios¹³, promovendo visibilidade e reconhecimento para o grupo. Assim, a noção de trajeto, tal como

¹³ Os dois estádios da cidade de Teresina são: o Estádio Lindolfo Monteiro, localizado no centro da cidade e o Estádio Governador Alberto Tavares Silva, localizado no bairro Redenção, zona sul.

afirma Magnani (1992; 2002), está situada no fluxo entre o espaço público (a rua) e o privado (casa, sede, estádio), destarte, abrindo a ideia de pedaço para o âmbito do lugar público. Aliás, o autor reitera que os trajetos também levam de um ponto a outro através dos “pórticos”, que são os espaços vazios na paisagem urbana, configurando as passagens por caminhos nos quais não estão situados nem os pedaços e nem as manchas.

Nessa perspectiva, a TEG inicia sua caminhada saindo da sede (seu pedaço) e vai prosseguindo por caminhos entre zonas e bairros que são representados pelas rinhas, chegando a percorrer, caminhando, cerca de três quilômetros, cruzando entre pedaços, machas e pórticos até chegarem ao estádio (ver anexo VI, p.117). Durante os percursos os/as torcedores/as seguem em procissão, acompanhando o ritmo da bateria e do puxador da torcida, todos/as cantando, mostrando apoio ao clube e enaltecendo a TEG. Os membros presentes na caminhada se apresentam com vestimenta padrão (camisa da torcida), frequentemente levando faixas, bandeiras e instrumentos musicais. Esse ato promove notoriedade e valorização do grupo nos espaços que percorrem e ocupam na cidade.

Durante a caminhada fica muita gente nas portas de casa, filmando, tirando fotos. É como se o nosso trabalho estivesse sendo reconhecido ali também, porque as pessoas acham muito bacana esse movimento que a gente faz em prol do River, até porque de certa forma é quase inexistente isso aqui em Teresina, em outros lugares isso é mais comum. E onde a gente passa aqui, no Centro, Piçarra, Monte Castelo e outros bairros, todo mundo sai pra olhar como se a gente fosse um tipo de atração na cidade, isso é muito bom. (ASSOCIADO F)

De acordo com Certeau (1994), as cidades são conceitos múltiplos de classificações, disciplinas, diferenças, aprendizagens e movimentos, dos quais os lugares possuem variados sentidos que os sujeitos atribuem a eles. Sendo que os processos de ocupar e caminhar pelas ruas das cidades podem ser percebidos como mapas urbanos que transcrevem traços e trajetórias, passando por lembranças e esquecimentos, diferenciando andar sozinho de andar acompanhado, nomeando territórios com metáforas de afeição ou rejeição, como também, construindo não-lugares. Nesse sentido, as torcidas organizadas manifestam relações de proximidades e distanciamentos com determinados lugares e trajetos que são reconhecidos como rotas de identificação e pertencimento do grupo, ou de negação em relação ao espaço de grupos rivais. Caminhar pelas ruas da cidade é uma atividade que agrega valor e ocasiona reconhecimento para o grupo, pois o/a torcedor/a carrega símbolos e signos identitários, considerando que o uso da camisa da torcida é obrigatório, visto como ato de lealdade e pertencimento, permitindo o reconhecimento imediato do grupo por terceiros, assim como

outros utensílios e objetos que igualmente sustentam suas impressões materiais e subjetivas de representação. Logo, os passos e as manifestações em determinados logradouros da cidade não são práticas aleatórias, elas estão carregadas de sentidos e significações.



Imagem 11: Caminhada da Torcida Esporão do Galo pelas ruas da cidade até o estádio. **Fonte:** Arquivo da TEG

Essa unificação e disposição no tempo e espaço, adequando-se com as divisões espaciais da cidade, podem ser percebidas enquanto aspectos relevantes de ocupação e reconstrução do cenário urbano. As torcidas organizadas encontram e (re)produzem seus pedaços e trajetos de identificação entre as variadas manifestações cotidianas na cidade (que muitas vezes são marginalizados por outros segmentos das segregações urbanas), lugares em que se sentem à vontade para expandir suas relações e seus aspectos morais/transgressores. Os grupos de torcidas organizadas (re)criam suas vivências na cidade e estabelecem novos padrões de sociabilidades que se inscrevem no espaço urbano, construindo e afirmando suas identidades locais, mesmo que esses sujeitos se relacionem em níveis globais, descortinando o apego com a cidade, com o clube e com a história da torcida em seu território de formação. A rua, a sede e os estádios são patrimônios memoráveis desses grupos.

3.2 A sede da torcida: espaço físico e simbólico

As sedes das torcidas organizadas são espaços físicos e simbólicos que representam um *status* no campo social em que esses grupos atuam, sendo o principal local de encontro dos/as torcedores/as associados/as, no qual se solidarizam uns com os outros, recebem as

torcidas aliadas, atualizam e repassam suas atividades. Envolvendo pessoas de vários pedaços da cidade, neste espaço são construídos laços de amizade e lealdade em torno da paixão pelo clube que, do mesmo modo, se consolidam enquanto estrutura de organização burocrática.

A sede da Torcida Esporão do Galo é localizada no centro da cidade de Teresina, Rua Gabriel Ferreira - 737, na qual este ponto central faz com que membros de variadas zonas (as rinhas) tenham fácil acesso ao local, assim como os/as demais torcedores/as comuns do River que frequentam a loja do grupo. O imóvel é dividido basicamente em quatro compartimentos: com uma sala ampla de recepção na entrada; áreas comuns com banheiro e cozinha; um compartimento restrito destinado ao armazenamento dos instrumentos musicais, faixas e bandeiras. E em uma área conjugada, ao lado do portão de entrada da recepção, encontra-se a porta de acesso para a loja da torcida, dispondo dos materiais de venda, caixa registradora e computador.

Ao adentrar na sede da Esporão da Galo é possível perceber que ali se encontra parte da memória coletiva do grupo, memória que é anunciada visualmente através dos pôsteres e quadros nas paredes, representando momentos e lembranças importantes para a torcida, assim como as pinturas dos símbolos da TEG e do River, ilustradas por todo o ambiente com as cores tricolores preto, branco e vermelho, sinalizando os códigos de identificação do grupo. De modo geral, ali são compartilhados conhecimentos comuns e indispensáveis para a constituição da torcida, apresentando uma excursão visual e narrativa pela vivência da TEG ao longo de sua fundação, expostas por imagens que acompanham um saber oral transmitido pelos sujeitos que fizeram e fazem parte desses acontecimentos. Portanto, a sede é um patrimônio que pertence à identidade da torcida, pois é neste lugar físico e simbólico que encontramos registros de sua história e memórias.



Imagem 12: Quadros pendurados na parede da sede retratando alguns momentos marcantes da TEG. **Fonte:** Arquivo pessoal



Imagem 13: Cortesias das torcidas aliadas concedidas em homenagem à Torcida Esporão do Galo, indicando respeito e união entre os grupos. **Fonte:** Arquivo pessoal

Nesse segmento, o espaço da sede é o principal ponto de encontro dos membros da TEG, onde manifestam relações subjetivas e concretas, exercitam o uso de códigos comuns, apreciam seus símbolos e demarcam diferenças. Lugar no qual são realizadas as ordenações de gerenciamento do grupo e atividades recreativas, assim como as concentrações das rinhas antes e depois dos jogos do River, apresentando um território e trajeto que diferenciam torcedores/as organizados/as de torcedores/as comuns, assim como afirma Toledo: “o trajeto idealmente percorrido pelos torcedores comuns é: local de moradia – estádio de futebol. O trajeto frequente daqueles que efetivamente integram uma torcida organizada consiste no seguinte: local de moradia – sede da torcida – estádio de futebol” (1996 p.43). Logo, essa diferença de percursos evidencia a presença de um espaço fundamental na identificação e consolidação desses agrupamentos de torcedores/as.

Dependendo da importância da partida e do resultado do jogo, o movimento na sede da TEG é bastante intenso, especialmente em dias de clássico Rivengo, a rua chega a ser tomada pelos/as torcedores/as antes e depois dos jogos. E dado que, atualmente, está proibida a entrada de bandeiras com mastro e de sinalizadores nos estádios¹⁴, alguns integrantes fazem uso desses materiais e artifícios na porta da sede, antes da saída para o estádio, pois, segundo

¹⁴ Por medidas de segurança a entrada de artefatos como sinalizadores, fogos de artifícios e bandeiras com mastro estão proibidas nos estádios (Lei 12.299/2010 que regulamentou o Estatuto do Torcedor), e caso essa determinação seja descumprida, as punições estão previstas no Estatuto do Torcedor e no Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD), além do Regulamento Geral das Competições. No Piauí, a lei só entrou em vigor, efetivamente, a partir do ano de 2018.

eles/as, esses equipamentos fazem parte da cultura das torcidas organizadas e devem ser usados para representar suas tradições. O local da sede também é ponto de encontro para os/as torcedores/as acompanharem os jogos do clube pela televisão quando as partidas ocorrem fora do estado e, nestas ocasiões, a diretoria aproveita para realizar a venda de comidas e bebidas, gerando um dinheiro extra para o grupo. Além disso, são realizados alguns eventos e atividades comemorativas, promovendo a participação não só dos membros associados, mas também da comunidade em geral, especialmente das pessoas que residem próximo à sede, como acontece na tradicional festa junina da Torcida Esporão do Galo:

Chegando ao evento de festa junina promovido pela Torcida Esporão do Galo, fui surpreendida pela estrutura montada na porta da sede, onde, uma parte da rua foi fechada e decorada com fitas nas cores verde e amarela – em homenagem à Seleção Brasileira de futebol que nesse período disputava a Copa do Mundo – juntamente com alguns enfeites de palhas e folhas de bananeira. Havia várias mesas que estavam arrumadas em frente a um espaço reservado para apresentações das atrações artísticas. Durante o evento ocorreram shows musicais, espetáculo humorístico, bingo e a dança do boi imperador da ilha (reforçando as tradições regionais). Foram montadas barracas com vendas de comidas e bebidas na calçada da sede, havia banheiros químicos na rua e uma cama elástica (pula-pula) para a diversão das crianças. Alguns vizinhos também aproveitaram a ocasião para vender comidas nas calçadas de suas casas. A diretoria da TEG estava toda comprometida e empenhada na realização de atividades durante todo o evento (vendas nas barracas, anúncio das atrações, distribuição das cartelas de bingo etc.), enquanto alguns membros gerais podiam aproveitar as instalações da festa junto da comunidade. (DIÁRIO DE CAMPO, junho, 2018).

Eventos como esse, porém não desse porte, são realizados constantemente com o intuito de reunir os membros da torcida fora da ambiência futebolística, como por exemplo, a iniciativa “quinta na sede”, na qual durante as noites de quinta-feira são realizadas reuniões recreativas entre os/as associados/as da TEG, promovendo encontros com churrascos, músicas e bebidas. Dessa forma, a diretoria da torcida propõe atividades variadas no intuito de manter os/as integrantes unidos para não dispersarem quando o clube encerra suas atividades nas competições. E o fato da torcida ter um local físico para ampliar suas interações, faz com que o grupo mantenha uma autonomia em relação ao clube.

Neste espaço também são reafirmados as relações de aliança e lealdade com as torcidas de fora, pois, neste caso, quando algum grupo aliado chega à cidade, integrantes da TEG os recebem na sede e estendem a faixa da torcida aliada em seu pedaço de identificação, simbolizando a união e respeito entre os grupos. Por outro lado, as demarcações territoriais e conflitos de rivalidade são igualmente definidos nos pedaços e trajetos da torcida,

uma vez que, grupos rivais devem evitar a aproximação no entorno da sede da TEG, principalmente se estiverem usando ou expondo qualquer objeto e acessório que revele identificação com a torcida rival, pois este ato é visto como provocação e pode gerar um confronto. Portanto, a territorialização na cidade das torcidas revela relações de poder inscritas sobre um traçado no cenário urbano, assim como afirma Gomes (2002), ao relatar que o território é parte de uma extensão física do espaço urbano, manifestada como elemento distintivo da autoafirmação de poder. Assim, o território é uma parcela de um terreno utilizada como forma de expressão e exercício de controle sobre outrem. Aqui compreendemos que este espaço pode ser reorganizado seguindo as cartografias de aproximações, amizades e inimizades entre as torcidas, demonstrando a disposição para o conflito e o pertencimento territorial. “Esse controle do território é expressão de um poder, ou seja, ele é aquilo que está em jogo em grande parte das disputas sociais, aí incluídas aquelas que disputam um direito à cidade” (GOMES, 2002, p.12).



Imagem 14: Faixa da torcida Cearamor estendida na porta da sede da Torcida Esporão do Galo, celebrando a aliança entre os dois grupos. **Fonte:** Arquivo da TEG

O valor simbólico desse lugar também é identificado na fala dos sujeitos, quando estes/as dizem que aquele espaço é percebido como sua casa, seu lugar de apoio e acolhimento. E apesar do imóvel em que está localizada a sede da TEG ser um ponto alugado, mesmo assim, existe toda uma representatividade que torna este espaço um patrimônio da torcida, onde são construídas relações de pertencimento, demarcações e afeições simbólicas que vão além da questão de ser, ou não, um local próprio e fixo. Nas duas falas a seguir podemos ter essa compreensão:

A sede representa o meu ponto de apoio! Quantas vezes eu já cheguei na sede quando estava com problemas em casa, ou cheguei voltando de alguma festa, e falei assim: “galera, eu vou pra sede porque sei que nesse lugar estou segura e que todo mundo ali vai cuidar de mim”. Então pra mim a sede da Esporão significa mesmo um ponto de apoio. (ASSOCIADA G)

A sede é o patrimônio maior, é aqui que a gente guarda tudo. Onde a gente tem o BDS (Bonde da Sede), se não tivesse a sede aqui essa galera não vinha pra conversar, não vinha pra tomar uma cerveja, trocar uma ideia bacana, perguntar sobre o nosso material. A sede tem que ser zelada, tem que ser bastante zelada. Aqui não é ponto fixo nosso, a gente tem um sonho de sair daqui para um lugar fixo, e vamos conseguir isso com certeza. Mas aqui é o patrimônio da nossa torcida. A sede, o material (faixas e bandeiras) e a bateria são nossos patrimônios maiores, é zelo total e compromisso. Não vamos deixar um rival nosso chegar aqui pra bagunçar na nossa sede, jamais vamos deixar um negocio desses, isso não pode acontecer. (DIRETOR MP)

Afinal, a sede é um lugar diferenciado que representa o pedaço da torcida organizada, demarcando no contexto urbano um local específico de interação do grupo, concedendo uma posição de prestígio no imaginário social das torcidas e que deve ser preservada. Nela são partilhados os princípios de condutas, linguagens e códigos que constroem as relações de sociabilidade torcedora na cidade. Além disso, na sede estão dispostos os aspectos fundamentais da memória coletiva, edificando a história e tradição do grupo. Os valores tradicionais da torcida, como paixão, lealdade e devoção ao clube, experimentam a incorporação de práticas que estão inseridas na cidade e se apresentam como outras formas de vivências, comunicações e arranjos espaciais.

3.3 O estádio: espaço de representação e festa da torcida

As torcidas organizadas se preparam durante o período de atividades do clube nos campeonatos para acompanharem, energicamente, seu desempenho nas competições e, assim, apresentando-se como parte indispensável na atuação do time durante as partidas. Essa preparação consiste em performances programadas, cânticos e materiais de identificação como faixas, bandeiras, instrumentos musicais e roupas padronizadas, nas quais, essas ações são preparadas para serem representadas e manifestadas nas arquibancadas dos estádios.

O âmbito destinado à prática do futebol profissional pode ser compreendido como um espaço de trabalho de toda a equipe que compõe os clubes e dos agentes corporativos do esporte, ao mesmo tempo em que está associado ao lazer e recreação dos/as torcedores/as, ou seja, os estádios de futebol profissional são espaços que transitam entre a condição do tempo de trabalho daqueles que compõe a parte técnica e administrativa das competições

futebolísticas e o tempo livre dos espectadores que acompanham as partidas em seus momentos de lazer. Entretanto, para as torcidas organizadas os estádios também são espaços de compromissos e do desempenho eficiente de suas atividades, sendo assim, na percepção dos/as torcedores/as organizados/as o estádio não se resume a um ambiente de tempo livre e lazer, mas antes é um lugar de compromisso e atuação das performances coletivas do grupo.

Os/as torcedores/as participam de um jogo simultâneo nas arquibancadas exercido a partir de interações e performances de identificação e oposição de um para com o outro. Desde o momento da entrada das torcidas no estádio, as demarcações de identidade e diferença são buscadas e comunicadas num contexto espetacularizado com cânticos, gestos, euforias e provocações programadas. Tal como afirma Moraes (2015), quando descreve que no cenário futebolístico ocorrem demonstrações competitivas de interação e apoio ao clube nas arquibancadas, uma vez que, paralelas às exigências de alto rendimento das atuações dos atletas profissionais em campo, existem exigências de performances de torcedores/as e torcidas – seja em referências uns aos outros, seja em referência a determinados comportamentos esperados dentro das quatro linhas do campo. “Nesse jogo simultâneo, as disputas e tensões sugerem não apenas tentativas de demarcações clubísticas, mas de marcações sociais e simbólicas em torno do sentido que se dá às formas (ou estilos) de torcer, como que para legitimar uma moral torcedora” (MORAIS, 2015, p.25).

As torcidas organizadas buscam distinguir suas performances, destacando não só o pertencimento clubístico, mas também um pertencimento efetivo ao grupo, com ações padronizadas e ordenadas. Esses grupos fazem uso de indumentárias, adereços, artifícios e, principalmente, da voz e do corpo para assumirem uma posição de destaque durante os jogos. A Torcida Esporão do Galo se apresenta nos estádios com bastante interação entre seus membros, buscando ao máximo manter a representatividade visual e sonora do grupo, espalhando faixas pela arquibancada, cantando e agitando durante todo o tempo de jogo, e como eles/as dizem: “a torcida faz a festa durante os 90 (noventa) minutos de jogo com ideal, disposição e loucura”.

Após percorrer a cidade, caminhando por trajetos marcados, a TEG se concentra na porta do estádio, ainda do lado de fora - cantando, tocando seus instrumentos musicais e anunciando sua chegada para os demais sujeitos que circulam pelo local. Ao adentrarem no estádio, todo o grupo caminha em passos ordenados batendo palmas, seguindo o ritmo da bateria e cantando: “Oba, oba, oba... Olha quem chegou, a Esporão do Galo o exército tricolor”. A torcida segue até à arquibancada geral e ocupa o espaço central – local que possibilita maior visibilidade para o grupo (esse é o pedaço da torcida no estádio). As faixas da TEG são penduradas nos alambrados e na parte superior das arquibancadas antes do início da partida, e geralmente, antes

mesmo da entrada do grupo, alguns integrantes responsáveis por esta função entram primeiro no estádio para demarcarem o local das faixas. Quando o River entra em campo os/as torcedores/as em geral ficam eufóricos/as, gritando frases de apoio ao clube. Nesse momento a torcida organizada canta ainda mais alto, impulsionada pelo puxador, abafando o som dos/as torcedores/as comuns e, nesta ocasião, pode-se ouvir no estádio o seguinte vozear: “Vamos, vamos vencer! Torcedor que é riverino apoia o galo até morrer”. Durante a partida o puxador da torcida pede ânimo, fôlego e o envolvimento de todos/as para não pararem de apoiar o clube por nenhum instante, ele comanda todo o grupo anunciando as músicas que devem ser cantadas e os gestos que devem ser coreografados, acompanhando o som da bateria e a letra das músicas. Em vários momentos o puxador pede para o grupo bater palmas, pular, abaixar e levantar, lançar o corpo de um lado para outro e fazer o gesto da Esporão do Galo com as mãos – destaco aqui a paixão e comprometimento do puxador da torcida por sua função, visto que em nenhum momento, enquanto a bola está rolando no gramado, ele permite dispersão (uso de celular ou conversas paralelas) entre os/as torcedores/as para não afetar o desempenho de suas obrigações, o puxador nem ao menos consegue acompanhar a partida, pois fica de costas para o campo e de frente para a torcida. Quando o River faz um gol, se instaura uma grande festa na arquibancada, a torcida toda comemora e a TEG canta ainda mais forte ao mesmo tempo em que levantam uma enorme bandeira cobrindo todo grupo, em um momento de êxtase, ali é como se o trabalho da torcida estivesse sendo recompensado. Já em outro momento, quando o time oposto faz o gol, enquanto os/as torcedores/as comuns lamentam, a TEG busca mais fôlego para continuar dando força e empurrando o time com a sua voz, sem desanimar. Ao findar a partida, alguns jogadores se aproximam da torcida organizada para cumprimentar e agradecer pelo incentivo. Esse gesto demonstra a relevância do grupo para o desempenho do time. (DIÁRIO DE CAMPO, fevereiro, 2019)

Nesse segmento, vale ressaltar que durante minhas observações nos estádios acompanhei algumas partidas me inserindo no meio da TEG e desempenhando junto com eles/as performances de apoio ao River. Ao longo da partida fui coagida a cantar (mesmo sem conseguir acompanhar a letra das músicas) e a participar das encenações indicadas pelo puxador. Em alguns momentos, quando parava para descansar, imediatamente era advertida por integrantes que estavam ao meu lado e que me diziam para continuar incentivando o clube, então era preciso continuar no ritmo do grupo. Essas imposições são feitas a qualquer sujeito que decide acompanhar o jogo junto com a TEG, se está no meio da torcida deve seguir o seu estilo de torcer na arquibancada.

O contato da TEG com as outras torcidas organizadas do River (River Chopp, River Amigos e Galo de Aço) ocorrem mais nos estádios e – com exceção da Torcida Galo de Aço, que por ser aliada da TEG também interage com o grupo fora da ambiência de jogo – mesmo que seja de modo distanciado elas mantêm uma relação de respeito por possuírem os mesmos interesses de estarem apoiando o River. Em alguns casos, quando querem apresentar um

desempenho conjunto nas arquibancadas, se comunicam previamente para acertarem a distribuição dos materiais e a performances que devem ser realizadas.

A gente tem uma relação boa com as outras torcidas do River, só que é assim, cada uma no seu canto. A nossa única aliada é a Torcida Galo de Aço que é nossa parceira em tudo. Mas no geral cada um faz o seu e ninguém se mistura. Claro que tem uns que tem suas amizades, tem os seus conhecidos em outras torcidas, só que é cada um no seu canto em uma relação de respeito. A gente pode até ficar junto se for uma coisa programada antes do jogo, se for pra juntar todo mundo e fazer um mosaico, por exemplo, daí cada torcida tem que levar uma cor de balão, a TEG que é padrão preto leva o balão preto, a River Amigos leva os balões brancos e a River Chopp os vermelhos. Mas fora isso se não for nada programado é cada um no seu canto. (ASSOCIADA G)

Contudo, existem competições entre estes grupos que também se insere no campo social das torcidas organizadas, manifestadas a partir de relações diferenciadas nas ideologias torcedoras de cada uma delas (torcida de amigos, torcida Chopp e torcida pista), o que faz com que essas torcidas, apesar do elo clubístico, estabeleçam formas específicas de interagir com o time e de se organizarem dentro e fora dos estádios. A Esporão do Galo na qualidade de torcida organizada com mais tempo de atuação defendendo o River e a que possui o maior número de integrantes cadastrados, faz uso dessas informações como um *status* que a coloca em posição de destaque em relação às outras.

A TEG desperta muita... Não vou dizer inveja, mas a gente desperta muita curiosidade pras outras torcidas, porque eles olham e dizem: “poxa cara, a TEG fez isso, chegou aqui de uma maneira que todo mundo ficou impressionado”. Então, querendo ou não, isso causa um impacto entre as outras torcidas do River. Mas no geral posso-te dizer que temos uma boa relação. (CONSELHEIRA)

O estádio é o local em que a torcida organizada desenvolve suas potencialidades, demarca seu espaço de atuação e manifesta o seu estilo característico de torcer. Nesse sentido, para as torcidas organizadas, os estádios são lugares de construções identitárias marcadas por similaridades e oposições, caracterizando grupos que expressam suas subjetividades e posicionamentos através de performances e linguagens ritualizadas. Segundo Mariza Peirano (2003), os rituais performativos são socialmente construídos em contextos específicos, onde lhes são atribuídos valores simbólicos que fazem parte do processo de formação cultural dos grupos que compartilham de suas práticas. Sendo constituídos por gestos, palavras, sons e instrumentos que seguem uma sequência ordenada e que são expressos por múltiplos propósitos. Desse modo, os rituais das torcidas organizadas, apresentados nos estádios, fazem

parte da formação cultural desses grupos. Nas arquibancadas as torcidas partilham momentos de exaltações das paixões clubísticas e de racionalização das suas ideologias para seguirem as obrigações com o clube e o grupo, no intento de fazer com que o time obtenha um resultado satisfatório no jogo, construindo, também, atuações de prestígio que aspiram caracterizar a relevância da torcida.

Como diz Simmel (2006), a sociabilidade é impulsionada por estímulos ligados a determinadas finalidades no processo de sociação. Nesse caso, as torcidas estão motivadas por seu comprometimento com o clube. O ato de torcer por determinado time faz com que indivíduos (os mais diferentes e complexos possíveis) entrem em contato uns com os outros em uma relação de convívio e desígnio de suas ações, atuando “com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros” (SIMMEL, 2006, p.60). Portanto, existe uma reciprocidade que exerce efeito sobre os demais e sofre efeitos por parte deles, isso pode ser observado quando torcedores/as cantam, se exaltam e gesticulam direcionados a outros agentes que estão atuando no gramado e nas arquibancadas.

O torcedor organizado é aquele que não gosta somente de ir aos estádios, não que tenha problema nisso, até porque é o estilo da pessoa, mas o torcedor organizado é aquele que gosta de participar e ver aquela festa acontecer, que gosta de contribuir com o jogo. Porque é muito bom a gente ver o estádio todo bonito, ver aquela festa na televisão como a gente vê as torcidas de fora, então é muito gratificante quando a gente vê a nossa. E o que eu particularmente sinto fazendo essa festa, eu sinto que eu cantando e agitando consigo passar uma vibração para o time, eu sinto o time melhorar. Se o time tá jogando mal e por algum momento a gente cala no gol, a gente sente que o time ficou mais fraco. Se a gente levanta e anima, o time sente aquela vibração e se esforça mais. O time pode ser horrível, mas o coração na chuteira ele vai ter. Então isso é ser torcedor organizado, em minha opinião. (ASSOCIADO F)

Para torcedores/as organizados a arquibancada é o lugar onde a festa e as ações espetacularizadas acontecem, onde as corporalidades e composições estéticas de gestos, canções, comportamentos programados e equipamentos de identificações se transfiguram como parte das construções da identidade torcedora, assumindo seu estilo de torcer, bem como se reconhecendo enquanto elemento essencial na composição do jogo. Essas diferenciações nos estilos de torcer se territorializam tanto nos espaços do jogo que acontece no gramado como também no jogo que ocorre nas arquibancadas (MORAIS, 2015).

As batalhas territoriais dos grupos de torcidas organizadas, no contexto urbano da cidade, também ocorrem nos espaços dos estádios, onde esses grupos marcam suas áreas de circulação e ocupação entre corredores e arquibancadas. As torcidas organizadas rivais

interagem durante as partidas por meio de ações que expõem suas disposições ao enfrentamento e demonstrações de hostilidades, impondo limites nas divisões do estádio – distinguindo os lados de desempenho dos rituais performáticos de cada grupo – em que essas fronteiras não devem ser ultrapassadas, caso contrário, a invasão do território oposto pode gerar um confronto violento. Em vários momentos pude perceber como se configura esse jogo entre as torcidas oponentes que se apresentam nas arquibancadas, como por exemplo, quando a TEG expressa (do mesmo modo que recebe) gestos provocativos e linguagens de confrontação de um lado para o outro do campo, existindo também competições nos desempenhos de suas atuações: “quem faz a festa mais bonita?”, “quem impulsiona mais o seu clube?”. Citando Eduardo Galeano (1995): “Em estado de epilepsia, olha a partida, mas não vê nada. Seu caso é com a arquibancada. Ali está seu campo de batalha. A simples existência da torcida do outro time constitui uma provocação inadmissível”.



Imagem 15: Bandeirão da Torcida Esporão do Galo sendo levantado na arquibancada por seus/suas integrantes e com a participação de torcedores/as comuns. **Fonte:** Arquivo da TEG. **Foto:** Vianey Moura

A representação através de faixas e bandeiras é também uma identificação simbólica da atuação coletiva das torcidas organizadas durante os jogos. Pois, para estes sujeitos, ter uma faixa ou bandeira estendida no estádio, principalmente em partidas fora do estado, marca o desempenho conjunto da torcida. E essa representação independe da quantidade de torcedores/as que estão presentes no jogo, porque aquele material também pode sinalizar simbolicamente a presença de todos/as integrantes do grupo. Vejamos a seguinte fala:

Quando a gente não tem a possibilidade de fazer caravana porque o jogo é muito longe, então a gente procura torcedores que estão disponíveis para viajarem, e se for cinco torcedores, por exemplo, a gente procura saber da

possibilidade financeira deles e ajudamos para que possam ir representar a Esporão fora. Porque desse jeito, é como se cada um deles fosse cada um de nós que está sendo representado. A partir do momento que eu não posso viajar, mas que eu assisto na televisão e vejo a faixa da TEG e vejo nosso companheiro ali, é como se eu estivesse ali também. (ASSOCIADO F)

Sendo assim, os/as torcedores/as organizados/as atribuem a determinadas ações e objetos, como a faixa e uniforme da torcida, um valor de representação grupal bastante significativo, assim como a presença de alguns (poucos) membros da TEG em jogos “fora de casa” indica a participação de todo o grupo no estádio, impulsionando o imaginário de representação total da torcida. Portanto, é inegável, até mesmo para aqueles/as que têm pouca familiaridade com o futebol, que a presença dos torcedores/as influencia diretamente no desempenho do jogo no gramado. E considerando o contexto do futebol profissional piauiense, as torcidas organizadas do estado, sobretudo a TEG, tem um ímpeto ainda maior nessa participação concreta, pois, em muitos jogos realizados dentro e fora do estado, os/as torcedores/as comuns dispõe de uma presença mínima, ou até mesmo inexistente e, sendo assim, o que faz a diferença para o futebol local é a participação efetiva e dinâmica das torcidas organizadas. Além disso, representar o clube em outros estados, principalmente em outras regiões, pode agregar um prestígio ainda maior ao grupo, visto que é dispendido esforço coletivo para que ocorra a representatividade da Esporão do Galo em todos os jogos, independente do lugar, o que faz com que esses sujeitos se reconheçam enquanto torcedores/as excêntricos no cenário local: "se o galo vai jogar, a TEG vai tá lá".



Imagem 16: Integrante da TEG representando o grupo em um jogo do River no Rio Grande do Sul. O torcedor acompanhou o jogo sozinho no espaço destinado à torcida visitante. **Fonte:** Arquivo da TEG

3.4 Torcer e pertencer: a construção de afetos e compromissos na torcida organizada

Diante de um estilo de vida grupal, marcado no contexto futebolístico, os sujeitos membros de torcidas organizadas buscam estabelecer, compreender e dotar de significados suas relações com o clube e a torcida, priorizando a construção de uma identidade fixa, irremovível. Nessa perspectiva, o afeto e devoção clubística promovem um “totemismo moderno” (DAMO, 2006) que faz com que indivíduos, participantes do campo das torcidas, criem laços de identificação e compromissos que são assumidos como convenções permanentes, “algo para a vida toda”. Esse relacionamento perdurável é habitualmente defendido em seus discursos como uma declaração de consolidação da identidade do grupo: “Eu sou da Esporão, tricolor até morrer”¹⁵. A noção de pertencimento contínuo cria no imaginário das torcidas organizadas um vínculo de lealdade e defesa de seus componentes, em qualquer situação. Esses sentimentos são declarados com paixão, estando em uma relação supostamente inabalável e revelando a nítida sensação de que pertencer à TEG é muito mais do que ser torcedor/a de uma equipe de futebol. As falas e práticas destes sujeitos indicam que a associação ao grupo deve ser externada como um pacto de fidelidade eterna.

Participar de um grupo como esse é tecer uma teia de sociabilidades, impulsionada pelo ato de torcer por um time, que se estende por meio de condutas emotivas e compromissos ponderados. Nesse sentido, a Torcida Esporão do Galo organiza atividades variadas para fomentar qualidade no empenho de suas funções e a organização do grupo, promovendo, além do apoio e admiração ao clube, eventos e projetos sociais que buscam o reconhecimento da torcida e a consolidação de sua identidade. O reconhecimento social se traduz na composição da TEG por meio de investimentos afetivos que alcançam uma dimensão profissional da identidade do/a torcedor/a organizado/a. Nesse sentido, é preciso que o grupo realize ações estratégicas que possam manter a torcida em funcionamento e, então, proporcionando um efeito constante de coletividade e evidenciando sua continuidade.

Os eventos realizados pela TEG, como a festa de aniversário da torcida, manhãs de lazer no centro de treinamento (CT) do River e campeonatos de futsal entre as Rinhas, são atividades que fazem com que os/as associados/as participem de momentos de interações que estão voltados para o grupo em si, mesmo que em certos casos exista o apoio direto do clube com a liberação do CT para uso da torcida, ainda assim, esses compromissos fazem parte das ações de sociabilidade da TEG em momentos de interações que estão impulsionadas por suas

¹⁵ Expressão que faz parte de algumas canções e mensagens compartilhadas por integrantes TEG.

próprias condutas em manter a união e a participação de grupo, principalmente quando o time está sem agenda de jogos, revelando uma particularidade da torcida e sua interdependência com relação ao clube. Desse modo, podemos compreender essas práticas enquanto desempenhos que dão sentido à sociabilidade dos/as torcedores/as organizados/as, considerando, também, os impulsos afetivos dispostos por sentimentos de pertencimento e de comprometimento, essencialmente com a TEG.

Em geral, a ligação com o clube e a torcida é vivenciada enquanto relações de confiança, lealdade e compromisso mútuo entre os indivíduos que fazem parte desse agrupamento, assim, pode-se dizer que esse afeto eminente é capaz de prover e fortalecer a sociabilidade nas torcidas organizadas, ademais delimitando o antagonismo em relação aos outros e acentuando as motivações de pertencimento clubístico.

Essa afetividade construída pelo/as torcedores/as pode ocorrer de variadas maneiras – por influência da família ou de amigos, pela identificação com a história do clube, a conquista de algum título etc. Mas, frequentemente, esse sentimento pode estar diretamente relacionado a uma tradição de família, onde várias gerações torcem pelo mesmo clube e isso é reproduzido como um costume e, no qual, esse mesmo caso pode ocorrer em relação às torcidas organizadas. Nesse ponto, foi possível observar que entre os sujeitos filiados à TEG existe uma herança de influências familiares relacionadas ao clube, tal como esse legado sobrevém na construção das predileções em fazer parte da torcida, constituindo-se a partir de uma ligação fraternal. Além disso, na Esporão do Galo é perceptível a presença considerável de familiares atuando juntos/as no grupo, inclusive com a participação de crianças (filhos/as, sobrinhos/as, ou netos/as dos/as associado/as) que integram uma subdivisão denominada de “TEG Mirim”, representada com o lema “os puro sangue” em alusão a idealização de que torcer pelo River e fazer parte da Torcida Esporão do Galo é algo que já está no sangue, “já nasceram com essa identificação”, sendo este um pertencimento planejado por seus/suas responsáveis e que deve perdurar.

Para manter o interesse dessas crianças pela torcida a diretoria da TEG produz materiais e acessórios de uso infantil (camisas, bolsas, bonés, pulseiras etc.), bem como realizam algumas atividades e eventos que envolvem os/as integrantes mirins, como por exemplo, festa com doações de brinquedos no dia das crianças, ou a distribuição de doces na sede no dia de São Cosme e Damião, nas quais essas ações também são realizadas com crianças da comunidade em geral. Na percepção da torcida essas atitudes geram um empenho e responsabilidade social que agrega valores tanto para o grupo como para o clube, uma vez que estão sendo igualmente representados.

Nessas ações você percebe que algumas crianças, por exemplo, estão passando por dificuldades com pai e mãe desempregados, e que não ia ganhar nenhum presente aquele dia, então receber essa doação da torcida marca a criança e marca também os pais da criança. Vendo pelo lado do clube e da nossa torcida, quem sabe aquelas crianças da comunidade são potenciais torcedores, porque você imagina se futuramente eles começarem a gostar de futebol e decidir o time que vão acompanhar, quem vai ficar na cabeça deles é o River, porque vão lembrar que no dia das crianças, no passado, teve uma torcida que foi lá e fez algo por eles. E assim, é a nossa cidade, é o nosso futebol, a gente costuma ser bairrista em tudo o que a gente faz, então tem um significado muito grande em fazer esse tipo de ação na nossa cidade, porque é o nosso lugar. (ASSOCIADO F)

Desse modo, através dessas ações, o grupo expõe representações, códigos e valores que possibilitam um reconhecimento social da TEG na cidade e, da mesma forma, realizando aproximações com pessoas que podem vir a conhecer, gostar e compor a torcida.

Nesse segmento, a TEG também viabiliza na cidade projetos sociais de variados âmbitos, designando para seus/suas integrantes compromissos com a população local, realizando entregas de quentinhas e sopas para moradores de ruas, ações beneficentes em casas de acolhimento infantil e de apoio a crianças com câncer, doações de roupas e brinquedos em comunidades carentes, entre outras ações. Estabelecendo na cidade projetos que podem tornar o grupo reconhecido por seu envolvimento com causas sociais, ao mesmo passo em que tencionam anular o estigma de provedores de violência gratuita.

Você pode fazer o certo, fazer o que gosta e fazer com que a torcida caminhe para fazer o certo também, o errado só faz quem quer. Essas ações sociais elas tem grande valor, é por isso que eu digo que quando você divulga uma ação social dentro de uma torcida você puxa mais valor pra ela. Porque torcida organizada é isso, tem o seu lado amor ao clube onde você frequenta o estádio, mas também tem o seu lado social onde você faz e ajuda quem precisa, e quanto mais a gente divulga isso, mais a gente tem um retorno. (CONSELHEIRA)

Nossa torcida não quer ser vista como um grupo que faz confusão, a gente quer ser visto como uma torcida da sociedade, até porque aqui mesmo na TEG nós temos muitas pessoas em situação de risco que procuramos ajudar. Então nossas ações geram uma surpresa muito grande nas pessoas que estão de fora. Aqui no nosso bairro (centro) muitas pessoas gostam da torcida, porque elas se sentem mais abertas e se estiverem precisando de um favor a gente procura ajudar aqui na sede. Mas quando a gente vai fazer ações sociais em lugares mais longe, as pessoas se surpreendem, elas não esperam isso, porque as pessoas ligam a TV e veem as torcidas ali no noticiário de briga e tudo, mas não imagina que elas são capazes de fazer uma ação social, então isso gera sempre muita surpresa. Às vezes quando encontram a gente na rua, mesmo sem a camisa da torcida, eles falam “ah, você é a menina que estava naquele dia ajudando na ação social”... É algo muito positivo pra gente. (ASSOCIADA G)

Em tal caso, a torcida organizada também tenciona ser legitimada por sujeitos que estão distantes do contexto futebolístico, conseqüentemente, buscando potencializar e dar visibilidade aos seus aspectos criativos e positivos, desempenhando as atividades do grupo de modo mais amplo. Percebe-se que a produção desses projetos valorizam as expressões identitárias da torcida em variados âmbitos, promovendo uma significação social.

Você não deve realizar ações sociais querendo mostrar que de certa forma você é bom moço, com isso mesmo eu não concordo. Se você vai fazer uma ação social, seja de torcida ou não, você tem que fazer porque quer ajudar, porque você quer ofertar e tratar o próximo bem e não porque você quer mostrar que é uma pessoa do bem. Têm torcidas que fazem isso para mostrar esse lado, briguei na quarta feira, mas no domingo estou aqui ajudando as crianças, acontece muito isso. Não é bem assim que deve ser, tem que existir atividade, mas tem que existir por querer fazer o bem ao próximo, por realmente querer fazer uma ação social a quem precisa, tem que ter essa característica. Eu penso que tem que ser algo legítimo e que deve ser fortalecido. [...] **De certa forma essas ações sociais aproximam mais a gente da família, porque vai o pai, vai mãe, os avós e vai as crianças, aí a gente vai tentando mudar um pouco dessa imagem, e aí sim a torcida organizada está fazendo o papel da ação social correta. Não é camuflar, mas querer realmente mostrar o que a gente faz aqui e tá querendo fazer de bom grado e de coração, não é só pra simplesmente tirar foto e depois postar no *facebook*, ou mandar para alguma emissora de TV pra documentar e ser exibido, não é bem assim que encaro ação social de torcida. Sempre que tenho a oportunidade estou participando e ajudando, porque hoje em dia você vê poucas pessoas fazendo o bem para outras, e quando uma torcida organizada que é caracterizada por ser violenta faz o bem pra outra pessoa, a visão muda totalmente, mas ninguém noticia e ninguém fala porque é mais fácil falar da torcida brigando.** Não que a briga não deve ser mostrada, deve sim, mas é mostrar para dizer que existe insegurança na sociedade e não só no estádio, a torcida organizada não é o centro da insegurança pública, a questão é que falta segurança para a sociedade em geral. (PUXADOR) (grifo nosso)

A partir dessas falas entendemos que os projetos sociais desenvolvidos pela TEG também caracterizam uma referencia identitária para o grupo, produzindo informações ajustadas aos valores morais socialmente aceitos por outras instituições, divergindo da imagem unicamente transgressora. Com base em Goffman (2004), analisamos que essas atividades são demandas realizadas, efetivamente, pela torcida e apresentadas por seus membros como atributos sociais que eles/as demonstram possuir e, portanto, pode-se considerar como a “identidade real”. Por outro lado, estas informações transmitidas pelo grupo estão em contato constante com o caráter que é imputado a eles/as, uma caracterização efetiva, atribuída por sujeitos que estão fora da realidade da torcida, construindo uma “identidade virtual”. Nesse ponto, as torcidas organizadas, em geral, são classificadas

mediante informações que constituem principalmente a identidade social virtual, comumente, relacionada à suas atuações nos estádios e seus comportamentos estigmatizados, logo, desconsiderando atividades que são vivenciadas fora desse cenário anunciado. Assim, compreendemos que a construção da identidade desses grupos está traçada por uma linha tênue de tensão entre identidade real e virtual, ou seja, o que é realizado, significado e representando dentro da torcida e o que é repassado fora desse escopo.

Pertencer a uma torcida organizada é marcar e afirmar uma identidade pautada na semelhança e diferença, logo, estabelecendo diálogos com informações de variados segmentos, construindo sistemas classificatórios, determinando fronteiras, enfim, manifestando aproximações, distanciamentos, engajamentos e, sobretudo, representatividade entre grupos que interagem no mesmo campo, além de buscar reconhecimento em outros campos sociais. Diante disso, consideramos que na TEG seus membros desenvolvem suas articulações pautadas em princípios de identificações internas e externas, admitindo tensões que também envolvem elementos da cultura esportiva e a especificidade do seu meio de consolidação, considerando as significações culturais localistas. Para estes sujeitos fazer parte de torcida organizada é viver intensamente o grupo – representando simbolicamente e fisicamente –, produzindo múltiplas atividades a partir de suas correlações afetivas, destacando atuações e compromissos mútuos, assumindo práticas de sociabilidade próprias, buscando valorização coletiva e satisfação pessoal, manifestando-se enquanto investimentos possíveis, a partir de uma escolha possível.

Torcida organizada é minha vida! Tá na minha pele (mostra as tatuagens do corpo), na minha alma... Eu vivo isso aqui vinte e quatro horas por dia. As pessoas de fora não entendem porque estou sempre com uma camisa da TEG, um calção, estou sempre na sede, mas é que isso aqui faz parte da minha vida, da minha paixão. A gente aqui é família. Eu gosto de viver como torcedor organizado é o que me deixa feliz e me faz muito bem.
(PRESIDENTE)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é reconhecido enquanto fenômeno esportivo de grande destaque no Brasil, movimentando um público variado de torcedores/as que estabelecem princípios de classificações através da construção do gosto e de preferências por determinados clubes. Essas relações entre clube e torcida passam a referendar práticas de identificação social e constituindo um estilo de vida entre diferentes grupos de torcedores/as que vivenciam suas preferências clubísticas para além do âmbito futebolístico, se estruturando como instituições de torcidas organizadas. Todavia, ainda que o futebol se apresente enquanto modo de impulso particular da formação destes grupos, o gosto por um determinado clube por si só não define o estilo de vida das torcidas organizadas, pois estas passam a interagir em um contexto marcado por sociabilidades próprias em uma relação de interdependência com o clube e que marcam a identidade do grupo em variados espaços.

Á luz dessas informações, procuramos apresentar nesta pesquisa outras possibilidades de experiências torcedoras, para além da ligação com o clube, compreendendo seus modos de formação e organização no campo social em que interagem. As torcidas se organizam em um contexto sinalizado por proximidades e diferenças entre grupos, abrangendo microespaços, múltiplos e simbólicos, formados pela indumentária, o modo de torcer, as músicas e linguagens características, construindo sociabilidades específicas que se inserem no espaço urbano e viabilizam outros modos de relacionamentos e, portanto, produzindo seus capitais simbólicos de identificação, demarcando posições e *status* que se movimentam no campo social das torcidas organizadas. Assim, emergindo como oportunidade de integração coletiva para seus/suas integrantes, na qual desempenham tarefas específicas, internalizando regras, valores e condutas peculiares que distinguem esses sujeitos em seus espaços de atuação, seja nos estádios, na sede da torcida ou em outros espaços de convivência.

Entendemos que não existe uma definição própria para descrever a sociabilidade e identidade das torcidas organizadas de modo geral, pois cada uma se manifesta de acordo com suas próprias experiências locais, mesmo que exista um envolvimento generalizado que indique a organização desses grupos, contudo, suas formas de interações e classificações também são oriundas de mudanças relacionais no cenário específico em que se constituem, interagindo em diferentes intensidades e combinações diversas, moldando experiências identitárias que estão correlacionadas. Entretanto, é preciso reconhecer a complexidade da apreensão racional das “regularidades recorrentes”, como pensou Simmel em contextos específicos de sociação. Nesse sentido, a TEG constrói suas vivências em um cenário

peculiar, buscando manter sua organização diante de uma desvalorização da cultura esportiva no estado e, assim, reinventando novas formas de continuarem atuando no campo social e seguindo com a ideologia da torcida, sustentando o que qualificam de “disposição, ideal e loucura”. Além disso, a sua maneira, cada torcedor/a interage e participa da torcida de acordo com interesses próprios, considerando diferenças entre graus de instruções, cargos e as subdivisões que ocupam, mas sem comprometer os interesses coletivos.

No desenvolvimento deste estudo identificamos investimentos variados na produção da identidade do/a torcedor/a organizado/a da TEG, manifestados na realização de eventos e ações sociais que se configuram de um modo diferente do estigma que é imputado a eles/as. São relações de afetividades e compromissos ponderados que apresentam aspectos contrários ao comportamento transgressor e viril que é facilmente apontado como principal característica desses grupos. As torcidas organizadas não podem ser reduzidas ao aspecto comum de produtoras de violência, dessa forma estaríamos negando um conjunto de valores, práticas culturais e a própria busca de reconhecimento social que fazem parte dos processos de construção das identidades culturais. Contudo, não procuramos anular tais comportamentos transgressores, antes é preciso destacar que existe uma sociabilidade do conflito que pode levar a ocorrência de confrontos violentos entre grupos rivais que estão disputando entre si. Neste caso é preciso reconhecer a linha tênue de tensão entre a representação da identidade real e a identidade virtual, com base nas informações sociais adquiridas pelo grupo e atribuídas ao grupo.

Em busca das vozes desses sujeitos compreendemos que a torcida organizada se apresenta para eles/as como um lugar de acolhimento, onde se sentem produtivos e representados pelo grupo. As ações e planejamentos que visam o reconhecimento da TEG retratam o estilo de vida que seus/suas integrantes escolheram prosseguir, nesse ponto, é preciso entender que suas condutas, códigos e símbolos de identificação têm um direcionamento coeso na lógica interna de organização e continuidade da torcida. E isso se expressa em seus discursos quando defendem que para muitos que observam de fora, seus atos não fazem sentido, mas que para eles/as este é o lugar no qual podem ser e fazer aquilo que lhes confere um grau elevado de importância social, e, assim, o fato de estarem interagindo coletivamente neste espaço, criam sentidos e direções para estes sujeitos produtores de sociabilidade identitária.

Diante disso, pode-se dizer que para empreender o estudo sociológico acerca das relações de sociabilidade e identidade na torcida Torcida Esporão do Galo, foi preciso acompanhar e analisar narrativas, concordâncias, discordâncias, gritos e silêncios, conhecer e

conviver em lugares que antes não apresentavam, aparentemente, tantos sentidos e significados, mas que agora ao adentrar no estádio, ir à sede e até mesmo percorrer por certas ruas, pedaços e trajetos, tornaram-se atos carregados de conteúdos, pois, esses ambientes estão imersos em um conjunto de formações e informações que compõe as partes e o todo deste grupo.

A torcida apresenta formas de pertencimentos que podem revelar traços constitutivos das associações torcedoras para além das posições e *status* ocupados em um movimento dialógico de símbolos, linguagens e comportamentos que se modificam ou alteram, segundo fatores externos imprescindíveis quanto a estruturas (dispositivos e ações) estruturantes internas (*habitus* e capital simbólico) que estão em jogo no campo social. Nessa lógica, existe um jogo complexo e dinâmico entre os/as torcedores/as organizados/as, ultrapassando as quatro linhas do campo e assumindo regras variadas de competições.

Afinal, espero que este trabalho possa contribuir de alguma forma para o estudo da Sociologia do Esporte e para que outros/as pesquisadores/as com interesse nesta temática possam se aproximar desse texto como fonte de conhecimento. Acredito e defendo a importância desta pesquisa no campo científico ao revelar como esses sujeitos constroem suas relações de sociabilidade e identidade, negociando diferentes formas de atuações que se manifestam no espaço urbano, ressignificando lugares, especialmente no contexto local de atuação da TEG, e possibilitando uma compreensão da dinâmica de organização desses grupos no estado do Piauí.

Não quero colocar aqui um ponto final, mas sim elucidar questões que permitam investigar e compreender as formas particulares de composição das torcidas organizadas de futebol. Entendendo que outros aspectos ainda precisam ser explorados mais detalhadamente, tais como: o envolvimento das torcidas organizadas com dirigentes esportivos, a relação da TEG com o poder público do estado, manifestações políticas e as relações de gênero e geração. Para então, construir um melhor entendimento da realidade desses grupos.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. Revisão de bibliografia. *In: ____*. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson, Learning, 2004, p.179-188.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006, p.159-168.
- BITTENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. *In: Desafios da imagem*. Campinas: Papirus, 1998, p.197-211.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 17- 65.
- BERNARDES, Cyro. **Sociologia aplicada à administração: gerenciando grupos nas organizações**. São Paulo: Atlas S.A, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989, p.7-73.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.149-221.
- _____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 13-53.
- _____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução: Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- _____. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p.693-723.
- _____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil - 11 ed., 2012.
- BRUYNE, Paul de. HERMAN, Jacques; SCHOUTEETE, Marca. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.
- CALDAS, Waldemir. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo, IBRISA, 1990.
- _____. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. São Paulo: Revista USP, 1994, p.40-49.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CARVALHO, José Carlos P. **Imaginário e mitologia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida**. Londrina: Ed. da UEL, 1998.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: vozes, 1994, p.169-191.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. *In: ZALUAR, Alba. Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Editora S.A, 1990, p.88-121.

CIELLARD, André. A análise documental. *In: Jean Poupart et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: vozes, 1997, p. 295-316.

DAMATTA, Roberto. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p.19-41.

DAMO, Arlei Sander. **A magia da seleção**. Campinas: Rev. Bras. Cienc. Esporte, v. 28, n. 1, 2006, p.73-90.

DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

DUNNING, Eric. **Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. London: Routledge, 1999, p.1-38.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L & MPM, 1995.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In: Martin W. Bauer; George Gaskell (org.). Pesquisa qualitativa com texto imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.64-89.

GUEDES, Simoni Lahud. O povo brasileiro no campo de futebol. *In: _____. O Brasil no campo de Futebol*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: Coletivo sabotagem, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: 2002.

GUILHON, Marcelo Faria. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às torcidas organizadas no Brasil. *In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Onésimo Rodriguez Aguilar (org.). Torcidas Organizadas na América Latina: estudos contemporâneos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

JACCOUD, Milène; MAYER, Robert. A observação direta e pesquisa qualitativa. *In: Joann Poupart et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008, p.254-294.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A Entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Trad. Thiago de Abreu e Lim Florencio Petrópolis, RJ, Editora Vozes/Edufal. 2013.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserção no futebol.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

LAPÉRIÈRE, Ane. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. *In: Jean Poupart et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.* Petrópolis: Vozes, 2008, p. 410-435.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol.** São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

_____. **Da periferia ao centro: pedaços & trajetos.** Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191-203

MORAIS, Diego Batista de. **O jogo na arquibancada: O Setor Alvinegro e as performances do torcer no contexto do Futebol Espetacularizado.** Dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Sociais, Fortaleza: UFC, 2015.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol.** Rio de Janeiro: Ed. Benvirá, 2012.

OLSON, Mancur. **A Lógica da Ação Coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais.** São Paulo: EDUSP, 1999, p.17-77.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das chuteiras imortais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *In: O Fenômeno Urbano.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades.** Petrópolis: Vozes, 2006

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PIMENTA, Carlos Alberto Máxima. **Torcidas Organizadas de Futebol: violência e autoafirmação – Aspectos da construção das novas relações sociais.** Taubaté: Vogal Editora, 1997.

RANCI, C. Relações difíceis. A interação entre pesquisadores e atores sociais. *In: Alberto Melucci (org.). Por uma sociologia reflexiva.* Petrópolis: Vozes, 2005, p. 43- 66.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano de; JUNIOR, Wanderley M. **A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas.** São Paulo: Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, v.26, n.3, jul./set. 2012, p.401-10.

SANTOS, Amanda Farias. **Torcidas Organizadas e Sociabilidade Juvenil no Nordeste.** Ministério do Esporte – Brasília, Maceió, 2013.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Ed, 2006, p. 59-63.

_____. A natureza sociológica do conflito. *In*: Moraes Filho, Evaristo (org.), **Simmel**, São Paulo, Ática, 1983, p.122-134.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

SPINK, Mary Jane; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. *In*: SPINK, M. J (org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p. 93-122.

STAHLBERG, L.T. Jogando em Vários Campos: Torcedoras, Futebol e Gênero. *In*: COSTA, Carlos Eduardo; TOLEDO, Luiz Henrique(Orgs.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: SP. Autores associados / Anpocs, 1996.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Campinas: Unicamp, 2004.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística: os torcedores “mistos” no Nordeste**. Dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Sociais, Fortaleza: UFC, 2011.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma construção histórica conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Titulo do estudo: “Não é só futebol”: relações de sociabilidade e identidade na Torcida Esporão do Galo em Teresina-PI.

Pesquisadora responsável: Ana Hilda Lima do Vale

E-mail: anahilda.l.vale@gmail.com

Telefone para contato: (86) 3224-1745 / (86) 98168-0986

Pesquisador participante: Prof.º Dr. Ferdinand Cavalcante Pereira

E-mail: ferdicpereira@gmail.com

Telefone para contato: (86) 99981-4310

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) a participar de uma entrevista semiestruturada, desenvolvida para elaboração de dissertação de mestrado. Sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária e isenta de custos. Antes de concordar em participar deste estudo, é muito importante que você compreenda as informações contidas neste documento e pergunte a pesquisadora responsável sobre qualquer dúvida que tiver. Você tem liberdade de recusar ou retirar sua permissão a qualquer momento, sem prejuízo. Caso concorde, deverá assinar esse formulário em duas vias, uma delas será sua.

Objetivo do estudo: Compreender e explicar os processos de construção das identidades sociais de sujeitos urbanos filiados a torcidas organizadas de futebol na cidade de Teresina.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder sobre os temas presentes no roteiro de entrevista.

Benefícios: Este estudo contribuirá para a compreensão sociológica das relações de sociabilidade e identificações de grupos culturais urbanos, ampliando as produções de conhecimento científico no campo de estudos da Sociologia do Esporte. Além disso, os resultados finais serão apresentados às pessoas diretamente envolvidas, para que possam (re)avaliar a organização do grupo e suas interações cotidianas no espaço urbano.

Riscos: A pesquisa pode apresentar algum tipo de desconforto aos seus participantes em decorrência dos temas que serão abordados nas entrevistas. Em tal caso, serão providenciadas medidas de segurança para minimizar possíveis riscos físicos ou psicológicos. Será garantida a autorização e privacidade de todos os dados construídos, visando não comprometer os(as) entrevistados(as) a situações de constrangimento. Assim como, as entrevistas serão realizadas em locais seguros e na preferência dos(as) participantes. A pesquisadora responsável estará pronta para solucionar qualquer dúvida ou necessidade resultante de sua participação.

Sigilo: Todas as informações fornecidas terão a privacidade garantida pela pesquisadora responsável. Os sujeitos de pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Finalidades do estudo: Este estudo tem finalidades acadêmicas, portanto seus resultados serão publicados em eventos e revistas científicas.

Eu, _____, declaro estar ciente e devidamente informado(a) sobre os procedimentos de realização da referida pesquisa, estando de acordo em participar voluntariamente.

Data/Local: ____ / ____ /2018, _____

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura da pesquisadora responsável

Observações complementares:

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga. Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ. CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.
Telefone: (86) 3237-2332 / E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br / [web: www.ufpi.br/cep](http://www.ufpi.br/cep)

APÊNDICE II – TABELA 1: Torcidas aliadas da TEG – DPA

Tabela 1. Torcidas aliadas da TEG União Dedos Para o Alto (DPA)	
Torcida	Estado
Força Jovem Goiás	Goiás
Força Jovem do Vasco	Rio de Janeiro
Fúria Jovem Botafogo	Rio de Janeiro
Galoucura (Atlético-MG)	Minas Gerais
Império Alviverde (Coritiba FC)	Paraná
Mancha Verde (Palmeiras)	São Paulo
Torcida Jovem do Grêmio	Rio Grande do Sul

APÊNDICE III – TABELA 2: Torcidas aliadas da TEG – LADO B

Tabela 2. Torcidas Aliadas da TEG União Lado B	
Torcida	Estado
Cearamor – TOC (Ceará SC)	Ceará
Comando Alvinegro (Central SC)	Pernambuco
Comando Alvirubro (CRB)	Alagoas
Facção Jovem Paysandu	Pará
Força Azul (São Raimundo SC)	Pará
Força Horizontina (Horizonte FC)	Ceará
Fúria Bicolor (Paysandu)	Pará
Força Jovem Cavalina (Imperatriz SID)	Maranhão
Fúria Icasiana (Icasa)	Ceará
Fúria Independente Botafogo – PB	Paraíba
Galo de Aço (River AC)	Piauí
Garra Alvinegra – TGA (ABC FC)	Rio Grande do Norte
Garra Alviverde (Sousa SC)	Paraíba
Império Alvinegro – 1931	Paraíba
Império Vermelho (Potiguar)	Rio Grande do Norte
Itajovem (Itapipoca EC)	Ceará
MOFI (Ceará SC)	Ceará

Continua

Raça Alvinegra (Central SC)	Pernambuco
Sampaio Roots (Sampaio Corrêa)	Maranhão
Sangue Alviverde (Icasa)	Ceará
Terror Bicolor (Paysandu)	Pará
Terror Tricolor (SC Bahia)	Bahia
Torcida Jovem do Botafogo – PB	Paraíba
Torcida Jovem Fanautico (Náutico)	Pernambuco
Tubarões da Fiel (Sampaio Corrêa)	Maranhão
Torcida Garra (CRB)	Rio Grande do Norte
Ultras 1915 (ABC FC)	Rio Grande do Norte

Conclusão

APÊNDICE IV– ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Instrumento para construção de dados: Diretores(as) e membros da Torcida Esporão do Galo

Objetivos da entrevista: O seguinte roteiro de entrevista tem como objetivo a obtenção de informações que respondam sobre sociabilidade, identificações, pertencimento e alteridades em grupos de torcidas organizadas de futebol.

Data: ____ / ____ / _____

Dados do(a) Entrevistado(a):

- Pseudônimo:
- Idade:
- Gênero:
- Grau de escolaridade:
- Profissão:
- Função na torcida:

Tópico I: Relações entre torcedor/a e o clube de futebol profissional:

- Quando começou a torcer pelo River-PI?
- Como descreve sua relação com o River (vivências em relação ao clube)?
- Como percebe a relação do clube com a Torcida Esporão do Galo?

Tópico II: Formação, identificação e pertencimento à Torcida Esporão do Galo:

- Motivos que levaram a fundar uma torcida organizada? (aplicada somente aos membros fundadores da torcida)
- Motivos que levaram a se filiar em uma torcida organizada? (membros gerais).
- De qual subdivisão da torcida (rinhas, poder feminino) faz parte e o que ela significa/representa?
- Qual a atuação das mulheres na torcida / Poder feminino?
- Quais são os eventos organizados pela TEG – como dividem a organização dos eventos entre a diretoria e membros gerais? (aplicada a diretoria)

- Quais as estratégias de atuação da torcida na cidade (atividades/ações sociais)?
- Qual a participação (frequência) nos encontros do grupo?
- Atividades que exerce para a manutenção da torcida? (contribuições financeiras e materiais, função no grupo).
- O que os símbolos da torcida significam (os símbolos de cada rinha e do poder feminino/ nome e lema da torcida)?
- O que a sede da torcida representa?
- Como descreve a relação com os outros membros da Torcida Esporão do Galo?

TópicoIII: Relação com outras torcidas organizadas e com os torcedores “comuns”:

- Como se relaciona com outras torcidas organizadas do River-PI?
- Qual a relação da Torcida Esporão do Galo com torcidas organizadas de times rivais?
- Como acontecem os encontros fora dos estádios com outras torcidas organizadas (alianças e rivalidades)?
- Qual a relação com os torcedores “comuns” do River?
- Qual a relação com torcedores “comuns” de outras torcidas?

ANEXO I – CARTA DE ENCAMINHAMENTO



CARTA DE ENCAMINHAMENTO

Teresina (PI), 28 de março de 2018

Ao

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí – CEP/UFPI

Prof.º Drº Herbert de Sousa Barbosa.

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI

Caro Prof.º,

Estou enviando o projeto de pesquisa intitulado: “**Não é só futebol**”: **relações de sociabilidade e identidade na Torcida Esporão do Galo em Teresina-PI**, para a apreciação por este Comitê.

Confirmo que todos os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa realizaram a leitura e estão cientes do conteúdo da resolução CNS Nº 510/2016 (Pesquisas em Ciências Sociais e Humanas) e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99, 303/2000, 304/2000, 340/2004, 370/2007, 441/2011 e 466/2012).

Confirmo também:

- 1- que esta pesquisa ainda não foi iniciada,
- 2- que não há participação estrangeira nesta pesquisa,
- 3- que comunicarei ao CEP-UFPI os eventuais eventos adversos ocorridos com o voluntário,
- 4- que apresentarei relatório anual e final desta pesquisa ao CEP-UFPI,
- 5- que retirarei por minha própria conta os pareceres e o certificado junto à secretaria do CEP-UFPI.

Atenciosamente,

Ana Hilda Lima do Vale
Pesquisadora responsável

Nome: Ana Hilda Lima do Vale

CPF: 045.110.123-50

Professor Orientador: Prof.º Dr.º Ferdinand Cavalcante Pereira

CPF: 078.489.513-91

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL)

Programa de Pós- Graduação em Sociologia (PPGS)

ANEXO II – DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA



DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA

Ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade Federal do Piauí

Eu, **Ana Hilda Lima do Vale**, pesquisadora responsável pela pesquisa intitulada “**Não é só futebol**”: relações de sociabilidade e identidade na Torcida Esporão do Galo em Teresina-PI, declaro que:

- Assumo o compromisso de cumprir os Termos das Resoluções Nº 466/2012, de 12 de dezembro de 2012 e Nº 510/2016, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).
- Assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- Os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade da pesquisadora, Ana Hilda Lima do Vale, da área do Mestrado em Sociologia da UFPI; que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa.
- Não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
- Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- O CEP-UFPI será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- O CEP-UFPI será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- Esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Teresina (PI), 28 de março de 2018.

Ana Hilda Lima do Vale

Ana Hilda Lima do Vale

CPF: 045.110.123-50 / Pesquisadora Responsável

ANEXO III – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: “Não é só futebol”: relações de sociabilidade e identidade na Torcida Esporão do Galo em Teresina-PI

Pesquisadora responsável: Ana Hilda Lima do Vale

Instituição/Departamento: UFPI / PPGS

Telefone para contato: (86) 98168-0986

Local da coleta de dados: Sede da Torcida Esporão do Galo

A pesquisadora do presente projeto se compromete a preservar a privacidade dos(as) participantes cujos dados serão coletados através de anotações de campo, entrevistas gravadas, pesquisas documentais e registros fotográficos, junto a integrantes da Torcida Esporão do Galo. Concorda, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no banco de dados do notebook pessoal e acervo particular da pesquisadora responsável, Ana Hilda Lima do Vale, por um período de 2 (dois) anos. Após este período, os dados serão destruídos.

Teresina, 28 de março de 2018.

Ana Hilda Lima do Vale

Pesquisadora Responsável

ANEXO IV – FICHA DE CADASTRO DA TEG



FICHA DE CADASTRO

MATRICULA N°: _____ DATA DA ADMISSÃO: ___ / ___ / ___
NOME: _____ DATA DE NAS.: ___ / ___ / ___
ENDEREÇO: _____ BAIRRO: _____
CIDADE: _____ ESTADO: _____ CEP: _____
TELEFONE: _____ E-MAIL: _____

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que me responsabilizo pelas informações acima descritas e por qualquer ato por mim praticado, isentando assim, a TORCIDA ESPORÃO DO GALO de qualquer responsabilidade.

(Assinatura do associado ou do responsável se for menor)

Ao se associar a TORCIDA ESPORÃO DO GALO, o associado (em dia com suas mensalidades), tem direito a desconto em camisas, bonés, ingressos, festas organizadas pela torcida e viagens.

A TORCIDA ESPORÃO DO GALO, não se responsabiliza por atos praticados por torcedores vestidos com uniforme da torcida (mesmo sendo associados).

Diretor secretário

Presidente

ANEXO V – SIMBOLOGIA DAS SUBDIVISÕES DA TEG



ANEXO VI – MAPA DAS ROTAS PERCORRIDAS PELA TEG ENTRE OS ESTÁDIOS E A SEDE DA TORCIDA

Rotas da Torcida Esporão do Galo

Rotas de Estádio Governador Alberto Tavares Silva - Avenida Industrial Gil Martins - Redenção, Teresina - PI até Estádio Municipal Lindolfo Monteiro - Rua João Cabral - Centro (Sul), Teresina - PI

A

Estádio Governador Alberto Tavares Silva - Avenida Industrial Gil Martins - Redenção, Teresina - PI

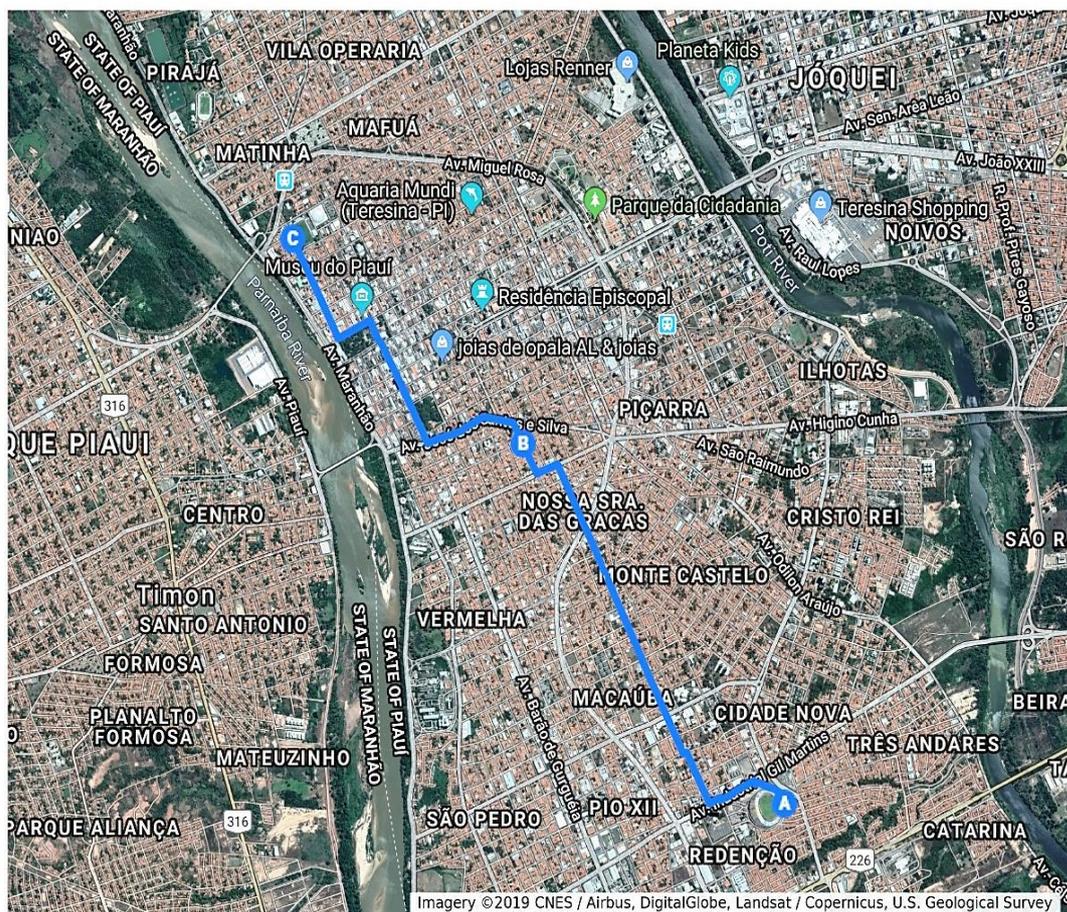
B

Sede da Torcida Esporão do Galo - Rua Gabriel Ferreira - Centro (Sul), Teresina - PI

C

Estádio Municipal Lindolfo Monteiro - Rua João Cabral - Centro (Sul), Teresina - PI

Percurso da TEG até os estádios da cidade de Teresina



3,3 km – Sede da TEG até o Estádio Albertão

2,6 km – Sede da TEG até o Estádio Lindolfo Monteiro

Fonte: Dados cartográficos do *Google Maps* [com adaptações da pesquisadora]: TERESINA, 2015.